



CULTURA VIVA **TIMBIRA** NOSSAS COISAS E SABERES

CTI Centro de Trabalho Indigenista

O CTI é uma entidade da sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em 1979. Tem como proposta contribuir para que os Povos Indígenas assumam o controle efetivo de seus territórios, esclarecendo-lhes sobre o papel do Estado na proteção e garantia de seus direitos constitucionais. Atua em Terras Indígenas inseridas nos Biomas Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica.



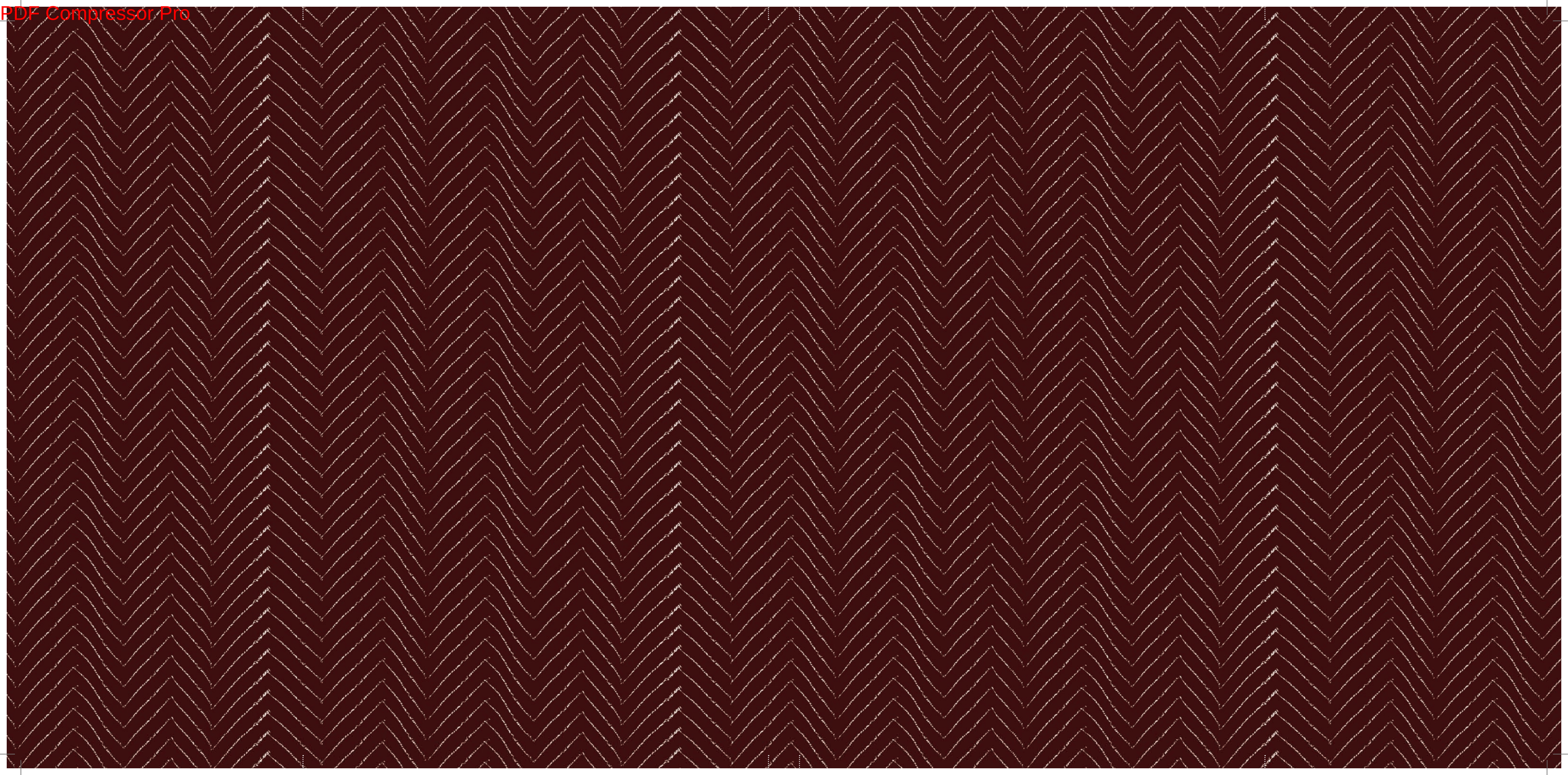
ISBN 978-85-60028-02-3



9 788560 028023

NOSSAS COISAS E SABERES
TIMBIRA





NOSSAS COISAS E SABERES

TIMBIRA

NOSSAS COISAS E SABERES

TIMBIRA

COLEÇÕES DE MUSEUS + PRODUÇÃO VIVA







“O CIPÓ
NO MATO
SE TECE
COMO
UM CESTO.”

[canto timbira]



Cultura Viva Timbira

O Centro de Trabalho Indigenista busca fortalecer, há mais de 25 anos, a prática musical e ritual dos povos Timbira por meio do Programa Cultura Viva Timbira. O intercâmbio de gravações de cantos e depoimentos entre as diferentes aldeias estimula o interesse pela contínua circulação desses saberes.

As ações do Cultura Viva Timbira contemplam três conjuntos de atividades complementares:

1. apoio aos rituais nas aldeias;
2. aprimoramento, junto aos jovens Timbira, de procedimentos de registro audiovisual e classificação desses materiais para disponibilizá-los no Acervo Cultural Timbira;
3. consolidação do Centro Timbira de Ensino e Pesquisa *Pënxwyj Hëmpejxà*, em um Ponto de Cultura (Programa do Governo Federal), por meio da organização, ampliação e difusão do Acervo Cultural Timbira.

Música e narrativa, cantigas e textos, caracterizam sistemas vivos de conhecimento e, como tal, verdadeiros celeiros para estudos nas áreas de linguística, etnomusicologia e etnologia. O registro, recuperação, classificação, conservação e guarda de expressões do patrimônio cultural são ações que apoiam as iniciativas dos povos Timbira no fortalecimento e difusão de suas manifestações culturais e dinamizam suas próprias formas de transmissão de conhecimentos. É no âmbito das performances musicais e rituais que esse conhecimento é adquirido e ampliado, perpetuando sua transmissão.

FOTO PÁGINA
ANTERIOR.
2006. Krahô. Aldeia Nova.
Mulher tece cofo.
Acervo Cultural Timbira.

©Foto página anterior Bento Viana.

Centro Timbira de Ensino e Pesquisa *Pënxwyj Hëmpejxà*

O Centro Timbira de Ensino e Pesquisa *Pënxwyj Hëmpejxà* foi fundado em 1997 e está localizado no coração do Cerrado brasileiro, no Estado do Maranhão, na cidade de Carolina, equidistante às seis Terras Indígenas Timbira. É um espaço de referência para esses povos: lá participam de cursos de formação em gestão ambiental e cultural, informática e técnicas de registro audiovisual; realizam pesquisas, reuniões, intercâmbios musicais e trocam informações sobre o movimento nas outras aldeias. O Centro *Pënxwyj* abriga o Acervo Cultural Timbira (ACT), que reúne mais de 500 horas de gravação, 20 mil fotos e um acervo de livros e documentos. Além destes materiais audiovisuais produzidos pelos Timbira e pela equipe do CTI - que alimentam e movimentam cotidianamente o acervo-, foram feitas pesquisas em diversas instituições do país para complementar o acervo de documentos escritos, sonoros e iconográficos sobre os Timbira. Estes materiais são organizados em conjunto com os jovens por meio de oficinas que trabalham no aprimoramento de técnicas de documentação.

Com o propósito de contribuir para a transmissão de saberes e com a produção cultural dos Timbira, assim como, para divulgação de suas expressões culturais a outros grupos da sociedade, o Centro Timbira de Ensino e Pesquisa *Pënxwyj Hëmpejxà*, vem se afirmando como Ponto de Cultura do Ministério da Cultura (MinC).

CERRADO EM PÉ, CULTURA VIVA TIMBIRA. CULTURA VIVA TIMBIRA, CERRADO EM PÉ.

Falar dos Timbira é falar do Cerrado. E falar do Cerrado é falar dos Timbira e dos povos indígenas do Brasil Central. A existência do Cerrado, no sul do Maranhão e norte do Tocantins, depende dos Timbira, não só porque as Terras Indígenas que foram reconhecidas pelo Estado Brasileiro constituem importantes reservas da biodiversidade do Cerrado, mas porque ele guarda em sua paisagem a presença desses povos e do seu modo de ocupação e exploração.

A adaptação destas sociedades aos ambientes do Cerrado atingiu tal requinte que impressionou os primeiros estudiosos europeus. Perplexos, indagavam como seria possível se constituírem, sobre base material tão pobre (isto é, sem cerâmica, agricultura desenvolvida ou tecelagem), sociedades sofisticadas, demograficamente importantes e, sobretudo, expansionistas. De fato, antes do contato dizimador com os europeus - que se inicia no final do século XVII - estas sociedades possuíam aldeias circulares ou semicirculares com 2 a 3 mil pessoas. Os povos Timbira estão extremamente adaptados ao Cerrado e em função disso acredita-se que ocupam a região há pelo menos mil anos.

Este ambiente, contudo, está ameaçado. Estudos da Conservação Internacional (CI-Brasil) indicam que o Cerrado está desaparecendo rapidamente. Dos 204 milhões de hectares originais, 57% já foram destruídos e a metade das áreas remanescentes está bastante alterada, podendo não mais servir à conservação da biodiversidade. A taxa anual de desmatamento no bioma é alarmante, chegando a 1,5% ou 3 milhões de ha/ano (CI-Brasil, 2004). Trabalho da Funatura (1990) calculou que 40% da vegetação da

região já estava modificada no final de 1980, acarretando problemas com erosão e lixiviação dos solos, o que colaborou para os crescentes índices de deficiência hídrica verificados em algumas áreas.

Por outro lado, as políticas públicas que alavancaram os “grandes projetos” na região - Ferro-Carajás, Ferrovia Norte-Sul, complexo siderúrgico Marabá-Açailândia - induziram à incorporação das terras públicas às grandes propriedades privadas, tanto para sua utilização como estabelecimentos agropecuários produtivos, quanto para a especulação imobiliária, o que agravou o desmatamento.

Outros empreendimentos, implantados em passado recente e induzidos por políticas públicas de desenvolvimento regional, no médio Tocantins-Araguaia – e que se articularão com a UHE Estreito (tais como: incentivos fiscais da ADA para estabelecimentos de empresas agropecuárias; Terminais Graneleiros em Imperatriz e da Norte-Sul em Porto Franco; Ferrovia Norte-Sul e os projetos PRODECER III e IV) – são também responsáveis pela alta taxa de desmatamento e devastação do Cerrado.

Para os povos Timbira o processo desenvolvimentista desencadeado na região apenas tem acarretado transtornos e problemas em suas terras, com a passagem de estradas, ferrovias, linhas de transmissão de energia.

Além disso, os povos indígenas da região sofrem pressões quase cotidianas, advindas a reboque desse processo. O crescimento da ocupação, inclusive por meio dos Projetos de Assentamentos Federais e Estaduais, em seus territórios tradicionais e nos entornos das Terras Indígenas, coloca em risco suas riquezas naturais, sobretudo os recursos madeireiros e a fauna. Assim como a atualização e transmissão de seus conhecimentos para as novas gerações e a existência de um valioso patrimônio cultural.

CARTA DE APRESENTAÇÃO DA GRAFIA AOS LEITORES TIMBIRA

Wa me amy cỳ'huc ēhnta jarē. Wa ehjte to me pajy'huc tohw ny cut eh'huc. Ca me hōmpoh, pom me cy'huc cry pix ny me to eh'himpex ehnta ji te amjohcym hapacxy.

Me cohte to eh'huc tohw jehpix. Pom me paa-te ajpen par ehnta ji te to ajpen wyr eh'huc ne me paate ajpen jaren par xy'ny. Ne wa ehjte to cy'huc ehnta cym pom eh'huc cry'pix ny me to eh'himpex ehnta ji te.

Eh'huc ehnta to hohcapeh, ne wa ehjte to ehmpoo japry' pyhxyr. Eh'huc tohw ny ca me hompoh. Ne me amjohcym pa. Ca nee me ate eh'huc tohw to me eh'cacuc ny me ha'cre pex noore.

Cwyrjapi wa hare, nee pom me paate mam to eh'huc ja'cre pex ehnta ji my noore. Ne pom hapoh'ny me cryhjre ehnta ji my. Coh ha pom me paate to eh'huc ja'cre pex ehnta ji cut to eh'huc to papa. Me paate mam to eh'huc ja'cre pex ehnta ji cut.

Jonas Polino Gavião

GRAFIA UNIFORMIZADA PARA OS DIALETOS TIMBIRA

Letras aprovadas em 12 de dezembro de 2003 pela
Comissão de Professores Timbira do Centro Timbira de
Ensino e Pesquisa *Pënxwyj Hëmpejxà*

Consoantes

p – t – x – c – k – ' – m – n – g – w – j – r – h

Explicação das consoantes

1. c = qu = k

Não usar qu.

Usar c para final da sílaba: hapac.

Usar c – k para início de sílaba: ca, kop.

2. ' = h

Usar h para início de sílaba: hapac.

Usar ' para final de sílaba: Pa'nõ.

3. g = h

Os Krikati vão escrever h onde os falantes dos outros
dialetos timbira vão escrever g: cahỹ / cagỹ, hõr / gõr.

4. j = x

Os Gavião vão escrever x no final de algumas pala-
vras, enquanto os falantes dos outros dialetos timbira
vão escrever j: ipoj / ejpux.

5. p = t = x = m = n = w = r

Essas letras já estavam sendo escritas da mesma
forma, elas foram mantidas.

Vogais

a – e – ë – ē – ī – y – ÿ – ŷ – o – ö – õ – ũ

Explicação das vogais

6. a = ŷ

ca, pa, cahÿj, ŷhÿ, mÿ

7. y = ÿ

Alguns povos vão dizer [ϕ] ou [χ], onde outros vão dizer [χ] ou [Ϙ], mas todos vão escrever ÿ: crÿ, hÿ, pÿ, kwÿr. Alguns povos vão dizer [Ϙ] onde outros vão dizer [χ], mas todos vão escrever y: cökryt, tyc, kry.

8. e = ë

Alguns vão dizer [ɛ] e outros vão dizer [e], mas todos vão escrever e: tep, ate. Alguns vão dizer [e] e outros vão dizer [i], mas todos vão escrever ë: caapër, catë.

9. o = ö

Alguns vão dizer [ɔ] e outros vão dizer [o], mas todos vão escrever o: kop, ëto. Alguns vão dizer [o] e outros vão dizer [u], mas todos vão escrever ö: caprö, cömxë.

10. ē = ī

Alguns vão dizer [ɛ] e outros vão dizer [ē], mas todos vão escrever ē: cökrē, tē. Alguns vão dizer [ī] e outros vão dizer [ē], mas todos vão escrever ī: pī, mī.

11. õ = ũ

Alguns vão dizer [ɔ] e outros vão dizer [õ], mas todos vão escrever õ: mō, pō. Alguns vão dizer [ũ] e outros vão dizer [õ], mas todos vão escrever ũ: ënxũ, hũmre.



APRESENTAÇÃO	16
INTRODUÇÃO	22
ALDEIAS E VIDA	30
MÁSCARAS E OBJETOS RITUAIS	46
PINTURAS E ADORNOS	66
TRANÇADOS TECIDOS	104
VOZ E INSTRUMENTOS MUSICAIS	118
INVENTÁRIO	134





APRESENTAÇÃO: OS TIMBIRA E SEU ACERVO¹

NOTAS

1. Esta publicação não abrange a produção dos povos Timbira da TI da Geralda-Toco Preto, os Krepymcatejê, e ainda os Gavião-Paracatejê da TI Mãe Maria. Estes dois povos não fazem parte das ações levadas a cabo pelo Programa Cultura Viva Timbira.

2. Pronuncia-se algo como “Pintxui Himpeitxá” ou “Pentxui Hempeitxá”.

A proposta desta publicação é tornar acessível aos pesquisadores, indígenas e não indígenas, o conjunto de informações sobre os povos Timbira dispostos nos principais museus do país. Pretende provocar, com imagens atuais e antigas, uma reflexão entre os jovens Timbira sobre a sua produção cultural e, por fim, apresentar o **Acervo Cultural Timbira**, que integra o **Centro Timbira de Ensino e Pesquisa *Pënxwyj Hëmpejxà***² em Carolina, Maranhão.

As relações entre povos Timbira são marcadas por trocas – de cônjuges, de artefatos, cantos e conhecimentos – que possibilitam as variações de sua produção cultural. Apresentamos aqui uma amostra dessa produção que revela tanto as especificidades de cada povo, como os aspectos comuns pelos quais se identificam como Timbira.

Nesta publicação procuramos justapor as imagens de artefatos Timbira localizadas em museus com as imagens desses artefatos em momentos de festa e cotidiano. Buscamos aproximar fazeres e saberes de diferentes tempos e espaços, dando ênfase para suas continuidades e transformações, de acordo com o contexto, a história e o povo Timbira em questão.

Esperamos que esta publicação consiga expressar assim o universo cultural compartilhado pelos atuais povos Timbira; a capacidade ímpar de darem continuidade a esse universo incorporando em suas práticas culturais novas tecnologias, usos e objetos advindos da relação com a sociedade nacional; a sofisticação e complexidade de seu patrimônio cultural; a sua relação de interdependência com o Cerrado, que se expressa por meio do aproveitamento e uso sustentável de seu ambiente de vida.

Ao final, anexamos um inventário do patrimônio cultural timbira disponível nos museus brasi-

© Foto página anterior Curt Nimuendajú. Foto 1 Willian Crocker.



1

leiros, incluindo objetos, documentos, fotografias e material audiovisual, resultado da pesquisa realizada junto a diversos museus brasileiros.

Por fim, apresentamos o Acervo Cultural Timbira disponível no Centro Timbira de Ensino e Pesquisa *Pënxwyj Hëmpejxà*. Boa parte desse acervo resulta de coleções de pesquisadores e pessoas que estiveram junto aos diversos povos Timbira, em diferentes épocas.

Por fim, apresentamos o **Acervo Cultural Timbira** disponível no **Centro Timbira de Ensino e Pesquisa *Pënxwyj Hëmpejxà***. É ali que começa a história da pesquisa que resultou nesta publicação. Primeiramente, ao compor o **Acervo Cultural Timbira**, reu-

FOTO PÁGINA ANTERIOR.
1934. Canela Ramkokamekra. Jovens que estavam em reclusão durante o ritual do Pepjê. Acervo Setor Linguística Museu Nacional.

FOTO 1.
1993. Canela Ramkokamekra. Aldeia Escalvado. Mulheres trabalham no quintal das casas. Acervo Cultural Timbira.



nimos um rico e vasto acervo de fotos, gravações de cantos, festas, histórias, encontros e demais materiais produzidos pelos Timbira e pesquisadores que trabalharam junto a eles. Para que esse Acervo pudesse ser, de fato, uma referência para a sua produção cultural atual, buscamos mapear e oferecer aos Timbira um levantamento dos trabalhos que se encontram dispersos em diferentes acervos do país, elaborados por seu povo ou acerca dele.

O projeto foi acolhido pela Petrobrás e pelo Ministério da Cultura, o que permitiu que pesquisadores Timbira e do CTI saíssem em busca de objetos, bem como material escrito e audiovisual nos museus brasileiros. Parte das peças foi fotografada para ser incluída no **Acervo Cultural Timbira**, e a quase totalidade delas foi registrada por escrito e está indicada nesta publicação. O “quase” se deve à dificuldade que tivemos em obter informações e autorizações para a pesquisa em alguns museus.

Os acervos se revelam importantes meios de referência cultural, não apenas pelo fato de preservarem conhecimentos e artefatos, mas por serem instrumentos capazes de contribuir para o movimento contínuo de invenção e criação, ou seja, para a memória viva, atual, dos Timbira. Ao entrar em contato com os objetos e fotos antigas, os Timbira atualizam seus conhecimentos e vínculos com tais objetos, festas, rituais e situações cotidianas. Assim, são convidados a refletir sobre sua identidade e a reelaborar o passado de seu povo. Afinal, como ensinam os velhos, a cultura só existe quando ela é vivida no cotidiano das aldeias.

Maria Elisa Ladeira

Daniela Leme da Fonseca

Júlia Trujillo Miras

FOTO 2.

2010. Canela Apãnjekra.
Aldeia Porquinhos.
Meninos correm no
krĩũkape. Acervo Cultural
Timbira.





INTRODUÇÃO



NOTA 1.

TI Kraolândia: Krahô; TI Governador: Gavião-Pykobjê (Pyhcopcatiji); TI Krikati: Krikati; TI Apinajê: Apinajê; TI Porquinhos: Apãnjêkra; TI Canela: Canela-Ramkokamekra.

FOTO PÁGINA

ANTERIOR.

1942. Canela. Índios Canela dançando. Acervo Museu do Índio. Coleção Serviço de Proteção ao Índio.

FOTO 1.

1982. Krahô. Homem com crianças no pátio da aldeia. Acervo Cultural Timbira. Coleção Gilberto Azanha e Maria Elisa Ladeira.

Krahô, Gavião-Pykobjê (Pyhcopcatiji), Krikati, Apinajê, Apãnjêkra e Canela-Ramkokamekra. Estes são povos reconhecidos como Timbira, ocupantes tradicionais de uma grande extensão de terras nos cerrados do norte do Tocantins e sul do Maranhão, área colonizada a partir do século XIX por frentes agropastoris.

A população Timbira hoje é de cerca de nove mil pessoas, distribuídas em 52 aldeias e seis Terras Indígenas¹. Atualmente seus territórios são descontínuos, formando pequenas ilhas com extensões que variam entre 50 e 300 mil hectares, cercadas ou invadidas por fazendas de gado e produção de soja ou arroz. A limitação do território e a escassez da caça fazem com que a agricultura tenha cada vez mais importância, mas os Timbira mantêm-se tradicionalmente como sociedades de caçadores e coletores, cuja forma de ocupação dos campos de cerrado implica uma grande mobilidade e se reflete em sua cultura material. Altamente sofisticadas do ponto de vista da sua organiza-

© Foto página anterior Acervo Museu do Índio. Foto 1 Gilberto Azanha.

ção social, são consideradas “sociedades de festa”, preservando até os dias de hoje um número muito grande de rituais que marcam o tempo, regulam a vida social e a harmonia com o universo.

Os rituais, ou as festas, no dizer timbira, celebram mudanças na vida como nascimentos, mortes, puberdade, estações do ano, início de colheitas, fim de resguardos e passagem de prerrogativas rituais entre pessoas. O cotidiano é permeado pela preparação ou realização dessas festas, com seus cantos e atividades específicas, garantindo o movimento da vida nas aldeias.

Os povos Timbira não produzem artefatos em cerâmica. A cultura material destes povos é composta por pequeno elenco de objetos portáteis e resistentes ao choque. Um inventário de sua cultura material demonstrou que aproximadamente 65% dos itens são feitos de folhas de palmeiras. As folhas de buriti e de outras espécies são abundantes no Cerrado. Devido à facilidade e rapidez com que estes objetos são produzidos, assim como à pequena quantidade de bens necessários, cada pessoa pode produzir e descartar à vontade inúmeros artefatos. As cestas, por exemplo, levam de cinco minutos a uma hora para serem feitas, dependendo do cuidado com que são trançadas.

Em suma, o acervo tecnológico dos povos Timbira caracteriza-se por muitos trançados de palha, pela capacidade de descartar e reproduzir vários objetos segundo as necessidades do momento, plumária pouco elaborada e pela ausência de fabricação e uso de canoas e cerâmica.

O inventário de sua cultura material evidencia assim uma vida sociocultural adaptada ao Cerrado que gira em torno da premissa “mobilidade no espaço”, característica de sociedades de caçadores e cole-



tores. A região do Cerrado, com seus amplos horizontes, permite aos povos Timbira uma movimentação fácil - todos são grandes andarilhos e corredores - e visão à distância, além da possibilidade de explorarem, simultaneamente, as várias fisionomias vegetais que a caracteriza e que os Timbira classificam como *Ėjrom* (áreas de mata densa), *Hacot* (chapada), *Põ* e *Harë* (regiões de veredas).

Apesar dos quase 200 anos de contato com a sociedade nacional, marcado por forte discriminação, os velhos Timbira continuam a incentivar os jovens para que sigam as atividades dos *mehĩ* (índios Timbira). O tradicionalismo ou “conservantismo” timbira está marcado pelo uso da língua como um sistema vivo e operante, pelo uso do mesmo corte de cabelo, pela manutenção de suas organizações sociais e políticas, pela circularidade de suas aldeias e profusão de seus rituais.

©Foto 2 Júlia Trujillo Miras.



FOTO 2.
2009. Krahô. Aldeia
Nova. Velha Francelina
fundadora da aldeia no
quintal da casa. Acervo
Cultural Timbira.

Isso não significa que não incorporem itens ou pautas culturais dos *cöpê* (não indígenas), tais como cachorro, gado, espingarda, panela, escola, forró, facão, tesoura, tecido, miçanga, bicicleta, entre outros. Ou mesmo formas ocidentais de organização, tais como as “associações indígenas” - julgadas convenientes, isto é, compatíveis com a estratégia explicitamente adotada por estes povos de incorporarem a mudança englobando-a em sua forma e referência tradicional. Em outras palavras, os Timbira, ao firmarem-se como agentes do processo de contato com a sociedade não-indígena, demonstram sua capacidade de controle sobre tal abertura, bem como sobre as transformações que ela acarreta.

Maria Elisa Ladeira
Gilberto Azanha

Alberto Hapyhy Krahô, ao mostrar e comentar os enfeites e instrumentos das festas, nos explica que só o conjunto desses objetos pode trazer movimento e vida às aldeias, vinculando pessoas, plantas, animais e todos os habitantes do cosmos.

“Este material aqui é que faz tudo acontecer na aldeia, tudo de festa, se não tiver *xÿ*, se não tiver *kÿjre*, se não tiver o *hahĩ*, se não tiver *kõ'toj*, e não tiver padré [líder ritual], não tem animação de festa na aldeia. Qualquer um, se não estiver junto, nenhum vale, só um não dá conta. O *mehĩ* pode ser o que quiser, mas ele não pode esquecer disso aqui, porque senão a aldeia não tem “aldeia”, então tem que ter todo o conjunto.”

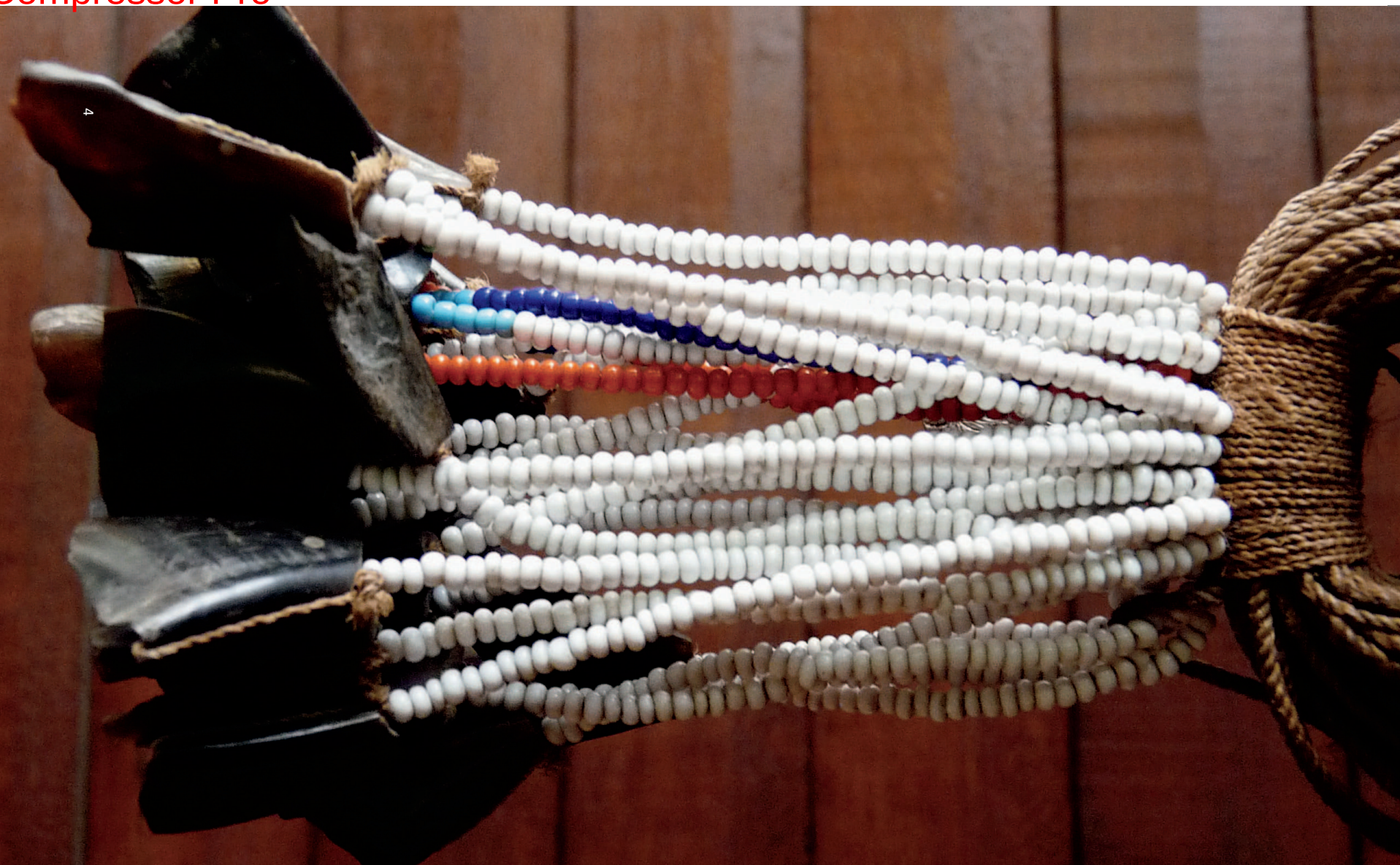
Alberto Hapyhy, Krahô. Aldeia Nova, 2010.

FOTO 3.
2010. Krahô. Alberto
Hapyhy segura
bastão, copjama.
Acervo Cultural Timbira.

FOTO 4.
2010. Colar de fio
de tucum com
unhas de veado.
Coleção pessoal
Gilberto Azanha
e Maria Elisa Ladeira.



© Foto 3 João Morita. Foto 4 Daniela Leme da Fonseca.







ALDEIAS E VIDA

FOTO PÁGINA
ANTERIOR.
1993-1995. Canela
Apãniekra. Aldeia
Porquinhos.
Acervo Cultural
Timbira.

FOTO 01.
1976. Krahô.
Aldeia Pedra
Branca. Acervo
Cultural Timbira.



As aldeias Timbira são construídas em lugares planos, de solo não pedregoso e perto de córregos d'água, que oferecem mata ciliar boa para os roçados. Com o esgotamento dos recursos da mata, é comum a aldeia ser reconstruída em outro lugar. Entretanto, a construção de casas de alvenaria (escola, enfermaria, posto da Funai) tem acentuado a fixação da aldeia em um mesmo local.

Nas Terras Indígenas Timbira são numerosos os caminhos estreitos que cortam o cerrado em todos os sentidos, ligando as casas aos lugares de banho, roça, caça e pescaria. Cada Terra Indígena também possui estradas de terra que permitem a ligação das aldeias com os núcleos urbanos.

As aldeias Timbira têm as suas casas dispostas em um círculo, cujo centro é uma área também circular e limpa, o pátio ou *cýy*. Ligando as casas, existe um caminho que está sempre limpo, o *krũcapé*, de onde nasce um outro perpendicular

©Foto Abertura: Jaime Siqueira. Foto 1 Gilberto Azanha.



e mais estreito, *prÿcarã*, que sai da frente de cada casa e conduz ao pátio. (foto 1)

O concentrismo das aldeias Timbira é base para a ordenação do universo. Todos os seres e coisas que povoam o cosmos estão referenciados neste espaço da aldeia: homens e mulheres, animais e plantas, bem como seres mitológicos, são classificados como *Cÿjmy'cra* ou *A'tÿcmy'cra* (referidas atualmente como *Katamyê* e *Wakmeyê*, entre os Krahô e *Kolti* e *Kolré* entre os Apinajé). O universo Timbira é dividido assim em duas metades, referidas no português como “partidos”. Todos os Timbira pertencem a uma dessas metades por meio da nominação. É a partir da nominação que os indivíduos conhecem os seus papéis cerimoniais, os lugares e funções que ocupam no pátio.

O mundo entre os Timbira é concebido de modo dualista, de forma que diferentes domínios se configuram em pares opostos e complementares:



verão/inverno; dia/noite; fogo/água; vermelho/preto; nascente/poente, e assim indefinidamente. A classificação dos seres e coisas a partir do espaço da aldeia é o que possibilita o domínio Timbira do cosmos. É nesse sentido que a aldeia é o centro do universo, por ser a partir da inclusão do mundo e sua diferenciação no espaço concêntrico da aldeia que ele é ordenado e significado. Segundo essa forma de organização, cada indivíduo, ao receber um nome, passa a integrar diferentes pares de metades. Um conjunto de nomes está ligado à metade cerimonial *Cỹjmy'cra*, que domina a estação da seca, o verão, e também o dia e o nascente. Outro conjunto de nomes está ligado à metade cerimonial *A'tỹcmy'cra*, que domina a estação chuvosa, a noite e o poente.

Deste modo, uma pessoa que tenha um nome tirado do conjunto de nomes da metade *Cỹjmy'cra* poderá viajar tranquilamente durante o verão, pois este é o seu tempo, enquanto uma pessoa *A'tỹcmy'cra* ficará alegre quando o tempo estiver nublado. Um homem do partido *A'tỹcmy'cra* fará sua borduna de jatobá de vaqueiro, enquanto um homem *Cỹjmy'cra* a fará de pau-roxo ou pau-brasil.

KRĩKAPE

É no círculo do *krĩkape* que estão situadas as casas, chamadas *ẽjcre*. Cada casa constitui um grupo doméstico, que inclui uma mulher, seu marido e filhos solteiros, suas filhas casadas, genros e netos. Logo, numa mesma casa, é possível encontrarmos de duas a mais famílias elementares.

A estrutura das casas tradicionais é feita de tronco de árvores como a Buritirana, a Aroeira e o Jatobá. O telhado e as paredes podem ser feitos da palha de palmeiras como o Buriti, Piaçava, Baca-

FOTO 2.
1993. Canela
Ramkokamekra. Aldeia
Escalvado. Casa de palha.
Acervo Cultural Timbira.

FOTO 3.
2010. Canela Apãnjekra.
Aldeia Porquinhos. Teto
de casa feito de palha.
Acervo Cultural Timbira.

FOTO 4.
1985. Apinajé.
Casa de taipá. Acervo
Cultural Timbira.

©Foto 2 William Crocker. Foto 3 Fabrício Fernandes. Foto 4 Gilberto Azanha.

ba, Inajá, Juçara e Babaçu. O tronco da Bacaba e do Buriti também serve para o esteio das casas. Nas áreas de mata (*ëjrom*), se encontram importantes recursos para a construção das casas, tais como madeiras, palhas e cipós. O material utilizado na construção das casas depende dos recursos existentes em cada território.

Ao longo dos últimos 20 anos, devido em parte à escassez das palhas, os telhados e as paredes das casas estão sendo feitos de taipa, adobe e, mais recentemente, devido a financiamentos de programas governamentais, de tijolo. A presença das casas de palha, contudo, é ainda bem marcante em algumas das Terras Timbira, como na TI Apinajé (fotos 2).

A casa pertence à família, local onde as mulheres criam os filhos e cuidam dos afazeres domésticos, cozinhando, fiando algodão, trançando cestos e enfeites. Cestos, cabaças, tapitis e pilões são objetos que povoam os interiores das casas e quintais e são usados cotidianamente pelas mulheres. Diferentes tipos de *cõcõn* (cabaça) e *cõ'toj* (cuité) são plantados nos quintais e roças e são utilizados para guardar sementes, carregar água ou alimentos e para a confecção dos instrumentos musicais.

Os *kahiiw* (pilões), obrigatórios nos quintais das casas, costumam ser feitos de tronco de Jatobá, Maria Preta ou Angelim. Estes troncos antes de tornarem-se pilão, normalmente serviram como tora de corrida. O *crow* (tora), depois de usado na corrida, costuma ser utilizado como banco, como cerca nas portas das casas para impedir a entrada de animais domésticos ou como pilão. Nesse último caso, a tora passa por um processo no qual a mulher coloca fogo em uma de suas extremidades e a abana para que o interior da madeira se

FOTO 5
1971. Krahô.
Moça pilando. Acervo
Cultural Timbira.

FOTO 6
1971. Homens sentados
em banco feito de tora,
em frente a uma casa
feita toda de palha.
Acervo Cultural Timbira.

FOTO 7
1993. Canela
Ramkokamekra.
Aldeia Escalvado.
Menina pilando. Acervo
Cultural Timbira.

© Foto 5 e 6 Julio Cesar Melatti. Foto 7 William Crocker.

queime vagarosamente formando a cavidade onde alimentos como arroz, gergelim, paçoca, massa de mandioca e frutas, serão socados. (fotos 5 e 7)

Em cada casa, os adultos atuam juntos para prover a subsistência dos filhos, sendo que os genros dedicam-se também a trabalhar na roça dos sogros e a repartir a carne conseguida, como forma de retribuição pela esposa recebida (o homem





sempre deixa um pedaço da caça abatida por ele na casa de sua mãe e irmãs, mas é obrigado a dar a maior parte para sua mulher e filhos). O homem, quando se casa, vai residir na casa da mulher, isto é, com os sogros. Essa regra faz com que os homens circulem entre duas casas (aquela da sua mãe, onde nasceu e foi criado, e aquela onde vai gerar seus filhos.

Foto 8 Acervo Museu do Índio.



8

FOTO 8.
1942. Canela,
Ramkokamekrá. Aldeia
do Ponto. “Índios Canela”
colhendo arroz no Posto
da Funai. Acervo Museu
do Índio. Coleção Serviço
de Proteção ao Índio.



9

Foto 9 Gilberto Azanha.

FOTO 9.
1981. Krahô. Aldeia
Galheiro. Mulheres
coletando arroz na roça.
Acervo Cultural Timbira.



CỖỖ - PÁTIO

As atividades cotidianas nas aldeias obedecem a um calendário ritual, regulado pelas atividades do cỖỖ (pátio), centro das aldeias circulares. É no pátio que os homens se reúnem todas as manhãs para decidir quais atividades serão realizadas: se vão caçar, se vão para a roça, se uma festa será iniciada ou concluída e o que é preciso ser feito para tanto (fotos 10 e 11).

A cada estação, verão e inverno, se escolhe um cỖpĩhỹpinxwyn, traduzido como “prefeito” pelos Timbira. Este homem lidera as reuniões realizadas no pátio da aldeia e pertence à metade cerimonial (CỖjmy’cra ou A’tỹcmy’cra) da estação vigente. Quando muda a estação, muda também a liderança para a outra metade.

As festas, amjōkin, que literalmente significa “alegrar-se”, preenchem o calendário anual das aldeias quase integralmente. Em qualquer época

© Foto 10 Acervo Museu do Índio. Fotos 11 e 12 Rodrigo Folhes.



11

FOTO 10.
1942. Canela. Reunião de Índios Canela.
Ao centro, dois chefes do Conselho, rodeados pelos índios mais velhos. Essa reunião ocorre no centro da Aldeia. Coleção: Serviço de Proteção aos Índios.



12

FOTO 11.
2007. Canela Ramkokamekra. Aldeia Escalvado. Reunião no pátio. Acervo Cultural Timbira.

FOTO 12.
2007. Canela Ramkokamekra. Aldeia Escalvado. Final do ritual do *Kêêtuwajê*, iniciação dos jovens. Momento dos cantos do *Ajokô*, quando no pátio, em duas fileiras, os jovens iniciados são protegidos dos espíritos pelas mulheres que se sentam sobre os joelhos, atrás de seu filho ou irmão, segurando-os pelos ombros. Acervo Cultural Timbira.

do ano uma aldeia Timbira está preparando uma festa, realizando uma festa ou esperando o que é preciso para continuar uma festa. Há um período ritual que se estende por toda a estação seca (verão) e outro durante a estação da chuva (inverno). Há ritos ligados ao ciclo de vida, aqueles que acentuam as relações entre consanguíneos e afins, os ligados às mudanças das estações e ao plantio e colheita e, ainda, os grandes ritos ligados à iniciação dos jovens.

©Foto 13 Helena Ladeira. Foto 14 Gilberto Azanha.





FOTO 13.
1981-1984. Aldeia
Galheiro. Povo Krahô.
Homem com presentes
que serão distribuídos
na festa. Acervo
Cultural Timbira.

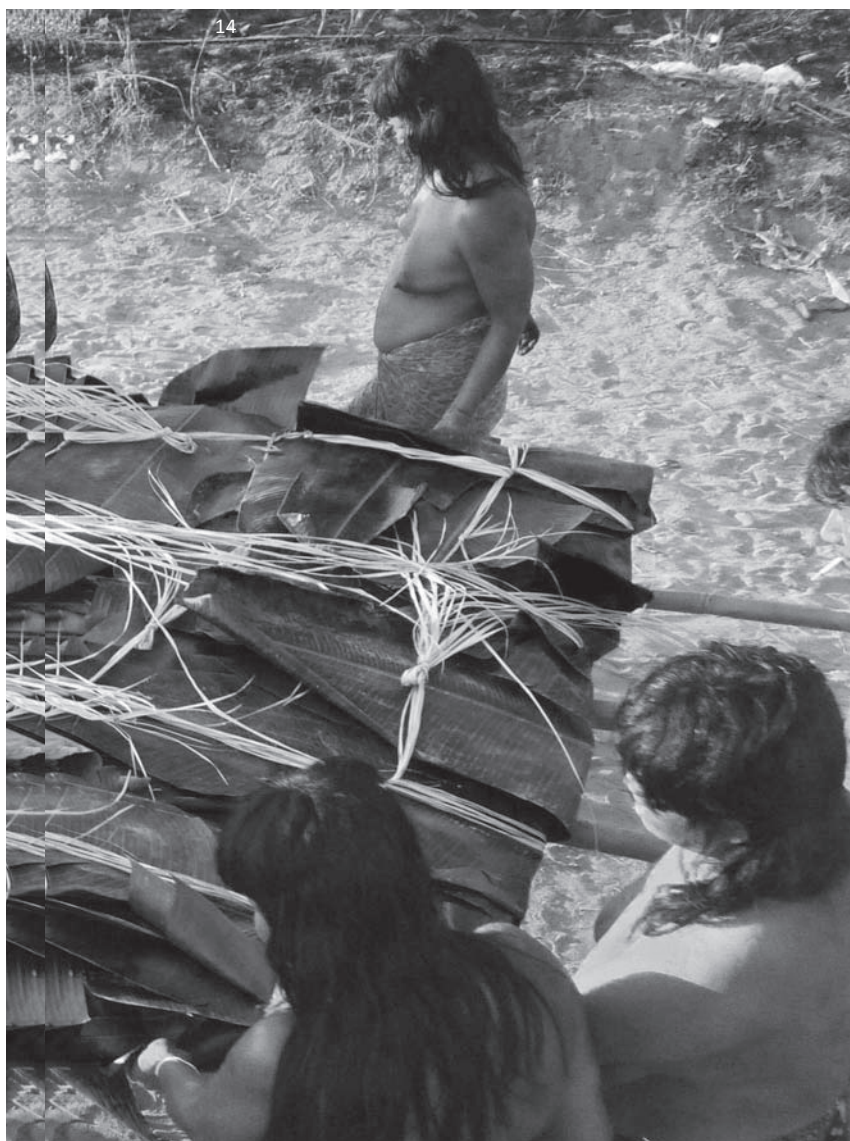


FOTO 14.
2006. Krahô. Aldeia Rio
Vermelho. Paparuto
sendo levado para assar.
Acervo Cultural Timbira.



As festas se prolongam por um período de latência de vários meses, até que a aldeia promotora consiga providenciar comida e outros itens necessários para sua conclusão. A etapa final de um *amjòkin* é marcada pela oferta abundante de comida nos dias que envolvem seu “arremate” (como os Timbira se referem em português a esse período) e culmina com a entrega no pátio da comida ritual, o *kwýrcupý*.

O *kwýrcupý*, traduzido como “paparuto” ou “berarubu”, feito pelas mulheres, é uma grande massa de mandioca ralada coberta com peda-



FOTO 15.
1963-1967. Krahô. Mulher
prepara paparuto. Acervo
Cultural Timbira.

ços de carne crua. A massa é embrulhada com folhas de bananeira brava e amarrada com fitas de buriti. Esse grande embrulho é levado para assar sob pedras, previamente aquecidas, durante toda a noite. No dia seguinte, logo cedo, ele é levado ao pátio e distribuído para toda a aldeia ou apenas para o conselho dos anciões, quando a aldeia é muito populosa (fotos 14 e 15).

Além da comida, são necessárias miçangas para a confecção dos artefatos rituais e *köpëxëë* (cor-tes de tecido), que são oferecidos aos participan-tes das outras aldeias (foto 13).

© Foto 15 Julio Cezar Melatti.





MÁSCARAS, TORAS E OBJETOS RITUAIS



MÁSCARAS

As máscaras e demais objetos rituais compõem os personagens rituais e atribuem qualidades para eles.

Existem diversos tipos de máscaras entre os Timbira, ligadas a diferentes rituais. As máscaras podem ser feitas de palha, de cabaça, podem ser tecidas e pintadas, podem esconder apenas o rosto ou o corpo inteiro de quem a está portando. Seu uso é um marcador social, desta forma apenas algumas pessoas em momentos determinados podem vestir uma dada máscara (fotos 1 e 2).

As máscaras de palha de buriti chamadas de *Kocrit'hö* são usadas nos rituais do *Tepjarkwa* (festa do peixe), do *Kocrit/Crowhu* (festa da máscara) e da *Wyty* (ritual de escolha de um menino ou menina que recebe a dignidade de *wyty*, a qual lhe confere respeito e algumas restrições; sua casa é como a pensão da aldeia). *Ko-*

© Foto página anterior Julio Cezar Melatti. Foto 1 Acervo Cultural Timbira. Foto 2 Demian Nery.



2

crit é uma referência a seres associados à água e *hō* significa folha.

A parte superior das máscaras *Kocrit'hō* é trançada como esteira e os $\frac{3}{4}$ inferiores são constituídos por uma saia de fitas de palha não trançada que cobre o indivíduo até os pés. Esta máscara varia de um metro e meio a dois metros de altura e possui cerca de noventa centímetros de largura. Conta com dois chifres de madeira de pati, que partem de suas costas para o alto, de modo que suas extremidades inferiores se toquem e as superiores se afastem (foto 2).

Entre os Gavião o uso dessas máscaras é prerrogativa dos homens que integram, via nomeação, o grupo cerimonial em destaque na festa da *Wyty*. Na última etapa deste ritual, as máscaras marcham em fila única e entram na aldeia no final da tarde. Duas mulheres, com máscaras ligei-

FOTO PÁGINA ANTERIOR.
1963-1964. Krahô.
Corrida de Tora durante Amjökin.
Acervo Cultural Timbira.

FOTO 01.
2010. Máscara *Kocrit'hō*.
Acervo Cultural Timbira.
Coleção de Artefatos.

FOTO 02.
2006. Krahô.
Aldeia Nova. *Kocrit'hō*.
Acervo Cultural Timbira.

FOTOS 3 E 4.
2008. Gavião-
Pyhcopcatiji.
Aldeia Governador.
Festa do Esteirão.
Acervo Cultural Timbira.



FOTO 5.
1934. Canela
Ramkokamekra.
Aldeia Escalvado.
Acervo Setor Linguística
Museu Nacional.

FOTO 6.
1961-1963.
Krahô. Menino Hõxwa
com máscara ritual usada
no Jýtjöpĩ (traduzido
pelos Timbira
como festa da batata).
Acervo Cultural Timbira.





ramente menores, seguem a fila. Cada máscara possui um desenho na parte superior frontal cujo padrão é identificado com um nome. Aos padrões tradicionais tem-se acrescentado padrões novos, criados pelos atuais portadores das máscaras.

As máscaras *Cu'pēhp* são usadas no *Rurut* (festa do Esteirão), ritual realizado pelos Gavião e Krikati ligado à iniciação dos jovens. Parecidas com as *Kocrit'hö*, estas grandes máscaras de palha têm toda a metade de cima trançada e a outra metade formada por fitas soltas, e servem de proteção aos jovens iniciados, os quais não devem se expor ao sol e às pessoas (fotos 3 e 4).



Há também máscaras faciais feitas de cabaça com aberturas para olhos e boca. São elaboradas de modo rudimentar e empenadas e pintadas de forma grosseira, são, assim, exemplo do modo incorreto de preparo destes objetos. Tais máscaras são como marcadores do papel ritual dos *Meken/Höxua*, que é satirizar teatralmente possíveis situações de ameaça, provocar o riso e aliviar tensões, na medida em que ironizam e subvertem comportamentos e regras que regem situações cerimoniais e cotidianas. Os *Meken/Höxua*, que podem ser de ambos os sexos, reforçam os valores Timbira por meio da encenação daquilo que é considerado como não correto (fotos 5 e 6).

TORAS



As toras consideradas “verdadeiras” entre os Krahô, Apãnjekra e Ramkokamekra são feitas geralmente do tronco da palmeira de Buri-ti e são chamadas de *Crowpÿr*. Entre os Apinajé, são feitas do tronco do Babaçu e recebem o nome de *Rõõpÿr* e entre os Gavião e Krikati a to-

©Fotos 3 e 4 Maria Elisa Ladeira. Foto 5 Curt Nimuendajú. Foto 6 Julio Cezar Melatti.



FOTO 7.
1983. Krahô. Aldeia
Galheiro. Corrida das
mulheres no ritual do fim
do luto, *Pỳrkahàc*.
Acervo Cultural Timbira.

FOTO 8.
1928. Apinajé.
Aldeia Bacaba.
Os péebkaag da bacaba
cantam em cima
das toras. Acervo
Setor de Linguística
Museu Nacional.

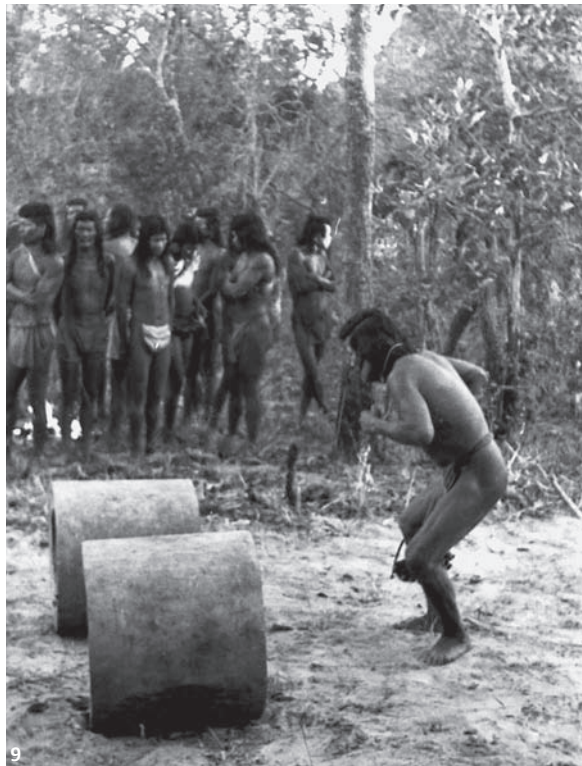
FOTO 9.
1967. Krahô. Aldeia
Cachoeira. Cantador
Ambrosinho entoando
cantos nas toras
da festa da Batata.
Acervo Cultural Timbira.

ra *Pỳrpej* é feita de madeira da árvore conhecida como barriguda. Todas variam de tamanho e peso de acordo com a festa a que estão relacionadas. Outras madeiras podem ser usadas na fabricação das toras, o que também vai depender do ritual e das madeiras encontradas em maior abundância em cada um dos territórios Timbira.

A corrida de tora consiste em uma disputa entre dois grupos de homens ou mulheres, divididos de acordo com suas metades cerimoniais. Cada grupo corre revezando sua tora, ou seja, passando-a de ombro em ombro. Existe uma extensa variedade de rituais e são diversos os tipos de toras que os caracterizam, cada tora possui um nome que também nomeia o ritual associado a ela.

As toras recebem os enfeites e pinturas apropriadas a cada festa, quando deixam de ser pedaços de madeira e tornam-se objetos rituais, passando a ter o mesmo nome que o da festa na qual estão inseridas.

As toras personificam os mortos homenageados no ritual do *Pỳrkapë*, *Pỳrkahàc* e *Pỳrpej* que



celebra o fim do luto. Entre os Apinajé, depois da última corrida, o par de toras é depositado sobre a sepultura do homenageado. Para os Krahô, Apinajé e Ramkokamekra as toras são depositadas na casa de origem do morto. Para os Gavião e Krikati as toras de fim de luto são depositadas no pátio. Mesmo depois da morte corporal de um Timbira, seus *mêcarô* (alma/espírito) continuam correndo com toras. Estas toras são cortadas e enfeitadas especialmente para o ritual e durante sua duração simbolizam o morto, contudo, após o término do ritual a tora é desprovida de seu caráter sagrado e passa a ser um objeto cotidiano, como um banco ou um pilão.

As toras são cortadas longe da aldeia. E seu corte, de responsabilidade de dois homens designados pelo conselho, envolve uma série de prescrições, resguardos e cantos. Elas ficam guardadas na chapada, por vezes dentro d'água quando querem que seu peso aumente, até o momento em que são trazidas para a aldeia na corrida de toras.

Durante os momentos de latência dos rituais

©Foto 7 Gilberto Azanha. Foto 8 Curt Nimuendajú. Foto 9 Julio Cezar Melatti.



10

FOTO 10.
1982. Krahô. Aldeia
Galheiro. Homens correm
com pequena tira na
Festa Apãnré, Hopoxet.
Acervo Cultural Timbira.



11

FOTO 11.
2006. Gavião-
Pyhcopcatiji.
Aldeia Rubiácea.
Mulher corre com a Tora
barriguda durante festa
Pyrpej (fim de luto).
Acervo Cultural Timbira.



12

FOTO 12.
2010. Krahô. Aldeia Rio
Vermelho. Corrida com
flechinhas pelo krĩkape.
Acervo Cultural Timbira.

os Timbira também usam flechas para correr pelo *krĩkape*. Essa corrida é uma prática comum de treino que trabalha a velocidade. As flechas podem ser enfeitadas com unha de veado, fios de algodão, penas e miçangas (foto 12).

OBJETOS RITUAIS

Os objetos utilizados nos rituais muitas vezes são também usados no cotidiano da aldeia, exemplo disso são o arco e flecha, a tira, o bastão; são elementos que fazem parte da vida rotineira dos Timbira, mas que dentro do ritual ganham outra importância e por isso são cuidados, enfeitados e pintados.

Os Timbira também confeccionam certos artefatos para destacar seres importantes dentro

©Foto 10 Gilberto Azanha. Foto 11 Roseana Gavião. Foto 12 Daniela Leme da Fonseca.



Foto 13 Maria Elisa Ladeira. Fotos 14 e 15 Julio Cezar Melatti.

do contexto ritual. Com a palha do Buriti elaboraram objetos que representam animais aquáticos como a arraia e o peixe. A arraia tem o papel de proteger o peixe para que ele não seja devorado por outros animais aquáticos e o peixe, representado por um feixe de palha, é recheado de comida. Esses objetos aparecem no ritual do *Tepjarkwa*, numa tradução livre, “a palavra do Peixe”, quando é destacada a importância do elemento água na formação dos seres (fotos 14 e 15).

Neste mesmo ritual são confeccionadas bonecas de talo de buriti que são seguradas como filhos pelas mulheres *Meken/Höxua*. Elas representam as duas meninas associadas à festa do *Tepjarkwa*, e destacam, pela inversão, as características dessas meninas que devem ser jovens

FOTO 13.
1973. Canela Apãniekra.
Aldeia Porquinhos.
Mulheres Meken
com bonecas feitas
do talo do buriti
na festa do *Tepjakwa*.
Acervo Cultural Timbira.

FOTO 14.
1963. Krahô.
Aldeia Cachoeira.
A representação da Arraia
na festa do *Tepjakwa*.
Acervo Cultural Timbira.

FOTO 15.
1963. Krahô. Aldeia
Cachoeira. Diniz *Tebjê*
mostra o peixe recheado.
Acervo Cultural Timbira.

FOTO 16.
1969. Krikati. Flecha de
caça e guerra. Acervo
Museu Goeldi. Coleção
Dolores Newton.

FOTOS 17 E 18.
1987. Krikati.
Pontas de flecha farpada.
Acervo Museu do Índio.
Coleção Agostinho
Correa Barbosa.

FOTOS 19 E 20.
1950. Canela-
Ramkokamekra. Arco
Quadrangular. Acervo
Museu do Índio. Coleção
Roberto Tamará.

FOTO 21.
1957. Gavião-
Pyhcopcatiji. Flecha de
taquara. Acervo Museu
do Índio. Coleção 2ª
Inspeção Regional - I.R
(Pará e Maranhão).

FOTO 22.
1960. Canela-
Ramkokamekra. Arco.
Acervo Museu Goeldi.
Coleção Willian Crocker.

FOTO 23.
1969. Gavião-Pykobjê
(Pyhcopcatiji). Flecha.
Acervo Museu Goeldi.
Coleção Edson Diniz.

e cupry, isto é, vazias e sem filhos. Os *Mēken/Höxua* produzem diversos objetos que servem como apoio para expressar suas ironias e sátiras durante os rituais dos quais fazem parte (foto 13).

ARCO E FLECHA

As pontas de bastões, flechas e lanças, são feitas geralmente de pau-brasil. Esculpidas pelos homens, são enfeitadas com penas de papagaio, arara e outras aves (fotos 16 a 23).

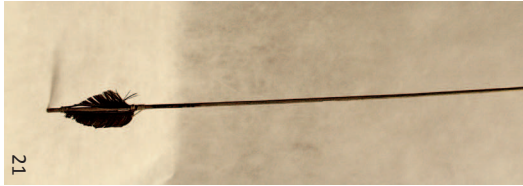
Antigamente, para caçar com arco e flecha em campo aberto (as chapadas), o caçador se disfarçava amarrando palha em cima da cabeça, para que a caça pudesse se aproximar sem vê-lo (foto 25). As caçadas coletivas ocorriam por conta de algum grande ritual que iria acontecer, os homens saíam em busca de carne em quantidade que pudesse alimentar todos os participantes da festa ao longo dos dias de sua duração.

Se o *cohi* (arco) e *crohw* (flecha), eram antes armas usadas em guerras e caçadas, são hoje basicamente utilizadas em jogos no pátio da aldeia, nos períodos de latência entre o início e o fim de determinados rituais. É nestas disputas no pátio que cada jogador pode exibir sua maestria (foto 24).

Na finalização do ritual *Rurut*, realizado pelos Gavião e Krikati, que marca o fim do processo de iniciação dos jovens, homens e mulheres participam dos jogos de flecha. Nesse jogo, quando dois adversários se enfrentam, aquele que consegue lançar a flecha mais longe fica com todas as flechas que ultrapassou. As flechas são atiradas em direção ao chão, onde elas quicam e sobem (fotos 26 a 28).

©Foto 16 Adriano Kaokré Gavião. Fotos 17 e 18 Daniela Leme da Fonseca. Fotos 19, 20 e 21 Júlia Trujillo Miras. Fotos 22 e 23 Adriano Kaokré Gavião.

©Foto 24 Julio Cezar Melatti. Foto 25 Curt Nimuendajú. Fotos 26 a 28 Juliana Noieto.





24



26



27



FOTO 24.
1967. Krahô.
Jogo de arco e flecha.
Acervo Cultural Timbira.

FOTO 25.
1928. Apinajé.
Caçador mascarado
caçando ema. Acervo
Setor de Linguística
do Museu Nacional.

FOTOS 26 a 28.
2006. Gavião-
Pyhcopcatiji. Aldeia
Riachinho. Disputa de
flechas no ritual Rurut.
Acervo Cultural Timbira.





OBJETOS DE PRESTÍGIO

Kýjre - o machado de pedra

O *Kýjre* ou *Pukra* (machado de pedra) possui um importante significado para os Timbira. Descrito como arma de guerra, é também insígnia de excelentes cantadores. O domínio dos cantos do *Kýjre* é prerrogativa apenas desses grandes cantadores e lhes confere prestígio especial.

Há uma série de mitos em torno do *Kýjre*. Alguns Krahô e Gavião contam que no tempo antigo existia um índio velho chamado *Hartât*, que andava por todos os lugares e conhecia tudo. Ele apresentou aos *mehĩ* (Timbira) o *Kýjre*, outros instrumentos e enfeites. Antes disso, apenas uma tribo de *mehĩ* conhecia o *Kýjre*. Seus cantadores e guerreiros usavam o machadinho nas caçadas, nos combates e nas cantorias. Esse povo se chamava *Cöcýmkkêere* e vivia na beira d'água. Um dia eles estavam na floresta e pegaram *Jôhe*, um rapaz que estava no alto de uma árvore caçando guariba. O grupo *Cöcýmkkêere* que-



ria matar e comer. Mas antes disso, foram levando *Jõhe* amarrado pela mata, pois pretendiam comê-lo depois de atravessar o rio. A filha de *Jõhe* reuniu alguns homens na aldeia para irem atrás de seu pai. *Jõhe* sentiu que seus parentes estavam vindo e pediu para que o desamarrassem para que ele pudesse cantar. Ele pediu o *Kýjre* para o chefe do povo *Cõçýmkkêere*, pois assim cantaria melhor. Enquanto ele cantava, seu irmão, a filha e outros parentes o encontraram, mataram todos os *Cõçýmkkêere*, só um deles escapou, e *Jõhe* voltou para a aldeia com o *Kýjre*. Desta forma, o *Kýjre* guarda em si a força que foi tomada de outro povo na guerra.

Os Apinajé, por sua vez, contam que a posse do *Pukra* (sua forma de nomear o machado de pedra) é que os diferencia dos outros *mehũ*. No tempo antigo, muitos caçadores não voltavam para casa. Um deles descobriu que os outros tinham sido atacados pelos *Kõpêxëë* (homens-morcego) com seus machadinhos *Pukra*. Esse caçador avisou aos outros da aldeia

FOTO 29.
2007. Krahô.
Aldeia Rio Vermelho.
Cantador Põnhycrat
com *Kýjre*. Acervo
Cultural Timbira.

FOTO 30.
2010. Apinajé.
Machado de pedra
semilunar com lâmina
encaixada em cabo
de madeira adornado
com fios de tucum
e linha de algodão.
Acervo Museu do Índio.

©Foto 29 Demian Nery. Foto 30 Daniela Leme da Fonseca.

e, assim, foi organizada uma expedição de guerra para eliminar esses inimigos. Muitos *Köpëxëë* conseguiram fugir, mas os Apinajé pegaram o *Pukra* e capturaram uma criança *Köpëxëë* que estava escondida. Essa criança foi criada na aldeia Apinajé e foi ela quem lhes ensinou sua língua, cantos, nomes pessoais e festas.

Uma versão do mito sobre estes cantos diz que a casa do *Kýjre* é no *cöjkwa* (“pé do céu”). Os Krahô chegam até ele conduzidos por *Hartât* e, seduzidos pelos cantos que ouvem, pedem a *Kýjre* um de seus filhos. Ele lhes dá seu filho homem, o machado em forma de lua crescente. O machado ensinará seu canto aos índios, mas aquele que o possuir deverá ser um modelo das virtudes Timbira: não deve fazer barulho, deve escutar mais que falar, não deve brigar, nem se divorciar, deve dormir pouco, não mal-dizer e esperar que todos tenham se servido para comer (fotos 29 e 30).

FOTO 31.
2009. Canela-Apãnjekrá.
Aldeia Porquinhos.

FOTO 32.
1942. Canela. Índio
Canela com ornamento.
Acervo Museu do Índio.
Coleção Serviço de
Proteção ao Índio.

FOTO 33.
1934. Canela
Ramkokamekra. Aldeia
Escalvado. Acervo Setor
de Linguística Museu
Nacional.



©Foto 31 Daniela Leme da Fonseca. Foto 32 Acervo Museu do Índio. Coleção Serviço de Proteção ao Índio - SPI. Foto 33 Curt Nimuendajú.

33





34

Copjamã - bastão cerimonial

O *Copjamã* (bastão cerimonial) pode ser feito de pau-roxo ou pau-brasil, atualmente é enfeitado com miçangas. É um objeto que simboliza o poder de aconselhar e de instruir. Uma liderança ou um diretor de ritual detém a palavra enquanto está portando o bastão. Geralmente, o bastão é usado em reuniões deliberativas nas aldeias ou por um mensageiro que passa de casa em casa informando data, local e o papel de cada um em determinada cerimônia.

© Foto 34 Gilberto Azanha. Foto 35 Olímpio Canela.



35

O bastão sem enfeites é nomeado *cõ*, nesta situação qualquer homem pode empunhá-lo quando quiser contar uma história ou fazer uso da palavra. Quando enfeitado, *cõpjamã*, somente aqueles que detêm o domínio da organização de um dado ritual e as músicas a ele associadas pode empunhá-lo.

Os *cõ* podem ser também grandes varas de madeira que são utilizadas nos rituais de iniciação e entregues pelos amigos formais dos iniciados, que devem portar as varas durante todo o dia da cerimônia (fotos 31, 32 a 35).

FOTO 34.
1973. Canela-Apãniekra.
Aldeia Porquinhos. Festa
do Tepjakwa. Acervo
Cultural Timbira.

FOTO 35.
2009. Canela-Apãniekra.
Aldeia Porquinhos.
Acervo Cultural Timbira.





PINTURAS E ADORNOS



FOTO PÁGINA ANTERIOR.
1928. Apinajé. Aldeia Gato Preto. Pëbkaag, festa de iniciação masculina, quando os homens usam ĕ'kratxiixy. Acervo Setor de Linguística do Museu Nacional.

FOTO 1.
1998. Apaniekra. Aldeia Porquinhos. Acervo Cultural Timbira.

FOTO 2.
2006. Krahô. Aldeia Cachoeira. Menina pintada com motivos wakmeyê. Acervo Cultural Timbira.

FOTO 3.
2007. Gavião-Pyhcopcatiji. Aldeia Governador. Jogo de flechas, pintura *katamyê*. Acervo Cultural Timbira.

A pintura corporal juntamente com os adornos formam um sistema integrado de sinais vinculado à estrutura social e referente na identificação de atributos, papéis e relações sociais singulares a cada indivíduo.

PINTURAS CORPORAIS

A pintura corporal juntamente com os adornos formam um sistema integrado de sinais vinculada a estrutura social e referente na identificação de atributos, papéis e relações sociais singulares a cada indivíduo.

A intenção significativa primordial da pintura corporal é indicar, esteticamente, o pertencimento de um indivíduo, independente de sexo ou idade, a uma das metades cerimoniais *A'týcmy'cra* ou *Cýjmy'cra*, que regulam a vida ritual e a que estão associados todos os seres que povoam o mundo.

A associação a uma destas metades cerimoniais é dada pela nomação. Os nomes pessoais Timbira

©Foto página anterior Curt Nimuendajú. Foto 1 Jaime Siqueira.



2



3

pertencem a uma destas metades e, assim, segundo o nome que recebe, toda a sociedade sabe a que metade este indivíduo pertence e qual o seu lugar na vida ritual. E, o corpo pintado com traços horizontais ou verticais é o sinal deste pertencimento.

Linhas horizontais traçadas sobre os corpos indicam o pertencimento à metade *A'tyçmy'cra*, “partido” que está à frente na vida política e ritual durante o tempo das chuvas (inverno) e os traços verticais indicam que o indivíduo é *Cjyçmy'cra*, “partido” do verão.

Preto e vermelho são as cores da ornamentação corporal Timbira. O preto é obtido com o leite do jenipapo; quando da ausência deste, usa-se o carvão pulverizado e misturado à resina obtida da *Sapium glandulosum*, referida pelos Timbira em português como “pau de leite”. O vermelho é extraído da semente do urucum. A tintura é preparada com antecedência e passada no corpo com o

Foto 2 Daniela Leme da Fonseca. Foto 3 Augusto Nascimento.

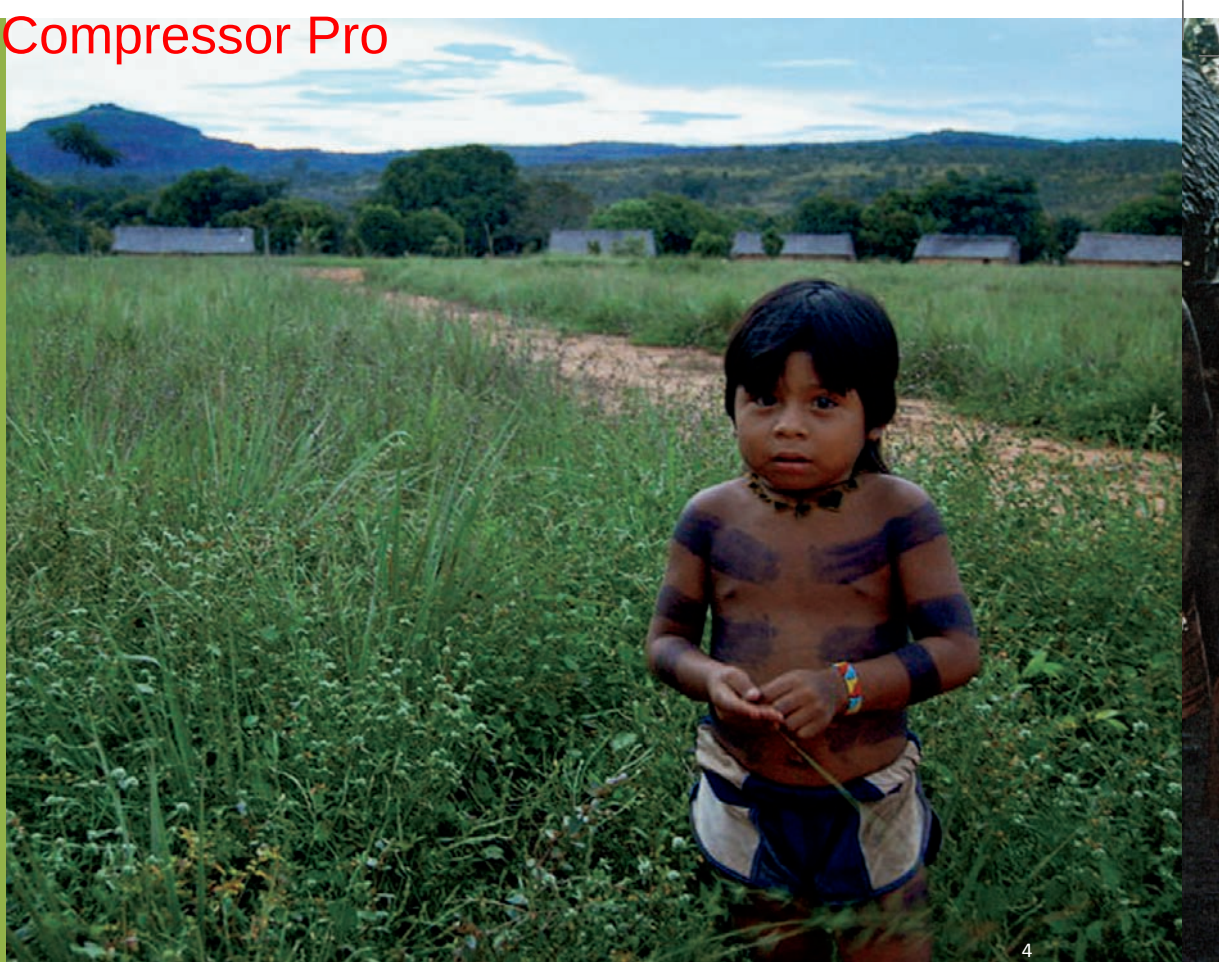


FOTO 4.
2006. Krahô. Aldeia Nova.
Criança com pintura
katamyê. Acervo Cultural
Timbira.

FOTO 5.
2002. Apinajé.
Aldeia Patizal. Acervo
Cultural Timbira.

auxílio de óleo da castanha do babaçu. Os Timbira distinguem na pintura os padrões que são aplicados no rosto daqueles que são aplicados no corpo.

Nos rituais, os indivíduos que estão sendo investidos de um cargo cerimonial, participando dos rituais ligados a sua iniciação à vida adulta, ou ainda os que estão no fim de um resguardo, são destacados dos demais. Seus corpos pintados são enfeitados ou emplumados com penugem de gavião, periquito ou outras aves com penas verdes ou brancas que vem substituindo o uso das penas tradicionais.

Além dos grandes rituais ligados à iniciação dos jovens ou ao ciclo anual, a vida ritual numa aldeia Timbira é movimentada pela realização de pequenas cerimônias relativas ao ciclo de vida dos indivíduos. Tais cerimônias, referidas como *amxehr* ou *kwyrte*, acontecem, por exemplo, ao fim do resguardo de um casal pelo nascimento de filhos, ou

©Foto 4 Demian Nery. Foto 5 Odair Giraldiv. Foto 6 Gilberto Azanha. Foto 7 Rodrigo Folhes.



na ocasião da apresentação de alguém ao pátio da aldeia após seu afastamento por muito tempo do convívio com os demais, por doença, luto ou viagem. Em todos esses pequenos ritos, marca-se a reintrodução do indivíduo – e dos que com ele cumpriram o resguardo – ao pátio e à vida social.

Estes ritos marcam também o vínculo das famílias a uma unidade social maior, a aldeia, por meio da oferta ao pátio da comida cerimonial, chamada *kwyrtë* (designativo do ritual), de dádivas e presentes, chamadas *amxehe* (e também designativo do ritual). A obrigação de doar enfeites, tecidos e utensílios se destina para todos aqueles que o acompanharam no resguardo ou são seus amigos cerimoniais.

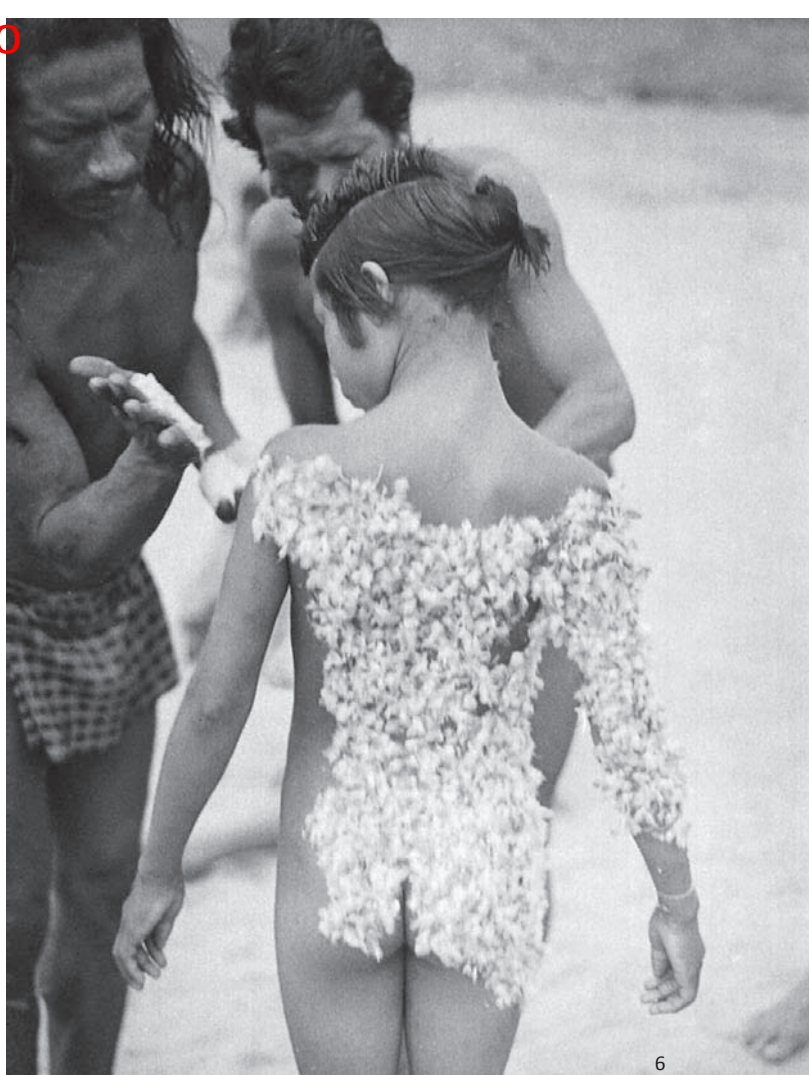
Como nas grandes festas, nessas pequenas cerimônias, o cabelo de quem está em destaque, assim como o de seus parentes mais próximos, é cortado no modelo tradicional Timbira. Por isso cabelos

Fotos 8 e 9 Gilberto Azanha. Foto 10 Julio Cezar Melatti.

FOTO 6.
1981. Krahô. Aldeia
Galheiro. Empenação
da wyty com penugem
de gavião real. Acervo
Cultural Timbira.

FOTO 7.
2006. Canela,
Ramkokamekra. Aldeia
Escalvado. Iniciandos
e menina associada
aguardando o dia nascer
para serem levados ao
pátio. Ritual do *Kêêtwayê*.
Acervo Cultural Timbira.

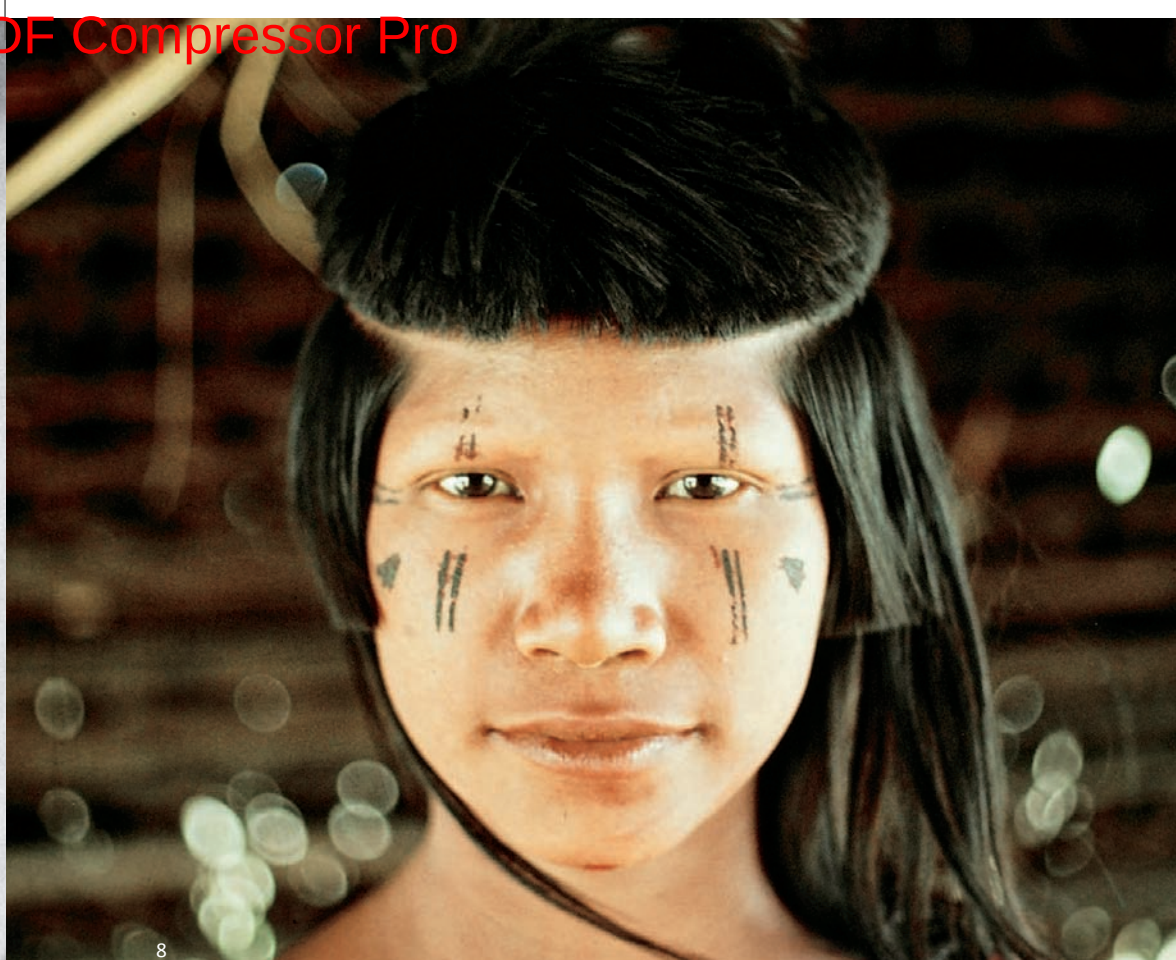
FOTO 8.
1974. Canela Apânjekrá.
Aldeia porquinhos. Ideal
de beleza, sem cílios,
sem sobrancelhas e
com tatuagens no rosto.
Acervo Cultural Timbira.



6

7





8



9

FOTO 9.
1973. Canela-Apãnjekrá.
Aldeia Porquinhos.
Mulher cortando o
cabelo de criança. Acervo
Cultural Timbira.



10

FOTO 10.
1967. Krahô. Mulher
arranca sobrancelha
do marido. Acervo
Cultural Timbira.

sem corte e a barba crescida indicam que o indivíduo está de resguardo por luto ou doença. O corte, com um sulco no entorno da cabeça, é importante para fortalecer a saúde e a alegria de crianças e adultos. Ao fim de um resguardo ou de iniciações, é ainda mais importante cortar os cabelos, já que nesses momentos crê-se que o corpo precisa ser fortalecido.

O conceito de beleza Timbira prescreve para ambos os sexos a ausência de sobrancelhas e cílios e os cabelos cortados no modo tradicional. A partir dos dez anos, em ambos os sexos, era comum ter os dentes afilados. Hoje esse costume está em desuso. Também era usual traços horizontais tatuados no rosto, principalmente para as mulheres, e entre os homens os lóbulos perfurados das orelhas que permitissem na vida adulta o uso dos grandes brincos auriculares.

ADORNOS CORPORAIS

Hahĩ é o nome genérico para os adornos Timbira, ou “enfeites”, como dizem em português. Eles são usados em todas as festas ou situações rituais e podem ser agrupados em duas grandes categorias: os descartáveis e transitórios feitos de palha ou talo de buriti no ato das festas e corridas de tora e abandonados depois de algumas horas ou dias; e aqueles mais perenes, elaborados ou tecidos com fios de algodão ou de palmeiras, principalmente de tucum e ornamentados com unhas de veado, penas, sementes, espinhos, cabacinhas e miçangas. Nesta última categoria incluem-se aqueles que utilizam plumária como referência.

Os adornos compõem um sistema de sinais indicativos de papéis cerimoniais e de atributos individuais. Sua diversidade é enorme e seu uso va-



11

ria de acordo com os atributos do portador – idade, sexo, categoria social. Cada variação de enfeite, principalmente aqueles de uso mais cotidiano e que indicam atributos do portador, contém dados do estilo pessoal daquele que o confecciona.

Há adornos que são usados em situações rituais e aqueles que são incorporados ao corpo do próprio indivíduo, tais como os *cöj* (brincos auriculares) para os homens, ou o *ẽ'pre* (cinturão) feito de tucum ou algodão para as jovens e que deve permanecer no corpo do início da puberdade até a perda da virgindade.

Cöj - brincos auriculares

Para os Timbira, tão importante quanto saber cantar é saber escutar. Os cilindros auriculares, *cöj*, referidos em português como batoques, são rodas de madeira usadas pelos homens nos lóbulos perfurados das orelhas e que estimulam a audição e, portanto, a sabedoria. A perfuração da orelha marca a passagem dos

FOTO 11.
2002. Krahô. Aldeia Rio Vermelho. Perfuração de orelha. Acervo Cultural Timbira.



12

FOTO 12.
1928. Apinajé. Perfuração
do lábio inferior. Acervo
Setor de Lingüística do
Museu Nacional.

FOTO 13.
1951. Canela,
Ramkokamekra. Auricular
discóide vasado.
Confeccionado de discos
de madeira pintados de
preto e recobertos com
tabatinga branca.
Acervo Museu do Índio.
Coleção Roberto Tamará.



13



14

© Foto 12 Curt Nimuendajá. Fotos 13 e 14 Acervo Museu do Índio. Foto 15 Gilberto Azanha.

meninos à condição de rapazes, quando estarão mais aptos ao aprendizado e ao exercício da vida adulta.

Geralmente é o tio materno o responsável pela perfuração do lóbulo da orelha. O furo é feito bem no centro de cada lóbulo com um perfurador de madeira, geralmente de pau-brasil, de ponta bem afiada. Os furos são alargados, primeiro inserindo-se neles pinos de madeira, depois batoques cada vez maiores e, anos mais tarde, grandes rodas de madeira ou mesmo de calcário, com até 8 cm de diâmetro. As alças de pele resultantes do alargamento do lóbulo são colocadas na parte de cima da orelha quando não estão segurando os batoques.

A perfuração dos lábios inferiores era realizada entre os Timbira somente pelos Apinajé, o que indica sua proximidade cultural e outrora espacial com os Kayapó, onde a perfuração é traço marcador de identidade. Esta prática está hoje em desuso entre os Apinajé (foto 12).

FOTO 14.

1951. Canela, Ramkokamekra. Auricular discóide vasado. Confeccionado de disco de madeira com decorações em preto. Acervo Museu do Índio. Coleção Roberto Tamará.

FOTO 15.

1977. Canela Apaniekra. Aldeia Porquinhos. Jovem cantador com auricular. Acervo Cultural Timbira.

15



Ė'pré - cinturão feminino

Para os indivíduos do sexo feminino, a passagem da fase infantil, *a'krajre*, para a juventude, *mētōwajē*, parece ser marcada pelo uso do *ė'pré*. Trata-se de um cinto com muitas voltas de um cordão feito do fio da folha da palmeira tucum ou imbé. O seu uso indica que a menina está apta para a vida sexual. Ela deixa de usá-lo quando fica grávida pela primeira vez. Embora tal prática esteja atualmente caindo em desuso, ainda pode-se observar a presença do *ė'pré* em uma versão com menos voltas. Em algumas aldeias ele é usado por baixo do *köpēxēē* (tecido industrializado) que as mulheres amarram na cintura. O uso correto do *ė'pré* garante que a jovem tenha um bom parto.



FOTO 16.
1928. Apinajé. Duas
meninas uma krikati
(esquerda) e outra
apinajé (direita) com seus
ė'pré e cabelos cortados.
Acervo Setor de
Linguística do Museu
Nacional.

FOTO 17.
1967. Krahô. Meninas
com *ė'pré*. Acervo
Cultural Timbira.

©Foto 16 Curt Nimuendajú. Foto 17 Julio Cezar Melatti.



17



Kaxýtpřēp - enfeite das cantadoras

Kaxýtpřēp é uma tira larga tecida com algodão que possui um feixe em suas extremidades feito de diversos fios de algodão revestidos de miçangas e finalizado com pingentes também de algodão. No passado, no lugar de miçangas eram usadas as sementes de tiririca. É usada atravessada no peito e pintada com a tinta vermelha do urucum, que de tempos em tempos precisa ser renovada.

Atualmente, o fio de algodão vem sendo substituído pela linha de crochê, devido à variedade de cores que esta apresenta, o que estimulou a criação de novos modelos mais coloridos, ainda que mantida a variedade nos padrões, *iroc*, da tecelagem.

Emblema das boas cantadoras, não são todas as mulheres que podem usar um *Kaxýtpřēp*, ou *hahĩ* (como é comumente designado) no pátio. Algumas meninas, escolhidas pelo timbre de sua voz, depois de serem preparadas com infusões e ensinamentos para cantarem, recebem o *Kaxýtpřēp* de uma cantora mais velha. Assim, as jovens cantadoras passam a ter a obrigação de serem as primeiras a chegar ao pátio quando o cantador pega o maracá, e devem permanecer cantando até o final.

©Foto 18 William Crocker. Foto 19 Equipe CTI. Foto 20 Gilberto Azanha. Foto 21 Juliana Noleto. Foto 22 Demian Nery. Foto 23 Daniela Leme da Fonseca.



FOTO 18.
1993. Canela
Ramkokamekra. Jovem
colocando *ě'pré*. Acervo
Cultural Timbira.

FOTO 19.
2005. *Kaxýtpřēp*. Acervo
Cultural Timbira. Coleção
de Artefatos.

FOTO 20.
1982. Krahô. Aldeia
Galheiro. Cantadoras
em fila acompanhando
o cantador com seu
maracá, a da esquerda
usando seu *Kaxýtpřēp*.
Acervo Cultural Timbira.

20



FOTO 21.
2007. Gavião-
Pyhcopcatiji. Aldeia
Governador. Velha
cantadora com seu
Kaxýtpřēp durante festa
do *Rurut*. Acervo Cultural
Timbira.

21



FOTO 22.
2006. Krahô. Aldeia Nova.
Cantador com seu maracá
e aprendizes de *hõcrepoj*
usando o *Kaxýtpřēp*.
Acervo Cultural Timbira.

FOTO 23.
2010. Krahô. Aldeia
Rio Vermelho. Jovem
hõcrepôj com seu
Kaxýtpřēp feito de
miçanga. Acervo Cultural
Timbira.



22



23





Pynjapyh - adornos de pena

Os *Pynjapyh* são adornos confeccionados com penas, principalmente as de arara. Eles podem ser feitos de diversos modelos, mas normalmente são utilizados na cabeça e nas costas.

Como adorno de cabeça são sempre usados nos rituais ligados à iniciação dos jovens. Os Gavião e Krikati usam adornos de pena nos rituais do *Rurur* e *Ecrere* (rituais ligados à iniciação) e *Wyty*. Já os Ramkokamekra, Apaniekra e Krahô usam estes adornos principalmente no final do *Keetwaje* (ritual de iniciação), quando todos os jovens iniciados recebem de seu nominador o *Pynjapyh*.

A dificuldade atual na obtenção de penas tem feito com que estes cocares sejam cada vez mais raros e haja uma reciclagem das penas que podem ser reaproveitadas em outros adornos de cabeça.

Entre os Gavião há uma modalidade de adorno de cabeça de uso cerimonial não observada atualmente entre os demais Timbira que são adornos de palha que cobrem toda a cabeça, como um capacete (fotos 26 e 29). Este adorno, chamado *Hỳcrejỳcỳ*, é tecido com palha de bu-

FOTO 24.

2009. Apinajé. Meninos com adornos de pena. Acervo Cultural Timbira.

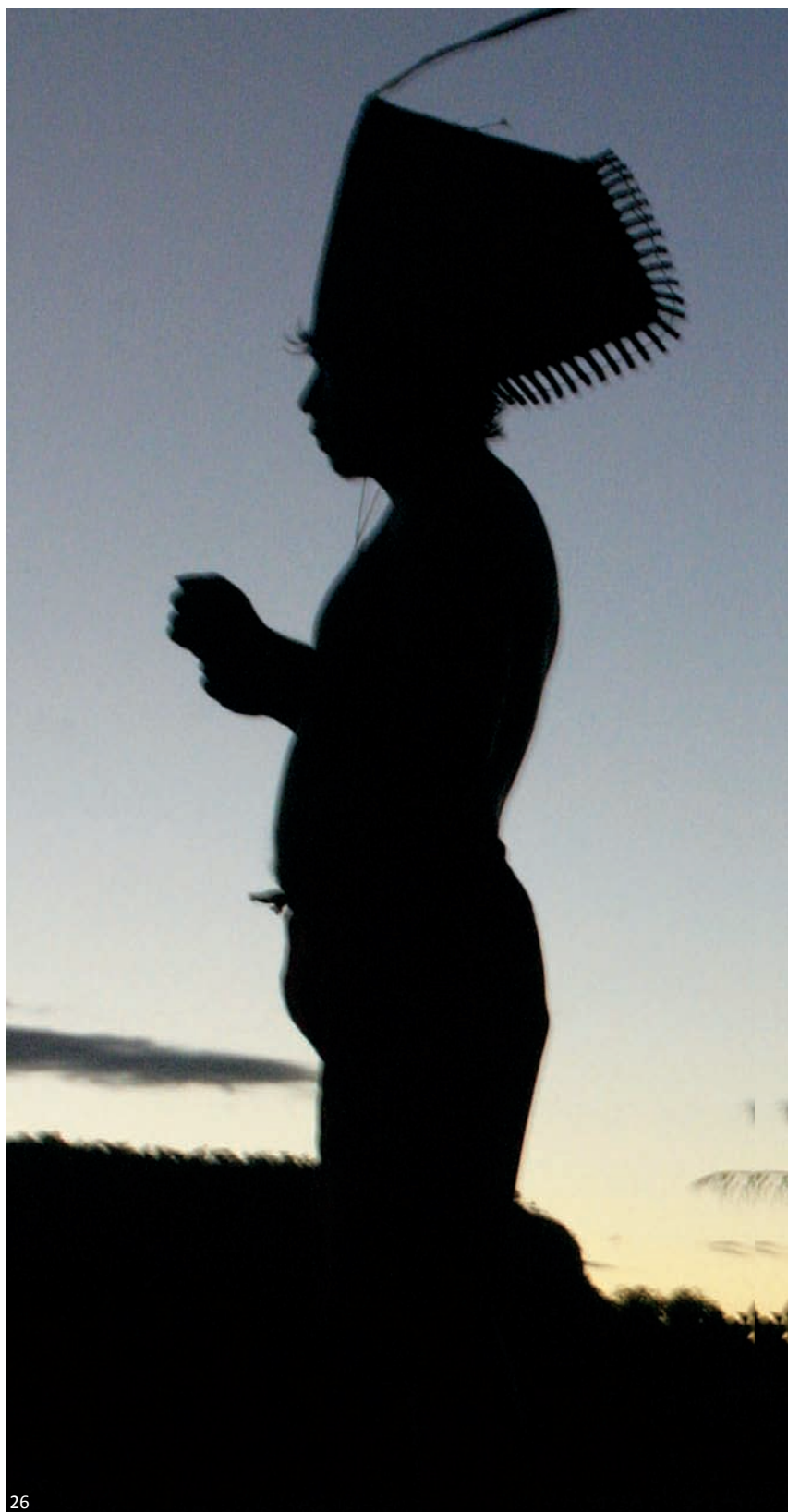
FOTO 25.

2006. Gavião-Pyhcopcatiji. Aldeia Riachinho. Festa *Rurur*. Apenas um conjunto de nomes pode passar pelo processo de reclusão para entrar na vida adulta entre os Gavião. Acervo Cultural Timbira.

©Foto 24 Odair Giraldiv. Foto 25 Juliana Noleto.



FOTO 26.
2005. Krikati. Aldeia São
José. Homens Gavião
usam seus *hýcrejýcý*,
sobre as esteiras das
mulheres no pátio.
Acervo Cultural Timbira.



26

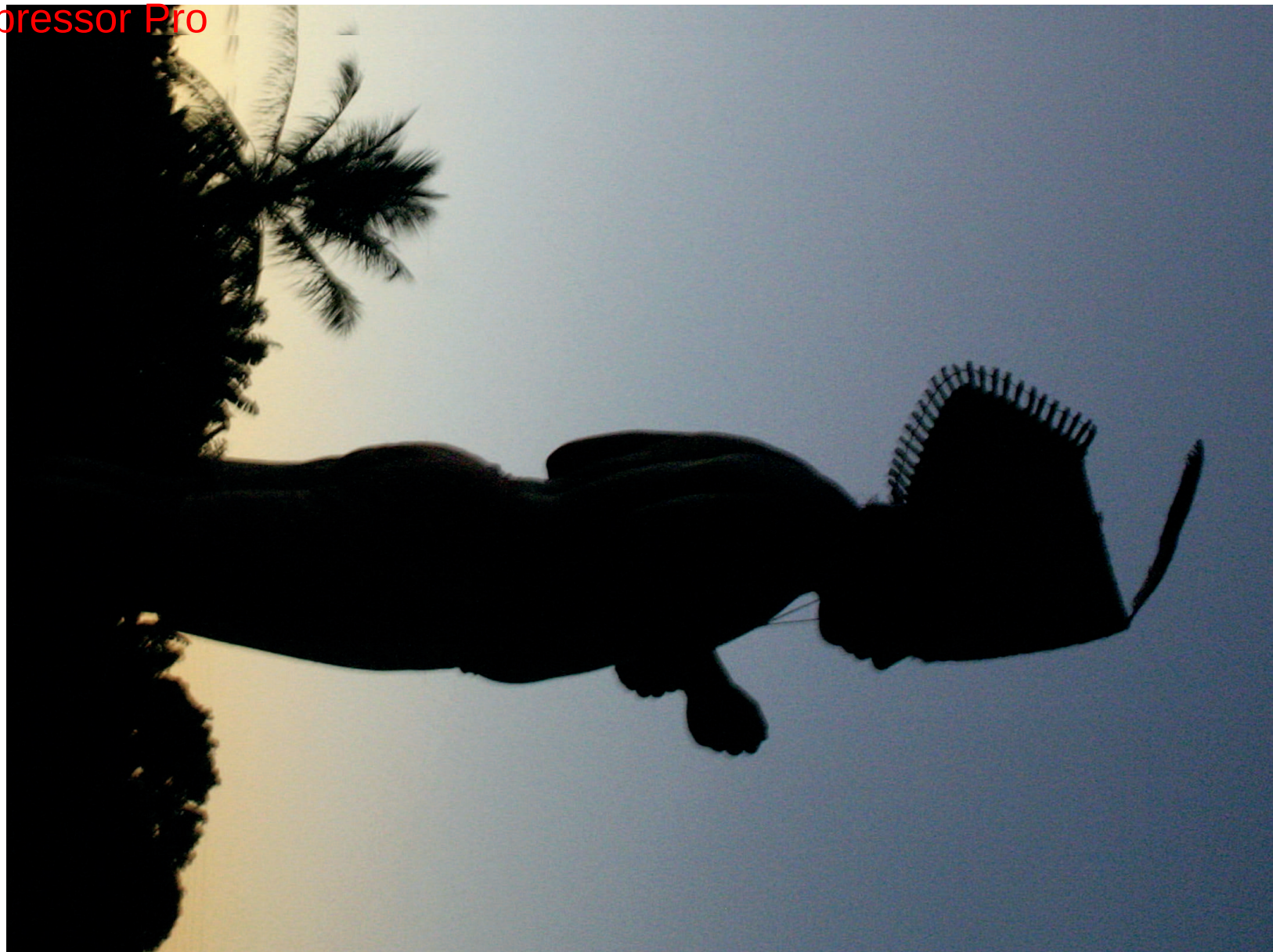
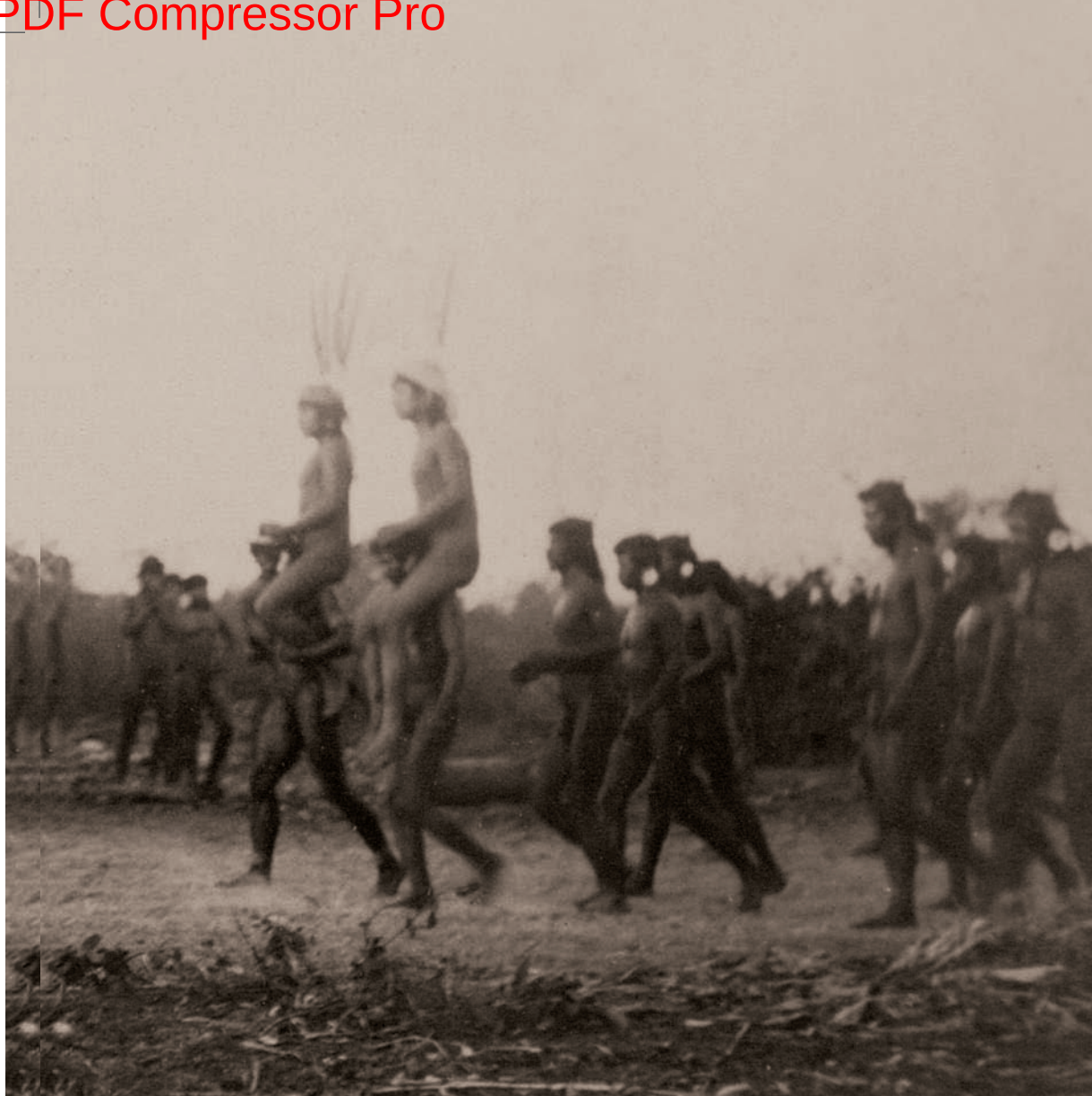


FOTO 27.
1934. Canela
Ramkokamekra. Meninos
são carregados durante
amjökin. Documento:
Klotzrennen der
Timbira. Acervo Setor
de Linguística do Museu
Nacional.

FOTO 28.
1974. Canela
Ramkokamekra. Aldeia
Escalvado. Festa do
Ketuwaquê. Aqueles que
são carregados nos
ombros não devem pisar
no chão e devem ser
tratados com respeito. Os
responsáveis por carregá-
los são seus parentes
próximos, como o pai, o
tio ou o irmão. Acervo
Cultural Timbira.



28



© Foto 26 Gustavo Vieira Foto 27 Curt Nimuendajú. Foto 28 Gilberto Azanha.

riti e usado quando da festa da *Wyty* (fotos 27 e 28). São somente dois jovens que usam este adorno na abertura do período ritual e no seu encerramento meses depois. Durante este período, após as corridas de tora, estes dois jovens se apresentam no pátio com seu *Hýcrej*, tecido com linhas verticais ou horizontais conforme as metades cerimoniais *mêcapii* e *mêcajçyr* (correspondem às metades *Atycmakra* e *Càmakra*).

Entre os Krahô, os *Pynjapyh* são utilizados pendurados nas costas dos cantadores, como, por exemplo, durante o ritual do *Pýrkahàc* (ritu-



29

FOTO 29.
2008. Gavião-
Pyhcopcatiji. Homens com
Hÿcrejÿcy. Reprodução de
foto encontrada na aldeia
Governador. Acervo
Cultural Timbira.

FOTO 30.
2010. Krahô. Aldeia
Cachoeira. Cantador com
os enfeites Hôkrexê xâ e
Pynjapÿ. Acervo Cultural
Timbira.

FOTO 31.
2010. Krahô. Aldeia
Cachoeira. Corredores de
tora com seus enfeites.



30

al do fim de luto), quando eles colocam o *Pyn-japyh* por cima de outro adorno, o *Hōkrexiixy*. Neste caso as mulheres são as responsáveis pela sua elaboração, que leva sementes de tiririca e atualmente miçangas.

ADORNOS COTIDIANOS

Dentro de uma categoria mais ampla os adornos podem ser agrupados segundo a parte do corpo que enfeitam. Os adornos podem ser classificados em *hōkrexiixy*, aqueles que devem ser usados no pescoço; os *ẽ'paxiixy*, que devem ser usados nos pulsos; os *harakratxiixy*, que devem ser usados nos braços (braceletes); e os *ẽ'kratxiixy* que são usados na cintura.



©Foto 29 Acervo Cultural Timbira. Fotos 30 e 31 Sidney Krahnó.

31



FOTO 32.
1950. Canela,
Ramkokamekra. Colar de
Cordões. Confeccionado
com fibra de tucum, com
pingente de rabo de tatu.
Acervo Museu do Índio.
Coleção Roberto Tamará.

FOTO 33
1950. Canela,
Ramkokamekra. Colar de
Cordões. Confeccionado
com fios de algodão,
com pingentes de fios
cobertos de canutilhos
de madeira arrematados
por fragmentos ósseos e
unhas de animal. Acervo
Museu do Índio. Coleção
Roberto Tamará.

Hõkrexiixy - colares de tucum e algodão

Hõkrexiixy é um colar de tucum ou algodão com um enfeite, que deve ficar nas costas, composto por um conjunto de fios geralmente cobertos de sementes do capim tiririra ou miçanga e finalizado com unhas de veado ou campânulas de cabaças. Por vezes leva junto uma ocarina, instrumento musical de sopro.

Os bons corredores de tora usam seus *Hõkrexiixy* durante todo o trajeto da corrida. Atualmente estes enfeites dos corredores são feitos de miçanga com pequenos pingentes de pedaços da casca de coco tucum, babaçu, cabaças ou unhas de veado.

O *Kratre* é um tipo de colar de tucum ou algodão acrescido de um pente, é um adorno feminino usado somente por jovens ainda sem filhos e associadas aos grandes rituais.



Ē'paxiixy e harakratxiixy - pulseira e bracelete tecidos

Os diademas ou as pulseiras de algodão, são usados somente pelos jovens solteiros e sem filhos. Quando outros indivíduos utilizam tais ornamentos, tornam-se alvo de zombaria.

Antigamente as pulseiras e braceletes eram elaboradas com casca da cabaça, fio de algodão, madeira e o olho de algumas palmeiras como o babaçu. Atualmente são feitas de miçangas e sementes de tiririca, confeccionadas para a venda e usadas pelos jovens como enfeites no cotidiano.

Ē'kratxiixy - enfeite de cintura tecido

Os *ē'kratxiixy* são enfeites usados na cintura pelos homens durante os grandes rituais. Podem ser feitos da folha de alguma palmeira ou de algodão. Quando de algodão são referidos como *Kaxàt xê to mē ihpre xà*.

FOTO 34.
1950. Canela, Ramkokamekra. Colar de Cordões. Confeccionado com fibra vegetal com pingentes de palha de buriti trançada. Acervo Museu do Índio. Coleção Roberto Tamará.

FOTO 35.
1950. Canela, Ramkokamekra. Colar de Cordões. Confeccionado com fibra de tucum, com pingentes de canutilhos de madeira, garras de animal e fibras não identificadas. Acervo Museu do Índio. Coleção Roberto Tamará.

FOTO 36.
1958. Canela
Ramkokamekra. Aldeia
Escalvado. Menina com
seu Kratre, enfeite usado
pelas jovens associadas
aos rituais de iniciação
masculina. Acervo
Cultural Timbira.

FOTO 37.
2010. Krahô. Aldeia Nova.
Pulseiras confeccionadas
com miçanga. Acervo
Cultural Timbira.



© Foto 36 William Crocker. Foto 37 Júlia Trujillo Miras.







42

© Fotos 38 a 44: Acervo Museu do Índio. Fotos 45, 47 e 48 Julio Cezar Melatti. Foto 46 Gilberto Azanha. Foto 49 Rodrigo Folhes. Foto 50 Curt Nimuendajú.



43



44



FOTO 38.
1950. Canela. Pulseira tecida. Confeccionada com fios de tucum com base de miçangas. Nas pontas dos fios de fechamento, bolinhas plásticas na cor vermelha. Acervo Museu do Índio.

FOTO 39.
1952. Canela. Braçadeira de folíolo. Confeccionada com fita de olho de folíolo de babaçu. Acervo Museu do Índio.

FOTO 40.
1952. Canela, Ramkokamekra. Braçadeira de folíolo, confeccionada com fitas de olho de babaçu. Acervo Museu do Índio. Coleção Roberto Tamará.

FOTO 41.
1952. Canela. Braçadeira de cabaça. Confeccionada com a casca da cabaça. Acervo Museu do Índio. Coleção Roberto Tamará.

FOTO 42.
1950. Canela. Pulseira tecida. Confeccionada com fios de algodão e pingentes de semente de tiririca. Acervo Museu do Índio.

FOTO 43.
1952. Canela. Braçadeira de cabaça. Confeccionada com a casca da cabaça, com superfície tingida de preto. Apresenta dois pingentes, o primeiro de fios de tucum e o segundo feito de tufos de fios de algodão. Acervo Museu do Índio. Coleção Roberto Tamará.

FOTO 44.
1952. Ramkokamekra. Braçadeira de cabaça. Confeccionada com a casca da cabaça. Pingentes de fio de tucum e penas de papagaio. Acervo Museu do Índio. Coleção Roberto Tamará.



FOTO 45.
1967. Krahô. Homens
com colares de fio
de tucum e discos
auriculares. Acervo
Cultural Timbira.

ADORNOS DE PALHA

Homens e mulheres, durante as corridas de to-
ra, se enfeitam com testeiras, gravatas, pulseiras e
tornozeleiras, fitas na cintura, todos feitos com a



palha de buriti, que são rapidamente preparados no momento da corrida e descartados.

Os *hỳcỳ* são usados indistintamente por todos os homens na testa durante os dias de festa.



46



47



48



49

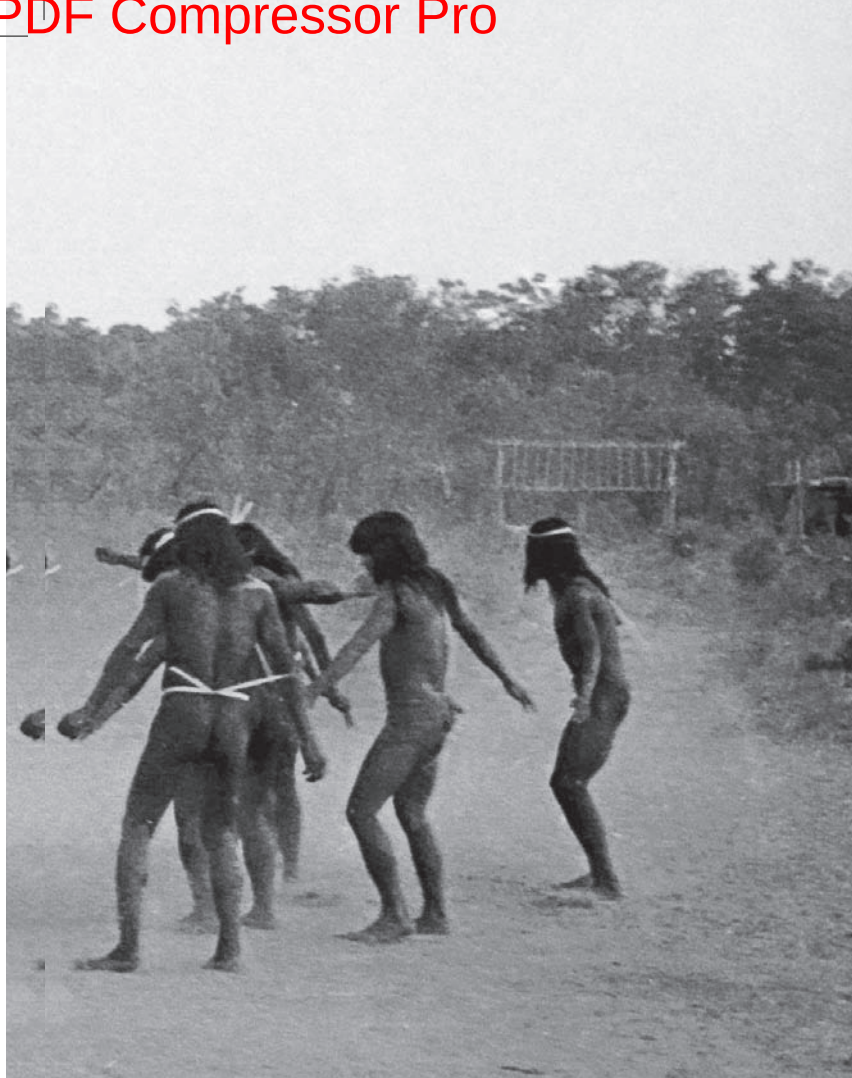


FOTO 46.
1998. Krahô. Testeira, *Hỳ'cỳ*,
feita de palha de buriti.
Acervo Cultural Timbira.

FOTO 47.
1967. Krahô. Adornos
de palha dos corredores
de toras. Acervo Cultural
Timbira.

FOTO 48.
1967 Krahô. Homem usa
gravata de palha. Acervo
Cultural Timbira.

FOTO 49.
2006. Canela,
Ramkokamekra. Aldeia
Escalvado. Homens usando
testeiras de palha, *hỳ'cỳ*,
durante preparação para
a corrida de toras. O pano
amarrado é para proteger
o ombro do contato com a
tora. Acervo Cultural Timbira.

FOTO 50.
1928. Apinajé. Aldeia Gato
Preto. *Pēbkaag*, festa de
iniciação masculina, quando
os homens usam *ē'kratxiixy*.
Acervo Setor de Linguística
do Museu Nacional.











TRANÇADOS TECIDOS

FOTO PÁGINA
ANTERIOR.
1993. Canela
Ramkokamekra. Aldeia
Escalvado. Cofo no
primeiro plano e em
segundo plano mulher
trança esteira.
Acervo Cultural Timbira.

FOTO 1.
2010. Apãnjekra. Aldeia
Porquinhos. Mulher
retira folha de buriti para
trançar cesto.
Acervo Cultural Timbira.



CESTOS, ESTEIRAS E OBJETOS COTIDIANOS

Cestos, esteiras, peneiras, abanadores, tapitis (objeto usado para escorrer o veneno da mandioca ralada) e tipóias, são alguns dos objetos mais comuns numa aldeia Timbira. Feitos essencialmente de palha, material abundante no Cerrado e aproveitado ao máximo pelos Timbira, podem ser agrupados em duas

©Foto página anterior William Crocker.



categorias conforme a técnica de confecção: os que são trançados e aqueles que são tecidos.

As esteiras estão presentes em todos os momentos da vida. As crianças, ao nascerem, são colocadas sobre uma esteira. Elas são usadas para sentar no pátio nos momentos rituais, ou nos quintais no cotidiano da casa; como suporte para servir a comida no chão e também para dormir. No sepultamento

Foto 1 Fabrício Fernandes.



dos mortos, o corpo era enrolado em uma esteira e coberto na cova por outra. Há dois tipos de esteiras, a que é trançada rapidamente, de uso quase descartável, e a que é cuidadosamente tecida.

Os cestos são presença constante em todas as atividades, da caça à coleta. Desde cestos simples e frágeis, trançados rapidamente, até os mais complexos e enfeitados, que duram muitos anos. Há uma variedade imensa de cestos, cada um adequado a uma atividade e função específicas. Há igualmente uma variedade de trançados, que determinam o formato do cesto.

Todos os artefatos produzidos pelos Timbira possuem seus *iroc* (adornos), mas é na cestaria que eles se manifestam com mais força. Os cestos são confeccionados com folhas, fios e talos de buriti, tucum, guarumã, piaçava, marajá, buritirana, bacaba e babaçu, do qual ainda pode-se usar o olho e as raízes.

Podemos agrupá-los em duas categorias: *Cỳhỳ*, trançados com a folha (palha) de palmeira, descartáveis e usados pelas mulheres; *Kaj*, trançados com a fita (taquara) das palmeiras, que quando recebem tampa são chamados de *Kajpó*.

TRANÇADOS

Cesto *Cỳhỳ*

Entre a variedade de cestos, os *Cỳhỳ*, designados de forma genérica em português como cofo, feitos de folha de buriti, são os mais utilizados nas atividades cotidianas. Com trançado simples, são objetos descartáveis e facilmente substituíveis. Entre as variedades de *Cỳhỳ*, há os *Cỳhỳpej* (foto abertura), em que apenas a parte de baixo é trançada, e os *Cỳhỳkỳc*, em que o trançado avança pela lateral (foto 3).

Nos momentos de caminhadas para seus acampamentos nas roças, expedições de coleta, pesca-

ria ou visitas às outras aldeias, os poucos utensílios e objetos pessoais são transportados facilmente pelas mulheres em seus cestos. Os cofos também ficam pendurados no interior das casas e são usados para guardar alimentos, roupas e utensílios diversos (Fotos 4 e 5).

Cesto *Kàjpo*

Para guardar objetos menores e não perecíveis, como miçangas e sementes para a confecção de colares e adornos, usa-se um cesto feito com fitas do talo de buriti, chamado *Kàjpo* ou *Kaxpo*. Esse cesto tem formato quadrado ou retangular e pode ser confeccionado com o trançado reto ou diagonal. Há diferentes tipos de técnicas de trançado, algumas mais simples e outras que apresentam maior dificuldade de confecção, devido aos intervalos entre as fitas.

Os Krikati e Gavião tecem um tipo de *Kàjpo*, de formato retangular, geralmente feito de folha de guarumã, designado em português como pacará. Há também uma variedade desse tipo de cesto, os *Kàj*, que não tem tampa e sim alça. Eles podem

FOTO 2.
2008. Krahô. Tapiti.
Acervo Cultural Timbira.
Coleção de Artefatos.

FOTO 3.
2010. Apãnjekra.
Aldeia Porquinhos.
Velha chegando da roça
com seu cofo carregado
de utensílios,
junto com o tapiti.
Acervo Cultural Timbira.

FOTO 4.
2006. Gavião-
Pyhcopcatiji. Aldeia
Riachinho. Sentada na
esteira tipo *côpyt*, trança
cesto tipo *Kaj*.
Acervo Cultural Timbira.

©Foto 2 Equipe CTI. Foto 3 Fabrício Fernandes. Foto 4 Equipe CTI.





5

FOTO 5.
1976. Krahô. Aldeia
Galheiro. Mulher
sentada no pátio da
aldeia junto ao produto
da coleta de caju que,
distribuído pelos cestos
tipo *cýhýpej* e *cýhýkýt* e
tigela, será entregue aos
homens mediante algum
pagamento, previamente
acertado, como roupa
lavada ou pratos de comida.
Acervo Cultural Timbira.

ser pequenos, com 30 a 40 cm, ou atingir quase 1 metro. A alça não é trançada, mas tecida pelos homens. São usados tanto no cotidiano, como em momentos cerimoniais. São os cestos que devem aparecer no pátio. O domínio da técnica para a confecção dos Kàj vem diminuindo entre alguns povos Timbira. Atualmente, os Gavião e Krikati são os maiores produtores desse tipo de cesto (Fotos 6 a 12).

Esteiras *cõ'pêp*

As esteiras de confecção simples, para uso cotidiano e descartáveis, são denominadas *cõ'pêp*. Trançadas tanto por homens como por mulheres, estas esteiras são confeccionadas na própria folha da palmeira, a partir de seu talo. Assim, o tamanho da esteira depende do tamanho da folha.

TECIDOS

Esteiras *ca'tyh*

A esteira *ca'tyh*, mais trabalhosa e perene que a do tipo *cõ'pêp*, é tecida apenas pelos homens. São poucos os que dominam a técnica para sua confecção, que exige vários dias de trabalho. Muito valorizadas, tais esteiras eram usadas para pagamentos de dívidas ou dádivas em momentos rituais. Somente quem tem o domínio dessa técnica é capaz de tecer as esteiras que formam as grandes máscaras de palha, tanto as *kocrit* como as *cu'pêhp*.

Para tecer as esteiras os Timbira utilizam a palha da bacaba, buriti, babaçu, inajá e piaçava, em sua maioria palmeiras abundantes no Cerrado (foto 15).



FOTO 6.
1959. Krikati. Esteira feita de palha de inajá. Acervo Museu do Índio.

FOTO 7.
2010. Apãnjekra. Aldeia Porquinhos. Interior de casa, cofos pendurados. Acervo Cultural Timbira.

©Foto 5 Gilberto Azanha. Foto 6 Equipe CTI. Foto 7 Fabrício Fernandes. Fotos 8 e 9 Fabrício Fernandes. Fotos 10 a 14 equipe CTI.







12

FOTOS 8 e 9.
2010. Canela Apãnjekra.
Aldeia Porquinhos.
Mulher tece a tampa
de um *kajpo*. Acervo
Cultural Timbira.

FOTOS 10 e 11.
1950. Canela
Ramkokamekra. Cesto
Peneiriforme, *Kaj*. Acervo
Museu do Índio. Coleção
Roberto Tamará.

FOTO 12.
1987. Canela
Ramkokamekra. Exemplar
de *Kajpo*, usado para
guardar miçanga, tiririca
e outras miudezas. Tampa
e alça feitas de corda
de buriti e superfície
decorada com talas
de taquara tingidas
de preto, formando
padrões ornamentais do
tipo espinha de peixe,
umbiguo olho. Tanto o
cesto como a tampa,
possuem base plana, bem
como o acabamento das
bordas em orela simples.
Acervo Museu do Índio.
Coleção Artíndia.

FOTOS 13 e 14.
1987. Krikati. Cesto
Peneiriforme, *Kaj*. Acervo
Museu do Índio. Coleção
Augustinho Correa
Barbosa.



13



14



FOTO 15.
2000. Apinajé.
Homen tece esteira.
Acervo Cultural Timbira.

FOTOS 16 e 17.
1950. Ramkokamekra.
Cesto bolsiforme. Acervo
Museu do Índio. Coleção
Roberto Tamará.



FOTO 18.
1987. Canela. Cesto
bolsiforme. Alça
confeccionada de palha
de buriti e costurada com
fios de buriti nas laterais.
Apresenta superfície
externa decorada com
talas de taboca tingidas de
preto (tinta de jenipapo),
formando motivos
decorativos geométrizantes.
Acervo Museu do Índio.
Coleção Artíndia.



FOTO 19.
1987. Canela. Cesto
bolsiforme. Alça
confeccionada com palha de
buriti. São confeccionadas
com talas de taboca, nas
cores natural e preto (tinta
de jenipapo), segundo
a técnica do trançado
quadricular gradeado.
Acabamento decorativo
com palha de buriti e
costurado com fios de
buriti. Acervo Museu do
Índio. Coleção Artíndia.

FOTO 20.
1977. Canela Apānjekra.
Aldeia Porquinhos. Homem
com seu *Papcö* (mocó).
Acervo Cultural Timbira.

Cestos *pat*

Os cestos de prefixo *pat* são tecidos pelos homens com fios obtidos a partir dos folíolos das palmeiras. Nessa categoria vamos encontrar o *Papcö*, usado somente pelos homens, e os *Patcö*, usados para armazenar farinha, arroz e sementes para o próximo plantio.

O *Papcö*, chamado em português de mocó, é tecido com palha de buriti ou de guarumã. Nele os homens guardam seus apetrechos, como fumo, fósforos ou isqueiro, anzóis, linha de pescar, documentos, remédios, pequenas facas ou canivetes. Nenhum homem anda sem carregar, atra-

©Foto 15 Odair Giraldiv. Fotos 16 e 17 Daniela Leme da Fonseca. Fotos 18 e 19 Júlia Trujillo Miras. Foto 20 Gilberto Azanha.



vessado no peito, o seu mocó (foto 20).

Nos últimos 30 anos, o mocó vem sendo recriado como artefato para a venda e, via de regra, confeccionado pela técnica do trançado ao invés de ser tecido. Nesse caso, são trançados com talos ou com fibras de diferentes palmeiras, criando novos padrões mais aceitos pelo mercado (fotos 14 a 17).

Tipoia

Antes as crianças pequenas eram carregadas no colo, seguras por uma tipoia (espécie de cinto) tecida de palha. Hoje as mulheres substituíram a tipoia tecida de palha por uma de pano industrializado.

FOTO 21.
1928. Apinajé. Cinto para
carregar crianças. Acervo
do Setor de Linguística
do Museu Nacional.

FOTO 22.
2006. Krahô. Aldeia Nova.
Mulher carregando o filho
em uma tipoia.
Acervo Cultural Timbira.

FOTO 23.
1928. Povo Apinajé.
Mulher carregando o filho
no cinto. Acervo
do Setor de Linguística
do Museu Nacional.



21



22

©Fotos 21 e 23 Curt Nimuendajú. Foto 22 Helena Ladeira.

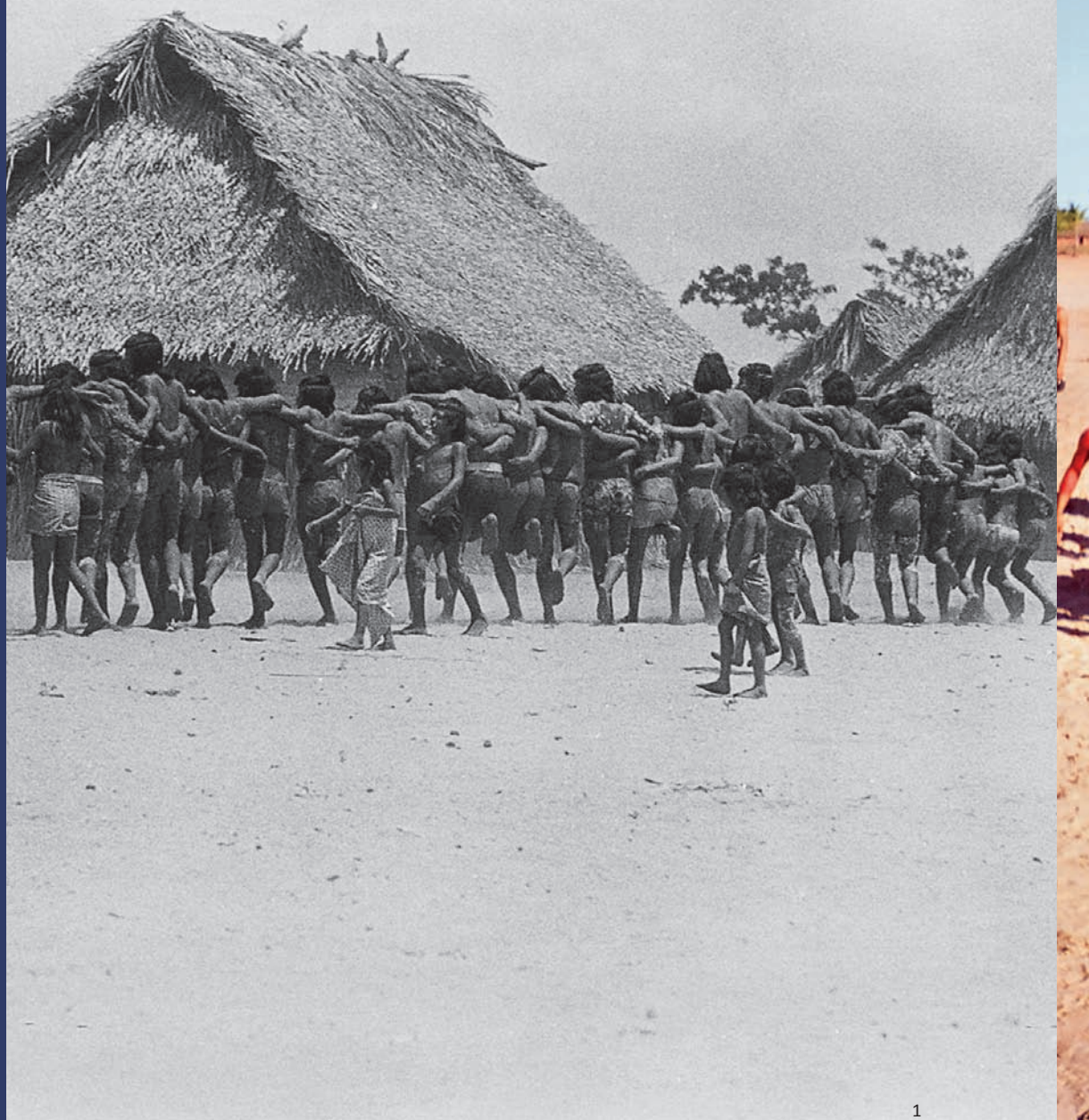
23







VOZ E INSTRUMENTOS MUSICAIS



1

FOTO PÁGINA
ANTERIOR.
1981-1984. Krahô.
Aldeia Galheiro.
Cantador, Luis Baú Akrej,
com seu maracá e a fila
do coral feminino.
Acervo Cultural Timbira.

VOZ

Os cantos reforçam o conhecimento que os Timbira possuem sobre o ambiente: pode-se dizer que o mundo é cantado por estes povos, e canta-se praticamente todo o tempo numa aldeia Timbira.

Tudo tem seu canto. As pequenas bolhinhas d'água formadas pela rãzinha quando respira. As cores inusitadas de algumas joaninhas. Formas de arbustos e flores do cerrado. A elegância do caminhar da onça. Tudo que particulariza cada ser ou

©Foto página anterior e foto 1 Gilberto Azanha.



2

momento é textualizado no canto. Para um Timbira, portanto, cantar é conhecer os detalhes do ambiente. Essa apreensão estética do mundo natural reafirma o caráter não utilitário da relação dos Timbira com o ambiente, e permite a transmissão desse conhecimento às gerações seguintes.

Há cantos para serem cantados no *krũkapé* durante o dia, há cantos específicos para a madrugada, para o começo da noite, para o alvorecer. Cada ritual tem seu conjunto de cantos próprios.

Foto 2 Rodrigo Folhes.

FOTO 1.
1974. Canela
Ramkokamekra.
Aldeia Escalvado.
Dança e canto
no *krũkape*. Acervo
Cultural Timbira.

FOTO 2.
2006. Canela
Ramkokamekra.
Aldeia Escalvado.
Dança e canto
no *krũkape*. Acervo
Cultural Timbira.

Cantador e *hõkrepôj*

A performance musical Timbira conta basicamente com a figura do cantador com seu maracá e a voz do coral feminino formado pelas *hõkrepôj* (cantadoras). Em muitas ocasiões rituais e cotidianas há intervenções de outros instrumentos musicais, de sopro e de percussão.

O cantador inicia e dirige cada cantiga, deslocando-se no espaço do pátio com voltas, meneios e saltos. O canto é enérgico e sempre acompanhado pelo *Kõtoj* (maracá), que desenha grande variedade rítmica e dá suporte a cada cantiga. O cantador canta e dança com o maracá diante de uma longa fileira de mulheres. Por vezes, alguns homens o acompanham dançando.

É do cantador, *cõtojkatë* (literalmente: o que

© Foto 3 Julio Cezar Melatti. Foto 4 Augusto Nascimento.

3



tem o domínio do maracá), que brota este mundo cantado, mas é na modulação muito mais rica da garganta-repetição das mulheres que estes cantos adquirem toda sua riqueza musical.

As *hõkrepôj* são de vital importância nos conjuntos vocais. Do ponto de vista estritamente musical, compõem uma espécie de malha sonora e atuam como suporte para as vozes solistas masculinas e, simultaneamente, como elemento de realce nos conjuntos vocais, emprestando-lhes vigor e encanto extraordinários.

É possível supor que a estética Timbira seja afeita às sonoridades graves. Mulheres com registro grave de voz são muito valorizadas em seu desempenho musical e gozam de grande prestígio na vida social das aldeias.

FOTO 3.
63-1967. Krahô. Aldeia Pedra Branca. Cantador com seu maracá e as *hõkrepôj*. Acervo Cultural Timbira.

FOTO 4.
2007. Gavião Pyhcopcatiji. Aldeia Governador. Cantador anima as *hõkrepôj* com seu maracá. Acervo Cultural Timbira.

4





O repertório musical Timbira é constituído por conjuntos de canções entoadas em determinadas situações. Esses conjuntos são sempre herdados de um “outro” - animais ou *mecarō* (espíritos) - que, em contextos especiais, transmitiu a um *mehĩ* (Timbira) todo o conhecimento para a realização de um dado ritual. Tais acontecimentos são narrados por meio dos mitos, que revelam a origem destes conhecimentos e práticas. Os instrumentos musicais também se incluem entre os bens culturais adquiridos de um “outro”.

INSTRUMENTOS MUSICAIS

O concerto vocal dirigido pelo cantador com o maracá forma blocos de sons, sendo os registros mais graves confiados às mulheres. A esses blocos de matrizes corais se juntam, além das vozes solistas, rápidas intervenções de outros instrumentos. Os principais são *Cõcõnre* (ocarinas de cabaça), *Hõ'hĩré* (flautas) e *Pýtwy* (buzina). A execução desses instrumentos de sopro fica a cargo dos rapazes. Além do contínuo suporte rítmico garantido pelo maracá, outro instrumento de percussão e adorno acompanha os cantos de caráter soturno e as corridas de tora: o *Xjy*, espécie de cinto, com cabacinhas

FOTO 5.
1934. Canela
Ramkokamekra. Homem
com seu maracá. Acervo
Setor Linguística Museu
Nacional.

FOTO 6.
2010. Maracá. Acervo
Cultural Timbira.
Coleção de Artefatos.



©Foto 5 Curt Nimuendajú. Foto 6 Equipe CTI.

6

cortadas, que se entrechocam, marcando a pulsação de cantigas rituais lentas.

Köto'j - maracá

Entre os Timbira o maracá é o principal instrumento musical. Instrumento de percussão, feito em cabaça ou cuité, o *Köto'j* pode ser ornado com plumários, desenhos e revestimentos de fibras trançadas, pintadas de urucum ou na sua cor natural. O maracá apresenta algumas pequenas diferenças de medidas e formas, que determinarão variadas qualidades de timbre. A escolha das sementes – qualidade e quantidade – colocadas no interior da cabaça também interfere no resultado acústico, determinando a peculiaridade de cada instrumento.

Embora aparentemente simples, o uso do maracá exige habilidades que são adquiridas com a prática durante os rituais.

Cö'cõnre - ocarinas

O *Cö'cõnre* é um instrumento de sopro, usado preferencialmente pelos homens solteiros. É uma espécie de ocarina feita de cabaça, com aproximadamente 12 a 14 cm de circunferência, por 7 a 8 cm de comprimento. Em todos os seus exemplares, os artesãos traçam linhas pontilhadas entre os orifícios. Ali são presos cordões de sementes e fibras vegetais, adornados com penas e dentes de animais. O soprar da ocarina pode indicar notícia alegre, como a chegada de visitantes em uma aldeia, ou notícia triste, como a morte de alguém. Os Gavião e Krikati costumam fazer também uma ocarina com a casca de tucum, chamada *Ronteh'crê*. As ocarinas estão sempre penduradas nos adornos peitorais masculinos.

©Foto 7 Julio Cezar Melatti. Foto 8 Adriano Kaokré Gavião.



7



8

FOTO 7.
1964. Krahô. Aldeia
Cachoeira. Antonio
Cavalcanti Txokâm com
ocarina que acompanha
adornos peitorais
masculinos.
Acervo Cultural Timbira.

FOTO 8.
1960. Canela. Cõ'cõnre.
Acervo Museu Goeldi.
Coleção William Crocker.



Pýtwy - buzina

As Pýtwy (buzinas) podem ser feitas de cabaça, talhando-se a parte mais fina como embocadura, ou de chifre, com uma embocadura de madeira adaptada. Entre os Timbira as buzinas são usadas como meio de sinalização: anunciam chegada de visitantes, conclamam a população para o ritual etc. Também é possível escutá-las nos cantos noturnos e nas cantigas da madrugada, misturando-se à música vocal e “animando o povo”, no dizer dos Timbira.

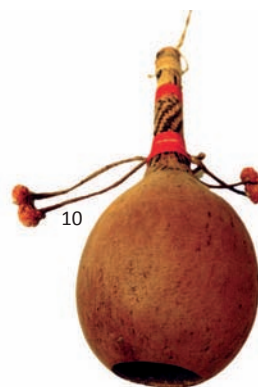


FOTO 9.
1952. Apinajé. Trompete transversal. Confeccionado de taquara e chifre de boi, apresenta fios de algodão tingidos de vermelho. Possui alça do mesmo material, com acabamento de pingente formado por cascos, sementes, miçangas e penas de arara azul. Acervo Museu do Índio.

FOTO 10.
1972. Apinajé. Trompete transversal. Confeccionado com taquara e cabaça, apresenta fios de algodão tingidos de vermelho com acabamento de pingentes formados por fios de algodão. Acervo Museu do Índio. Coleção Artíndia.

FOTO 11.
1982. Krahô. Homem toca a buzina feita com taquara e cabaça na ponta, que serve como caixa de ressonância. Acervo Cultural Timbira.

FOTO 12.
2010. Buzina. Acervo Cultural Timbira. Coleção de Artefatos.

FOTO 13.
1933-1936. Canela. Buzina de cabaça. Acervo Museu Goeldi. Coleção Curt Nimuendajú.



©Fotos 9 e 10 Júlia Trujillo Miras. Foto 11 Gilberto Azanha. Foto 12 Equipe CTI. Foto 13 Adriano Kaokré Gavião.

FOTO 14.
2006. Gavião-
Pyhcopcatiji. Aldeia
Riachinho. Adriano
Kaokré toca flauta,
fabricada com casca do
tronco de cajazeiro.
Acervo Cultural Timbira.

FOTO 15.
1981-1984. Krahô. Aldeia
Cachoeira. Luis Txytxyc
entoando cantos nas
toras com o Xÿ marcando
a cadência. Acervo
Cultural Timbira.



14

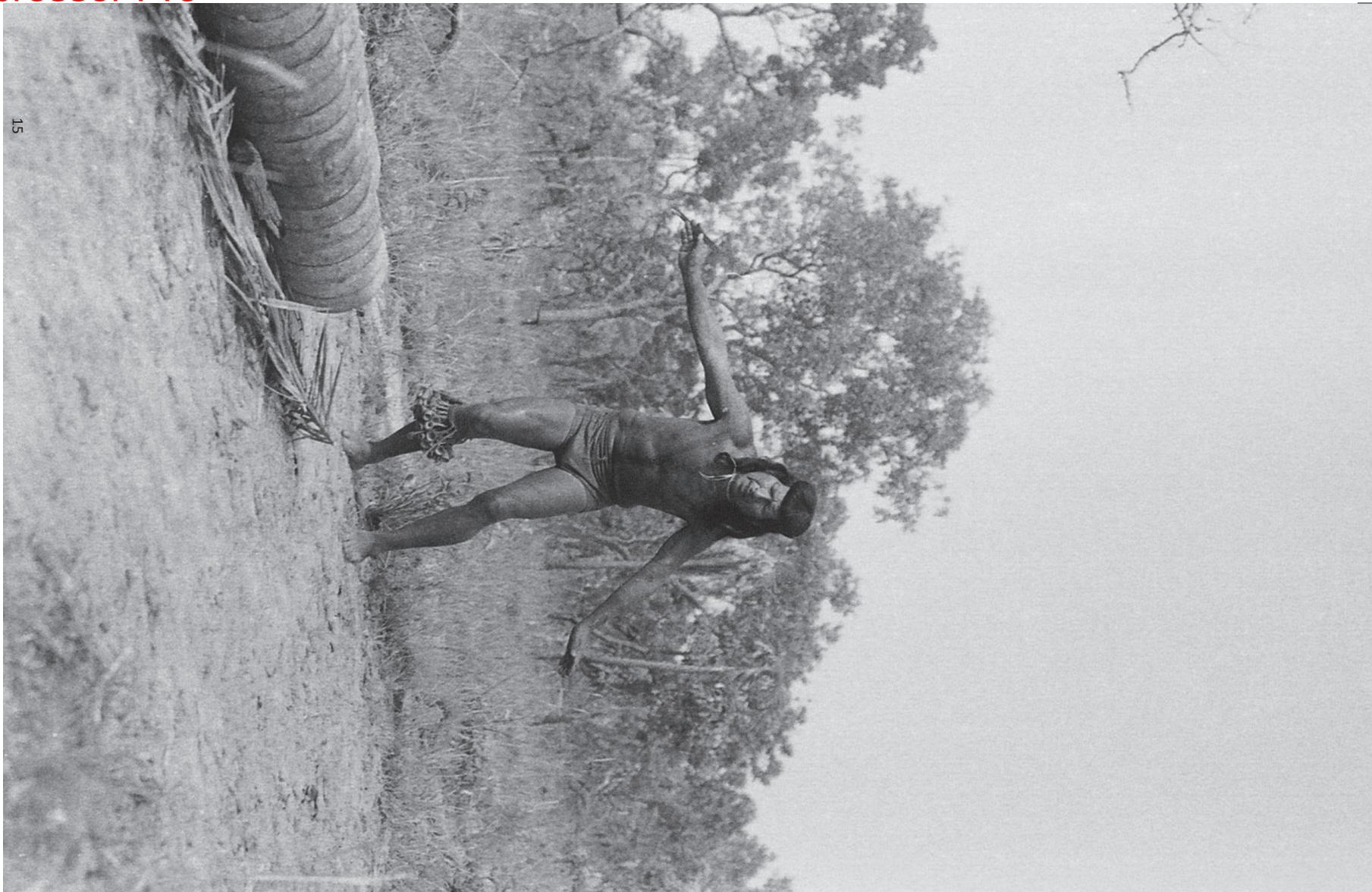
Pÿrehjjacÿ - flauta

O *Pÿrehjjacÿ* é um instrumento de sopro talhado num pequeno bloco de madeira. De forma cônica, mede cerca de 12 cm de comprimento por 3 cm de circunferência, em sua parte mais larga. Numa das faces, na parte mais estreita do cone, é talhada a embocadura, sendo o lado oposto, o mais largo, cavado para permitir que funcione como uma espécie de êmbolo, ou seja: pela maior ou menor pressão do dedo do instrumentista na cavidade obtêm-se as variações sonoras. O som produzido por essa flauta assemelha-se aos trinos de algumas aves.

Xÿ

O *Xÿ* parece ser reservado para cantos mais solenes. Consiste numa faixa de algodão tecido, na qual são amarradas e entrelaçadas inúmeras pequenas cabaças, cerca de 80 a 100, que se entrecrocavam. As cabaças medem de 2 a 3 cm de circunferência e são cortadas de modo a formar pequenas campânulas. Quando agitadas, produzem um som delicado. Para a confecção do *Xÿ*, os homens trançam a faixa de algodão e as mulheres fazem a parte de baixo, a “saia”, que atualmente é recoberta de miçangas.

©Foto 14 Juliana Noleto. Foto 15 Gilberto Azanha.





16

O Xy acompanha os solos masculinos de caráter mais lento e soturno, se comparados aos cantos acompanhados pelo maracá. São usados por corretores e cantadores, amarrados na cintura ou abaixo do joelho. O Xy emite som quando está em movimento, podendo um cantador usá-lo para bater com a mão ou com os pés no chão.

©Foto 16 Thomaz Rohrer.



17

Foto 17 Kilza Setti.



FOTO 16.
2010. Krahô. Aldeia Nova.
Gersília Krutkwyj acaba
de preparar o Xy, tecido
por Sebastião lõhê.
Acervo Cultural Timbira.

FOTO 17.
1994. Krahô. Aldeia Rio
Vermelho. Xy amarrado à
cintura de um corredor.
Acervo Cultural Timbira.







Em 2009 e 2010, o CTI entrou em contato com diversos museus do Brasil que possuem materiais relacionados aos Povos Timbira. O objetivo era realizar um levantamento dos artefatos presentes em seus acervos e coletar documentos textuais, fotográficos e audiovisuais para alimentar o Acervo Cultural Timbira, no Centro Timbira *Pënxwyj Hënpejxà*.

Com o mapeamento e a ampliação do Acervo, os Timbira podem avaliar os materiais que lhes dizem respeito espalhados em diferentes instituições. A ideia é que esse conhecimento suscite reflexões sobre o que são e para que servem os acervos. Permitindo-lhes dimensionar a importância das produções *mehĩ* em diversas instituições do universo dos *cöpẽ* (não-indígenas).

O mapeamento visa ainda colaborar com pesquisadores *cöpẽ* que trabalham com os povos Timbira e demonstram interesse pela sua produção. Os acervos compreendidos por este inventário pertencem a museus de renome na área da etnologia, além de algumas outras coleções particulares com as quais entramos em contato ao longo do trabalho.

A apresentação do levantamento realizado buscou seguir o critério de nomenclatura, classificação e organização de cada instituição pesquisada. Coleções mais antigas, existentes na maioria dos museus, classificam peças e documentos apenas como Canela, sem definir a qual se referem, aos Apãnjekra ou Ramkokamekra. Nesses casos, apresentamos as informações apenas como Canela. O mesmo ocorre com relação aos Gavião-Pÿkobjê¹ e Parkatejê, que em muitos casos são referidos apenas como Gavião. Por fim, nos casos em que a classificação remete apenas aos Timbira, igualmente a mantivemos sem especificar o povo.

©Foto página anterior Curt Nimuendajú. Foto 1 equipe CTI.

NOTA 1.
Gavião-Pÿkobjê: na nova grafia escreve-se Pyhcopcatiji. Mantivemos a grafia tradicional utilizada nos últimos anos em documentos e textos diversos para facilitar a localização.

FOTO PÁGINA ANTERIOR.
1934. Canela Ramkokamekra. Menina avista corrida de tora na estrada do lado ocidental da aldeia. Acervo Setor Linguística Museu Nacional.

FOTO 01.
1952. Apinajé. Trompete transverso. Acervo Museu do Índio.

INVENTÁRIO

Museu do Índio/ Funai

ENDEREÇO: Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo

CEP: 22270-070 - Rio de Janeiro, RJ

WEBSITE: www.museudoindio.gov.br

TELEFONE: (21) 3214-8730

PESQUISA: no Banco de Dados disponível no site e com o auxílio da equipe técnica do museu no local. O museu está em processo de digitalização do acervo de objetos.

ACERVO DE OBJETOS:

- 1794 peças Canela: abano, almofariz, amarra para cabelo, amuleto, apito, arco, aro, auriculares, badoque, bandoleira, bastão, bengala, besta, blusa tecida, boneco, borduna, braçadeira, brinquedo, cachimbo, capas para chuva, carapaça, carimbo, cesto, chamariz de caça, chocalho, cinto, clava, coçador, colar, colher de chifre, colher de pau, cordão estatístico, coroa, cruz de fios, cuia, escultura zoomorfa, espanador, espeto, estojos para guardar umbigo, fieira de penas, fitas, flautas, flechas, funda, furador de lábio, fuso, grampo, jarreteira, lança cerimonial, leque, machado, mão de pilão, faca, novelo, orelha e nariz, osso, patrona, pau de cavouco, peitoral, pente, peteca, pião, pilão, pingente, puçá, pulseira, recipiente de cabaça, rede de dormir, saia, tigela, tipoia, tora, trompete, turbante e vassoura. **COLETORES:** José Américo Peret (1964, 1968, 1969), Roberto Tamará (1950, 1951, 1952, 1954), Willian Crocker (1957/60, 1962, 1968), Índios Raimundo, José e Antonio (1961), Herbert Sepra (1950), Gal. Bandeira Mello (1971), Augustinho Correia Barbosa (1987), Rubens Aranha Filho (1987), Olímpio Cruz (1950), Edson Carneiro (1956), CNPI (1952), Artíndia (1987, 1994, 1949), 2º Inspetoria Regional (PA e MA) (1957), 3ª Inspetoria Regional (1950), CNPI e demais peças sem coletor indicado datadas de 1949, 1950, 1959 e 1962.

- 319 peças Krahô: abano, anel, arco, aro, auriculares, bandoleira de cordões, bolsa, borduna, braçadeira, brinquedo, carimbo, chifre, chocalho, cinta, cinto, clava, colar, colher de cabaça, colher de pau, coroa, diadema, escultura zoomorfa, esteira, estojo para ponta de flecha, flauta, flecha, lança, machado, mão de pilão, máscara, patrona, patuá, peneira, pente, peteca, pilão, pingente, recipiente de ca-

baça, saia, tambor, tauari, testeira, tipiti, tipoia, tora, trompete varreta. **COLETORES:** Gal. Ismarth Araújo de Oliveira (1975), Gonçalves Pereira (1964), Índio Xyhcaprô Krahô (2000), Índio Carlúcio Cai Krahô (2000), Darcy Ribeiro (1954), Funai (1969), Artíndia (1972, 1994), 01 peça de Gal. Bandeira de Mello (1971), Índio Cuhrã Iron-tire (1985), Geraldo Pitaguary (1958) e peças sem coletor indicado datadas de 1950, 1952 e 1959.

- 12 peças Krĩkati: pulseira, colar, arco, flecha, trompete, cesto, esteira e máscaras. **COLETORES:** 06 peças de Augustinho Correia Barbosa (1987), 01 peça da 2ª Inspeção Regional (PA e MA) (1957), 03 peças da Artíndia (1994) e sem coletor indicado datada de 1959.

- 20 peças Apinajé: brinquedo em dobradura, colar, trompete e machado. **COLETORES:** Artíndia (1971, 1972, 1973, 1994), CNPI e peças sem coletor indicado datadas de 1952.

- 26 peças Gavião-Pýkobjê: adorno, borduna, cesto, colar, flauta, flecha e trompete. **COLETORES:** 2ª Inspeção Regional (PA e MA) (1957), Artíndia (1987, 1994) e sem coletor indicado datadas de 1952

- 27 peças Timbira: apá, borduna, brinquedo, formão, flauta, cesto, esteira, lança, máscara e tora. **COLETORES:** Darcy Ribeiro (1950), José Américo Peret (1970), 2ª Inspeção Regional (PA e MA) (1957), Leilão Museu Simões da Silva (1957) e sem coletor indicado datadas de 1949, 1950, 1952 e 1959.

ACERVO AUDIOVISUAL E ICONOGRÁFICO:

APINAJÉ: 01 gravação sonora.

CANELA: 23 fotos; 04 álbuns fotográficos; 04 vídeos e 01 gravação sonora.

GAVIÃO-PÝKOBJÊ: 04 fotos e 03 gravações sonoras.

KRAHÔ: 12 fotos; 02 álbuns fotográficos; 13 vídeos e 15 gravações sonoras.

KRIKATI: 02 fotos.

ACERVO TEXTUAL E CARTOGRÁFICO:

APINAJÉ: 90 documentos.

CANELA: 17 documentos.

GAVIÃO-PÝKOBJÊ: 04 documentos.

KRAHÔ: 22 documentos.

KRIKATI: 03 documentos.

DEPARTAMENTO BIBLIOGRÁFICO:

APINAJÉ: 09 folhetos, 10 livros, 11 periódicos e 03 teses.

CANELA: 08 folhetos, 19 livros, 11 periódicos e 05 teses.

GAVIÃO-PYKOBJÊ: 07 folhetos, 08 livros, 03 periódicos e 01 tese.

KRAHÔ: 13 folhetos, 27 livros, 33 periódicos e 03 teses.

KRIKATI: 04 folhetos, 09 livros, 06 periódicos e 01 tese.

TIMBIRA: 04 folhetos, 10 livros, 06 periódicos e 01 tese.

Museu Nacional

ENDEREÇO: Quinta da Boa Vista, São Cristóvão

CEP: 20940-040 - Rio de Janeiro, RJ

WEBSITE: www.museunacional.ufrj.br

TELEFONE: (21) 2562-6900

PESQUISA: A relação de objetos do acervo etnográfico foi disponibilizada ao CTI pela equipe do museu. A pesquisa e coleta de materiais só pode ser realizada in loco, no Acervo do Centro de Documentação de Línguas Indígenas do museu.

ACERVO DE OBJETOS:

- 679 Peças Apinajé: abano, agulha, amuleto, apito, arco, argola para antebraço, batoque, banquinho, besta, bolsa, boneca, borduna, braceadeira, bracelete, brinquedo, buzina, cabaça, cacete, cachimbo, caixinha, carimbo, casca de cipó, casca de ovo, cascos, cerol, cesta, chocalho, cintas, colares, coleira com pentes dorsais, cordão para pulso, cuia, diadema, escarificador, espeto para assar carne, espingarda, esteiras, casca de bambu para cortar cordão umbilical, figura de cera, flautas, tapiti, forquilha de pau para pintura corporal, fuso, gargantilha, gravata, instrumento, jarreteira, liga para tornozelo, máscara, maracá, machado, massa de urucum, novelo, nau, nau para fazer fogo, nau para furar orelha, patrona, pedra para quebrar coco, peia para subir em árvore, pente, peteca, pião, pilão, puçá, pulseira, resina, semente, sovelha para fabricar tecido, tacape, tembetá, testeira, tipiti, tipoia, tornoeleira, trompete, varinha com algodão, vaso, vela, zunidor. **COLETORES:** Curt Nimuendajú (1932, 1933, 1935, 1938), Gastão Crulls (sem data), Othon Leonardos (1938), Roberto da Matta (1962, 1963, 1966) e Miranda Ribeiro (sem data).

- 101 Peças Krikati: apito, adorno auricular, borduna, bracelete, cabaça, cachimbo, cesta, chocalho, cinta, cinto, colar, colher, faixa frontal, fle-

cha, machado, maracá, peteca, pulseiras, ralador, rede de pesca, tipoia.

COLETORES: Othon Leonardos (1938), Dolores Newnton e Jean Carter (1964) e Miranda Ribeiro (sem data).

- 96 Peças Krahô: adorno, apito, boneca, borduna, cesta, cesto, cinto, cofo, colar, esteira, flauta, maracá, pente, peteca, pingente, pulseiras, rede, sacola de palha, sandália, taça cerimonial, testeira, tipoia, trompete. **COLETORES:** Othon Leonardos (1938), Curt Nimuendajú (1940), Julio Cezar Melatti (1963).

- Peças Canela-Ramkokamekra: abano, agulha, anel, apito, arco, badoque, balaio, bandoleira, bastão, besta, bolsa, boneco, borduna, bracelete, brinquedo, cabaça, cachimbo, caixa para penas, canudo, caracol, carimbo, cachimbo, carrinho de madeira, cartola, cavador, cavalo, cavilhas, cerol, cesto, chicote, chocalho, cinto, cinturão, colares, colher, cordão de pulso, cordão, cruz de fio, cuia, dente de cascavel, enfeites, espanador, espingarda, esteira, estrela de fios, faixas, figuras de cera de animais, flauta, flecha, folhas de tiririca, fuso, gancho, gravata, jarreteira, laço para apanhar periquito, lança, leque, ligas para os braços, máscara, novelo de algodão, peitoral, penas, peneira, pente, perfurador de sementes, peteca, pião, pilão, pingente, puçá, pede, pesina, podilha, sementes, sodela, testeira, tipiti, tipoia, tora, torrador de pipoca, trompete, urucum, vara, vaso e zunidor. **COLETORES:** Curt Nimuendajú (1935), Roque de Barros Laraia (1961), Willian Crocker (1970), Manoel V. Fernandes (sem data), peça sem coletor indicado datada de 1965 e 04 peças sem data.

- 143 peças Canela: adorno, arco, artefato, bacia, badoque, bastão, bolsa, borduna, boré, bracelete, brinquedo, cabaça, cachimbo, carimbo, cavadeira, cavador, cesto, chocalho, cinto, colar, cuia, enfeite de penas, escultura, espada, esteira, faca, faixa, fava, fios de tucum, flauta, furador, lança, maracá, máscara, pacará, peteca, pilão, pote, pulseira, rede, testeira, trompete, tubos de taquari, vaso, vassoura e zunidor. **COLETORES:** SPI (1918), Comissão Exposição Nacional (1922), Comissão Rondon (1923, 1924), Benter Bogdanoff (1928), Sylvio Fróes de Abreu (1928), Curt Nimuendajú (1935), Charles Wagley (1941-1942), Getúlio Vargas (1945), Willian Crocker (1970).

ACERVO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

DE LÍNGUAS INDÍGENAS: COLEÇÃO NIMUENDAJÚ

- Fotos: 133 Apinajé e 336 Canela-Ramkokamekra.
- 91 documentos: textos, mapas, croquis, artigos, léxicos, correspondências, cartas, manuscritos, diários e ofícios.

Museu de Arqueologia e Etnologia - USP

ENDEREÇO: Av. Prof. Almeida Prado, 1466

CEP: 05508-900 - Cidade Universitária - São Paulo, SP

WEBSITE: www.mae.usp.br

TELEFONE: (11) 3091-4905

PESQUISA: O levantamento do acervo de peças foi realizado nos livros de tombo do museu. O registro das peças não foi autorizado devido à reforma do museu. O acervo Timbira, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, integra o antigo acervo do Museu Plínio Ayrosa e do Museu Paulista.

ACERVO DE OBJETOS:

- 842 peças Krahô (provenientes do Museu Paulista): abano, adorno de cabeça, apito, arco, balaio, bastão, bastão cerimonial, bolsa, bolsinha, boneca, borduna, braçadeira, bracelete, brinquedo, buzina, cabaça, cachimbo, caixa, cesto, chocalho, chifre, cintos, cinturão, clava, coador, colar, colher de pau, corda, cordão, cordel, cuia, enfeite de cabeça, esteira, estojo para guardar pena, faixa de algodão, figura zoomorfa de cera (macaco, veadinho, tartaruga, veado galheiro), fita para cabeça, flautas, flautim, flecha, fuso, lança, lança cerimonial, machado, máscara de dança, peitorais, peneiras, pente, peteca, pião, porquinha, pulseira, raspador, recipiente de cabaça, tear, tipiti, violino de coqueiro. **COLETOR:** Harald Schultz (1964, 1965, 1955, 1949, 1948 e 1947). Objetos provenientes da Coleção Vilma Chiara e do Museu Plínio Ayrosa não puderam ser mapeados.

Museu Goeldi

ENDEREÇO: Av. Magalhães Barata, 376 - São Braz

CEP: 66040-170 - Belém, PA

RESERVA TÉCNICA: Av. Perimetral, 1901 - Terra Firme

CEP: 66077 530 - Belém, PA

WEBSITE: www.museu-goeldi.br

TELEFONE: (91) 3274-1811

PESQUISA: O levantamento das peças foi disponibilizado pelo museu, que não possui as informações digitalizadas. O registro das peças foi realizado por um pesquisador Timbira e um pesquisador do CTI, com o auxílio dos responsáveis pela reserva técnica.

ACERVO DE OBJETOS:

• 343 peças Apinajé: abano, agulha, apito, arco, argola para o antebraço, banquinho, batoque, bola de pedra, bolsa, boneca, brinquedo, buzina, cabaça, cacete, cachimbo, caixa, carimbo, cavador, cavilha labial, cesto, cinto, colar, coleira, colher, cordão umbilical, cuia, esteira, faquinha, flauta, flecha, formão, forquilha, funda, fuso, gravata, machado de pedra, mão de pilão, maracá, ocarina, jarreteira, ligas, penas, punhos, patrona, paus de urucu, peconha, peitoral, peneira, pente, peteca, pião, pilão, puçá, pulseiras, testeira, varinha, vassoura e vela de cera. **COLETOR:** Curt Nimuendajú (1937).

• 1.570 peças Canela: “mão” de pilão pequena, auriculares, abano, açoite, adorno, agulhas, anel de palha para o prepúcio, apito, arco, armadilha, badoque, estilingue, balaio, banco, bandoleira, bastão, brinquedo, berubu feito em forma de peixe, besta, bodoque (arco), boi de fogo, bolsa (paracá), bonecas, borduna, bracelete, buzina, cabaça, cabacinha para assobiar, cabeça de pássaro, cacete, cachimbo, carimbo, cestos, cinto, cocar, colar, colher, cuia, diadema, espada, espanador, espetos, espingarda de mola, esteira, facão, figura de cera, flauta, flecha, funda, funil, fuso, gravata, jarreteira, lança cerimonial, machado, mão de pilão, maracá, máscaras, ocarina, olho de buriti (pnokó), palmatória, passarinhos de palha, patrona, pau para fazer fogo, peneira, pente, perna de pau, peteca, pião, pilão, puçá, pulseira, quibano, rede, sovela, tanga, torrador de pipocas, testeira, tipiti, tora de madeira, trompete transverso, vara e vassoura. **COLETORES:** Apãnjekra-Canela (1944), 733 peças de William Crocker (1960, 1961, 1964, 1971, 1975 e 1979), José Kapko (1987), Curt Nimuendajú (entre 1933 e 1936), Edson Diniz (1969) e uma peça sem data dos índios Canela.

• 254 peças Gavião-Pÿkobjê: apito, arco, badoque, balaio, bolsa, borduna, cachimbo, cesto, cinto, colar, enfeite de cabeça, flauta, flecha, isqueiro feito de chifre, maracá, pacará, pacutú, pakaká, peneira, pulseira, quibano e tipiti. **COLETORES:** Gavião-Pyhcopcatiji (1902), Expedito Arnaud (1962, 1963, 1970 e 1972) e peças coletadas pelos próprios Gavião, sem data.

• 100 peças Krikati: abano, apito, arco, badoque, balaio, bolsa, borduna, buzina, cabaça, cachimbo, cesto, cuia, braceleira, enfeite de cabeça, espingarda de brinquedo, flauta, flecha, fuso, paracá, peneira, puçá, pulseira, rede, testeira e vara. **COLETORES:** Dolores Newton (1969), Edson Diniz (1969) e Paul Hilbert (1944).

Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia

ENDEREÇO: Av. T-3, n. 1732 - Setor Bueno

CEP: 74210-240 - Goiânia, GO

WEBSITE: www.ucg.br/ucg/Institutos/igpa

TELEFONE: (62) 3946-1654

PESQUISA: O CTI não foi autorizado a fazer o levantamento no local. As informações sobre o número e o tipo de material sobre os Timbira, existente no acervo do museu, foram cedidas via e-mail.

ACERVO AUDIOVISUAL:

- Apinajé: 08 ampliações fotográficas. **COLETOR:** Lisbeth Oliveira, sem data.
- Canela: 18 slides. **COLETOR:** Jesco Puttkamer, sem data.
- Canela: Gravação da canção “Omé”. **COLETOR:** sem autor, sem data.
- Krahô: 318 slides e 25 ampliações fotográficas. **COLETOR:** Jesco Puttkamer, sem data.
- Krahô: Gravação da canção “Merrinchrê”. **COLETOR:** sem autor, sem data.
- Krikati: 01 slide. **COLETOR:** Jesco Puttkamer, sem data.

Museu de Arqueologia e Etnologia - UFPR

ENDEREÇO: Sede (Colégio Jesuíta)

Rua XV de Novembro, 575 - Centro Histórico

CEP: 83203-010 - Paranaguá, PR

RESERVA TÉCNICA (Campus Juvevê / UFPR) Rua Bom Jesus, 650 - Juvevê

CEP: 80035-010 - Curitiba, PR

TELEFONE: (41) 3423-2511

WEBSITE: www.proec.ufpr.br/links/mae.htm

PESQUISA: Informações disponibilizadas por e-mail.

ACERVO DE OBJETOS:

- 50 peças Canela: cesto, flecha, arco, borduna, clava, machado, apito, trompete, colar, auriculares, pulseira, braceleira, testeira, coroa, bandoleira, jarreteira, bolsa, tipiti, peneira, lança e amostra de fibra. **COLETORES:** Vladimir Kozak, João Américo Peret, G. Pitaguary e Malchor, sem data.

Museu da Cidade de São Paulo

ENDEREÇO: Rua Roberto Simonsen, 136 - Centro

CEP: 01017-020 - São Paulo, SP

WEBSITE: www.museudacidade.sp.gov.br

TELEFONE: (11) 3396-6047

PESQUISA: O museu enviou as informações sobre as peças Timbira contidas em seu Banco de Dados de uso interno. Todo o acervo foi fotografado pelo museu, entretanto as fotos não foram cedidas ao Acervo Cultural Timbira.

ACERVO DE OBJETOS:

- 264 peças Krahô: abano, arco, brinquedos, bolsa, bonecos, braçadeiras, brinco (bodoque), cabaça, cabacinha, cachimbo, caixa, carretel, cesto, chocalho, cinto, colar, colher, enfeite de cabeça, espingarda (de madeira), estojo, flautim, máscara, ocarina, pavilhão de buzina, pente, pião, projétil para espingarda, pulseira, sandália tradicional, tipoia, tubo de buzina e zunidor. **COLETORES:** Vilma Chiara e Harold Schultz (as peças foram adquiridas pelo Museu em 1976, 1977 e 1984).

- 11 peças Canela-Ramkokamekra: bengala, cocar, cinto, colar e buzina. **COLETORA:** Maria Elisa Ladeira (as peças foram adquiridas pelo Museu em 1981).

Museu do Estado de Pernambuco - Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira

ENDEREÇO: Av. Rui Barbosa, 960 - Graças

CEP: 52050-000 - Recife, PE

WEBSITE: www.ufpe.br/carlosestevao.

TELEFONE: (81) 3184-3174

PESQUISA: O acervo de objetos foi mapeado por meio de consulta ao Museu Virtual, que possui fotos e informações sobre cada peça.

ACERVO DE OBJETOS:

- 43 peças Apinajé: abano, apito, bastão, bolsa, braçadeira, buzina, cesto, cinto, colar, cuia, espátula (raquete), flauta, fuso, maracá, pião, pulseira, cabaça, roda, testeira, tira de pescoço e tornozeleira.

- 01 peça Krahô: badoque.

- 49 peças Canela: agulha, abano, bolsa, brinquedo, busina, cabaça, calçado, canudo, carimbo, cesto, cinto, colar, cuia, enfeite occipital, funda, jarreteira, maracá, pulseira, testeira, tipiti e toras.

COLETOR: Carlos Estevão de Oliveira (1908 e 1946).

Laboratório de Imagem e Som em Antropologia

ENDEREÇO: Rua do Anfiteatro, 181, Conjunto Colméia, Favo 10.

CEP: 05800-900 - São Paulo, SP

WEBSITE: lisa@usp.br

TELEFONE: (11) 3091-3045 ou 3091-1478

PESQUISA: O acervo de fotos foi mapeado por meio de consulta ao Banco de Dados da instituição.

ACERVO FOTOGRÁFICO:

KRAHÔ: 119 fotos. COLETORES: Desconhecido - Expedição Othon H. Leonardos, Manuela Carneiro da Cunha e Desconhecido.

APINAJÉ: 2 fotos. COLETORES: Desconhecido - Expedição Othon H. Leonardos.

CANELA: 7 fotos. COLETORES: Desconhecido.

Centro Timbira *Pënxwyj Hëmpëjxà*: Acervo Cultural Timbira

ENDEREÇO: Estrada BR 010, Km 17

CEP: 65980-000 - Carolina, MA

TELEFONE: CTI (11) 2935-7769 ou (61) 3349-7769

ACERVO FOTOGRÁFICO COMPOSTO POR:

1. ARQUIVO DO CTI: contém registros feitos por assessores e pesquisadores do centro e pesquisadores indígenas;
2. DOAÇÕES DE COLEÇÕES: fotografias particulares de pesquisadores;
3. IMAGENS FOTOGRÁFICAS: adquiridas em museus que possuem coleções sobre os Timbira;
4. REGISTRO FOTOGRÁFICO: parte dos artefatos Timbira constantes nos acervos etnográficos de museus. O objetivo do registro, realizado em 2009 e 2010, foi mapear os acervos e aproximar os pesquisadores Timbira das coleções que lhes dizem respeito e se encontram dispersas em diversos museus do Brasil. Foi registrada também a coleção etnográfica particular de Maria Elisa Ladeira.

1. ARQUIVO DO CTI

POVO	LOCAL	DATA	DESCRIÇÃO	QUANT
CANELA- APĀNJEKRÁ	Aldeia Porquinhos	Julho/2009	Ejkrere/ iniciação (festa da prisão)	1180
		Novembro/2010	cotidiano	101
APINAJÉ	Aldeia Buriti Cumprido	Julho/2006	Ritual do Pýrkapë	96
	Aldeia São José	Outubro/2007	Ritual do Pýrkapë, Kworty e Rurut	250
	Aldeia São José e Serrinha	Julho/2010	Ritual do Me o cre poj hundi	517
GAVIÃO- PYHCOPCATIJI	Aldeia Riachinho	Janeiro/2005	Oficina de Projeto	123
		Julho/2006	Acompanhamento Escola Timbira/cotidiano	69
	Belém do Pará	Junho/2010	Visita ao Museu Goeldi para coleta de material	70
KRAHÔ	Aldeia Nova	Janeiro/2006	Cotidiano	383
		Janeiro/2006	Ritual do Pýrkapë	591
		Janeiro/2006	Ritual do Pýrkahàc	93
		Julho/2006	Acompanhamento Escola Timbira/cotidiano	83
		Outubro/2009	Cotidiano	200
		Agosto/2010	Ritual do Pýrkahàc	297
	Aldeia Rio Vermelho	1994	Ritual do Pýrkahàc	146
		Julho/2007	Ritual do Pýrkahàc	671
		Julho/2010	Rituais Pronji e Pebjet	834
	São Paulo	Outubro/2005	Corrida de Toras em São Paulo Krahô x Xavante, na Av. Paulista	07
	Praia da Baleia	Outubro/2005	Viagem dos Krahô para a Praia em São Sebastião, SP	21
	Brasília	Outubro/2006	Corrida de Tora: Manifestação na Esplanada dos Ministérios	164
	Centro Pënxwyj	Novembro/2007	Escola Timbira - Ensino Médio Módulo 1- Krahô	98
	Aldeia Cachoeira	Julho/2006	Acompanhamento Escola Timbira e Pýrkahàc	50
		Maiio/2010	Ritual do Pýrkahàc, Ejkrere e Pýrtere	1.011
	UFBA	2005	Participação dos Krahô no Mercado Cultural	25
KRIKATI	Aldeia São José	Abril/2006	Oficina Krikati	34
		2006	Cotidiano	45
		2006	Mutirão do Guarumã	57
		Abril/2006	Oficina Krikati	17
		2006	Oficina Krikati	143

POVO	LOCAL ALDEIA	DATA	DESCRIÇÃO	QUANT
TIMBIRA	Carolina/MA	S/D	Programa Saúde	12
		1994	Curso de Formação de Professores	43
		1999	Curso de Formação de Professores	98
		2001	Curso de Formação de Professores	107
		2005	Escola Timbira - Ensino Fundamental Módulo 7	50
		2005	Escola Timbira - Ensino Fundamental Módulo 8	398
		2006	Encontro de Cantadores	70
		Dezembro/2006	Formatura Escola Timbira - Ensino Fundamental Módulo 10	1.913
		Maio/2006	I Mentwajê Cultural	2.771
		AGOSTO/2006	II Mentwajê Cultural	976
		Julho/2007	III Mentwajê Cultural - Oficina Cultural Krahô e Apinajé	218
		Dezembro/2007	Reunião com Presidente da Funai	140
		Setembro/2007	Oficina de saúde	1.107
TOTAL DE FOTOS				17.428
FOTOS A CLASSIFICAR				10.000

COLETORES E PESQUISADORES DO CTI: Andrea Bavaresco, Augusto Nascimento, Daniela Leme da Fonseca, Demian Nery, Diogo Azanha, Fabrício Ferreira Fernandes, Gilberto Azanha, João Morita, Helena Ladeira, Jaime Siqueira, João Paulo Morita, Júlia Tigel, Julia Trujillo Miras, Juliana Noletto, Ligia Raquel Soares, Kilza Setti, Maria Elisa Ladeira, Neuza Vieira, Priscila Chianca, Renata Amaral, Thiago Ávila.

ORIENTADORES E PESQUISADORES TIMBIRA: Wesley Gavião, Boaventura Gavião, Olímpio Canela, Eduardo Crut Krahô, Cloves Intép Krahô, Alexandre Apinajé, Sidney Krahô, Paulinho Krahô, Itamar Krahô, Kĩnkĩn Krahô, Tião Tejapök Krahô, Márcia Krahô, Jaylton Krikati, Paulo Thugran Apâniekra, Simão Kàjcàr Krahô, Adriano Gavião, Manoel Sãn-são Gavião, Severino Gavião, Reginaldo Canela, Jonas Polino Gavião, José Brasil Cujcwa, Francisquinho Tephoto, Moisés Ixec, Damásio Belisário Wapet, Pedrinho Canuto Krahô, Alberto Hapyhy, Iramar Irroiawen, José Miguel Kôc e Olegário Tejapök.

2. COLEÇÕES FOTOGRÁFICAS PARTICULARES

PESQUISADOR	POVO	DATA	QUANT
ODAIR GIRALDIN	Apinajé e Ramkokamekra	1997-2010	881
GILBERTO AZANHA E MARIA ELISA LADEIRA	Krahô, Apãnjekrá, Ramkokamekra, Krikati Gavião, Apinajé.	1973- 1989	1.028
JULIO CEZAR MELATTI	Krahô	1962-1971	849
WILLIAN CROCKER	Ramkokamekra	1958 a 1993	14.062
ISPN/ PETER CATON	Apinajé e Krahô	2010	177
BENTO VIANA	Krahô	2004	124
THOMAZ ROHRER	Krahô	2010	309
A CASA VERDE	Krahô	2010	336
RODRIGO FOLHES	Ramkokamekra	2007	138

3. ACERVO FOTOGRÁFICO PERTENCENTE A MUSEUS QUE INTEGRAM O ACERVO CULTURAL TIMBIRA

MUSEU	POVO	DESCRIÇÃO	QUANTIDADE
MUSEU NACIONAL -DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA	Apinajé e Canela-Ramkokamekra	Coleção de fotos Curt Nimuendajú	60
IGPA	Krahô	Coleção Jesco Putkamer	02
MUSEU DO ÍNDIO	Canela, Krahô, Krikati, Gavião e Timbira	Serviço de Proteção aos Índios, Comissão Rondon	41

4. REGISTRO FOTOGRÁFICO DE OBJETOS PERTENCENTES A COLEÇÕES E MUSEUS

MUSEU DO ÍNDIO: 150 artefatos fotografados pelo CTI e 505 fotos de artefatos Canela, 02 Krahô e 08 Gavião-Pykobjê disponibilizadas pelo Museu.

MUSEU GOELDI: 75 artefatos fotografados pelo CTI com o consentimento do Museu.

MAE-UFRP: 50 fotos de artefatos Canela disponibilizadas pelo Museu.

MUSEU CARLOS ESTEVÃO: 93 fotos de artefatos disponíveis no site do Museu.

COLEÇÃO MARIA ELISA LADEIRA: 120 artefatos Timbira fotografados pelo CTI.

OBJETOS FOTOGRAFADOS	QUANTIDADE	POVO	ORIGEM
CESTOS	06	Canela	MAE – UFPR
	01	Krikati	Museu do Índio
	21	Canela	Museu do Índio
	10	Ramkokamekra	Col. M. E. Ladeira
	15	Gavião	Col. M. E. Ladeira
	14	Krahô	Col. M.E. Ladeira
	05	Krikati	Col. M. E. Ladeira
	02	Gavião	Museu Goeldi
	03	Canela	Museu Goeldi
FLECHAS	01	Canela	MAE – UFPR
	01	Gavião	Museu do Índio
	01	Krikati	Museu do Índio
	04	Canela	Museu do Índio
	05	Gavião-	Museu Goeldi
	02	Krikati	Museu Goeldi
ARCOS	01	Canela	MAE – UFPR
	01	Canela	Museu do Índio
	02	Krikati	Museu do Índio
	02	Gavião	Museu Goeldi
	02	Canela	Museu Goeldi
	02	Krikati	Museu Goeldi
BORDUNAS/CACETE/ CLAVA/ BASTÃO	05	Canela	MAE – UFPR
	02	Ramkokamekra	Col. M. E. Ladeira
	02	Krahô	Col. M. E. Ladeira
	01	Gavião	Museu Goeldi
	06	Canela	Museu Goeldi
MACHADO OU MACHADINHA (PEDRA)	02	Canela	MAE – UFPR
	01	Apinajé	Museu do Índio
FACA	08	Canela	Museu do Índio
TROMPETES E BUZINAS	04	Canela	MAE – UFPR
	01	Krahô	Col. M. E. Ladeira
	02	Apinajé	Museu do Índio
	08	Canela	Museu do Índio
	01	Krikati	Museu do Índio
	04	Canela	Museu Goeldi
	01	Krikati	Museu Goeldi
APITO	03	Canela	MAE – UFPR
	02	Apãniekra	Col. M. E. Ladeira
	02	Krahô	Col. M. E. Ladeira
	02	Krikati	Col. M. E. Ladeira
	01	Gavião	Museu Goeldi
	01	Canela	Museu Goeldi
COLARES	03	Canela	MAE – UFPR
	08	Gavião	Museu do Índio
	04	Apinajé	Museu do Índio
	92	Canela	Museu do Índio
	04	Canela	Museu Goeldi
FLAUTAS	10	Canela	Museu do Índio

OBJETOS FOTOGRAFADOS	QUANTIDADE	POVO	ORIGEM
AURICULARES	07	Canela	MAE – UFPR
	01	Ramkokamekra	Col. M. E. Ladeira
	01	Apanjekra	Col. M. E. Ladeira
	70	Canela	Museu do Índio
	03	Canela	Museu Goeldi
PULSEIRAS/ BRACELEIRAS	11	Canela	MAE – UFPR
	02	Ramkokamekra	Col. M. E. Ladeira
	01	Apaniekra	Col. M. E. Ladeira
	01	Krikati	Museu do Índio
	84	Canela	Museu do Índio
TESTEIRA/COROA	02	Canela	MAE – UFPR
	186	Canela	Museu do Índio
	03	Canela	Museu Goeldi
BANDOLEIRA (CORREIA EM DIAGONAL SOBRE O PEITO) / TIPOIA	01	Canela	MAE – UFPR
	20	Krikati	Col. M. E. Ladeira
	03	Ramkokamekra	Col. M. E. Ladeira
	10	Gavião	Col. M. E. Ladeira
	02	Apanjekra	Col. M. E. Ladeira
	02	Krahô	Col. M. E. Ladeira
	25	Canela	Museu do Índio
	02	Canela	Museu Goeldi
JARRETEIRA (ADORNOS USADOS NO JOELHO)	01	Canela	MAE – UFPR
	16	Canela	Museu do Índio
BOLSAS	01	Canela	MAE – UFPR
	01	Krikati	Museu Goeldi
TIPITI	04	Canela	MAE – UFPR
	01	Krahô	Col. M. E. Ladeira
PENEIRA	01	Canela	MAE – UFPR
	01	Krahô	Col. M. E. Ladeira
	01	Gavião	Col. M. E. Ladeira
ESTEIRA	01	Timbira	Museu do Índio
	01	Krahô	Col. M. E. Ladeira
BRINQUEDOS	04	Timbira	Museu do Índio
	02	Apinajé	Museu do Índio
	04	Canela	Museu Goeldi
MÁSCARA DE ESTEIRA	01	Krikati	Museu do Índio
	01	Canela	Museu Goeldi
CACHIMBO	04	Canela	Museu do Índio
	01	Gavião	Museu Goeldi
	01	Krikati	Museu Goeldi
CINTO	06	Canela	Museu Goeldi
	26	Canela	Museu do Índio
LANÇA	01	Canela	MAE – UFPR
MARACÁ	01	Canela	Museu Goeldi
TORA	01	Canela	Museu Goeldi
FUNDA (tipo de estilingue)	08	Canela	Museu do Índio
PILÃO	01	Canela	Museu Goeldi

OBJETOS FOTOGRAFADOS	QUANTIDADE	POVO	ORIGEM
ALMOFARIZ	01	Canela	Museu Goeldi
	01	Canela	Museu do Índio
MÃO DE PILÃO	01	Canela	Museu Goeldi
	02	Krahô	Museu do Índio
CABAÇA	03	Canela	Museu Goeldi
CARIMBO	20	Canela	Museu do Índio
TIGELA DE CERÂMICA	02	Canela	Museu do Índio
CAIXINHA DE TALO DE BURITI	01	Canela	Museu Goeldi
ADORNO DE PENA	01	Canela	Museu Goeldi
	01	Ramkokamekra	Col. M. E. Ladeira
AÇOITE	01	Canela	Museu Goeldi
ESPETO EM FORMA DE CABEÇA DE PÁSSARO	01	Canela	Museu Goeldi
ISQUEIRO DE CHIFRE	01	Gavião	Museu Goeldi
	01	Ramkokamekra	Col. M. E. Ladeira
DIADEMA	02	Canela	Museu do Índio
ESPANADORES	04	Canela	Museu do Índio
CHAMARIZ DE CAÇA	01	Canela	Museu do Índio
PLACA DE CERÂMICA (TANÁ)	01	Canela	Museu do Índio
COLHERES DE CABAÇA	07	Canela	Museu do Índio
FURADORES DE NARIZ, ORELHA E LÁBIO	06	Canela	Museu do Índio
CRUZES DE FIO	16	Canela	Museu do Índio
PATRONAS	02	Canela	Museu do Índio
CORDÃO ESTATÍSTICO	01	Canela	Museu do Índio
VASSOURAS	06	Canela	Museu do Índio
PEITORAIS DE PENTE E PINGENTE	13	Canela	Museu do Índio
	05	Krahô	Col. M. E. Ladeira
	04	Ramkokamekra	Col. M. E. Ladeira
	03	Apanjekra	Col. M. E. Ladeira
PINGENTES	02	Canela	Museu do Índio
FIEIRA DE PENAS	01	Canela	Museu do Índio

ACERVO SONORO

O projeto do Acervo Cultural Timbira coletou gravações realizadas entre os anos 1960 e 1980 por pesquisadores que estiveram entre os Timbira. Grande parte do acervo sonoro foi coletada no suporte fita cassete e está em processo de digitalização. É composto por mais de 400 horas de gravações de cantigas, histórias, conversas e reuniões realizadas nas aldeias. Em 1997, teve início o projeto Arquivo Musical Timbira, sob orientação da Profa. Dra. Kilza Setti, quando o acervo de fitas cassete da coleção Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha foi organizado e

digitalizado. Desde então os cantadores Timbira foram incentivados a registrarem suas “cantorias” para que fossem disponibilizadas no Centro Timbira *Pënxwyj Hëmpejxà* e intercambiadas entre as diversas aldeias, a fim de que colaborassem para escuta e aprendizado de outros cantadores. Foram gravadas 150 fitas cassete durante os encontros e reuniões realizadas no Centro Timbira, entre os anos 1996 e 2010. No arquivo constam 52 fitas cassete que ainda não passaram pelo processo de classificação e digitalização.

POVO KRAHÔ

LOCALIDADE	TEMA	TÍTULO	DATA	COLETOR
ALDEIA CACHOEIRA	Cantos	Festa do Pÿrkahàc	2010	Julia Trujillo Miras, Sidney Krahô, Paulinho Krahô e Itamar Krahô
		Festa Pÿrkahàc	2010	Júlia Trujillo Miras
	Narrativas	Histórias: Cuhy	2005	Ozeias Nunu Krahô e João Xavier Krahô
		Histórias: Tejapoc e Cupahka; Akwê; Cuhy;	2005	Ozeias Nunu Krahô
	Conversas	Reunião com Milton, João Canuto Krahô e Lourenço	1981	Gilberto Azanha
		Conversas sobre corrida de toras e conhecimentos associados	2010	Julia Trujillo Miras
ALDEIA GALHEIRO	Cantos	Cantigas Juracir Krahô		Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Cantos de brincadeiras	1974/1975	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Festa do Pÿrkahàc (3 fitas cassete)	1974/1975	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Cantigas de Hökrepôj	1974/1975	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Cantigas de maracá: Luis Canuto Krahô e Luiz Baú Krahô	1974/1975	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Canto na Tora, choro e fala	1975	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Festa Pempkahàc/ Jýtjöpĩ	1975	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Festa Pempkahàc/ Jýtjöpĩ	1975	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Festa Pÿrkahàc	1978	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Cantigas das hökrepôj	1978	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Festa Pÿrkahàc	1978	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha

LOCALIDADE	TEMA	TÍTULO	DATA	COLETOR
ALDEIA GALHEIRO (CONT)	Cantos (cont)	Cantigas das hõkrepôj	1978	Gilberto Azanha
		Cantigas das hõkrepôj cantador Hapohy Krahô	1979	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Festa Pÿrkahàc	1982	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Cantos e Julgamento na escola	1982	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Festa Pÿrkahàc	2006	Luis Baú Krahô
		Festa Pÿrkahàc	2006	Luis Baú Krahô
		Cantigas de maracá; cantador Velho Vicente	1983	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Cantiga de maracá	1983	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Cantigas das hõkrepôj; cantador Estevinho	1983	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Festa Pÿrkahàc	2006	Luis Baú Krahô
	Narrativas	Os Capitães Krahô	1975	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Histórias contadas por Luiz Canuto Krahô	1983	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Xycxyc estórias do João Noletto	1980	Gilberto Azanha
	Conversas	Reunião com Funai (2 fitas cassete)	S/D	Gilberto Azanha
		Reunião com Rai	1982	Gilberto Azanha
ALDEIA MANOEL ALVES	Cantos	Festa Jýtjõpĩ (Festa da Batata); cantadores Domingo e Olegário	2004	Cloves Intep Krahô
ALDEIA NOVA	Cantos	Cantiga de maracá; cantador Aniceto Krahô	1994	Jaime Siqueira
		Cantiga de maracá	1994	Jaime Siqueira
		Cantigas da madrugada; cantador Leosipe Pempxá Krahô	1994/1995	Neuza Vieira
		Cantigas da madrugada; cantador Leosipe Pempxá Krahô	1995	Neuza Vieira
		Festa de resguardo; cantador Luiz Baú Krahô	2002	Sem informação
		Festa de resguardo; cantador Luiz Baú Krahô	2002	Sem informação
		Festa Pÿrkahàc, cantador Leosipe Krahô (3 fitas cassete)	2003	Pedrinho Xêpkà Krahô
		Festa Pÿrkahàc	2003	Pedrinho Xêprà Krahô
		Cantigas de maracá; cantador Leosipe Pempxã Krahô	2003	Pedrinho Xêpkà Krahô

LOCALIDADE	TEMA	TÍTULO	DATA	COLETOR
ALDEIA NOVA (CONT)	Cantos (cont)	Festa Pÿrkahàc	2003	não identificado
		Festa Kêêtuwajê; cantador Luiz Baú Krahô (2 fitas cassete)	2004	Guime Pàrhÿ Krahô
		Cantigas de maracá; cantadores Simão Caicàr Krahô e Baú	2004	Leosipe Pempxà Krahô
		Festa Jýtjõpĩ - Tora da Batata	2004	Leosipe Pempxà Krahô
		Festa das crianças	2004	Leosipe Pempxà Krahô
		Festa kêêtuwajê; cantadores Zé Maria, Luiz Baú Krahô e outros	2004	Leosipe Pempxà Krahô
		Cantiga de maracá	S/D	não identificado
		Cantigas de maracá; cantador Luiz Baú Krahô	2004	Leosipe Pempxà Krahô
		Brincadeiras; cantador Luiz Baú Krahô	2006	não identificado
		Festa Pÿrkahàc	2006	não identificado
ALDEIA PEDRA BRANCA	Cantos	Festa do Pempcahàc	1974/1975	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Festa do Pempcahác	1976	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Velha Hõkrepõj	1973/1974	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
	Narrativas	Reunião com Pedro Penõ Krahô	1988	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
ALDEIA RIO VERMELHO	Cantos	Festa Pÿrkahàc (2 fitas cassete)	1994	Kilza Setti
		Cantigas de maracá; cantador Bauzinho	2003	Pedrinho Xêcrà Krahô
		Cantigas de maracá; cantador Olávo	2003	Pedrinho Xêcrà Krahô
		Cantigas de maracá; cantador João Grosso	2003	Pedrinho Xêcrà Krahô
		Festa amxehr (3 fitas cassete)	2003	Cloves Intep Krahô
		Ritual Murica e Passarinho	2003	Cloves Intep Krahô
		Cantigas de maracá; cantador Olávo	2003	Pedrinho Xêkrà Krahô
		Cantigas de maracá; cantador Ernesto	2003	Pedrinho Xêkrà Krahô
		Festa Jýtjõpĩ; cantadores Olávo, José Nero, Waldomiro, Diniz e Veralúcia	2004	Cloves Intep Krahô
		Cantigas das festas Pronji e Tebyet; cantadores Olavo Krahô, Pedro Cacheado Krahô e Carlito Krahô da Aldeia Bacuri	2010	Olavo Krahô e Daniela Leme da Fonseca
	Conversas	Conversas sobre corrida de toras e conhecimentos associados	2010	Cloves Intép Krahô, Eduardo Crut Krahô e Daniela Leme da Fonseca

LOCALIDADE	TEMA	TÍTULO	DATA	COLETOR
ALDEIA SANTA CRUZ	Cantos	Festa Pỳrkahàc (2 fitas cassete)	2006	Luis Baú Krahô
	Conversas	Reunião João Canuto Krahô com os Krahô da Aldeia Santa Cruz	1981	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
ALDEIA SANTA CRUZ (cont)	Conversas (cont)	Reunião com Milton, João Canuto Krahô, Aleixo Pohi e Luis Xycxyc	1979	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Reunião com Joaquim Tep Hot Krahô e João Canuto Krahô	1979	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
Aldeia Serra Grande	Cantos	Cantigas das Hõkrepôj; cantador Luiz Baú Krahô (2 fitas cassete)	1981	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Cantigas das Hõkrepôj; cantador Luiz Baú Krahô	1982	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Cantigas das Hõkrepôj; cantador Luiz Baú Krahô	1982	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Cantigas da madrugada	1989	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Cantigas de maracá; cantador Luiz Baú Krahô	2006	Mãti Krahô
CENTRO PËNXWYJ	Cantos	Cantigas de roda e brincadeira; cantadores Luiz Baú Krahô e Mãti	2006	Júlia Tygel e Aluizio Azanha
		Cantando as histórias de arrumação, de fazer comida em uma casa; cantador Luiz Baú Krahô	2006	Júlia Tygel e Aluizio Azanha
		Cree Hỳh Jô; cantador Chico Ribeiro	2006	Julia Tygel e Aluizio Azanha
	Conversas	Entrevista com Baú durante oficinas de formação de jovens pesquisadores	2006	Júlia Tygel
		Entrevista com Luiz Baú Krahô e Mãti sobre ida a São Paulo, vida na aldeia e casamento	2006	Júlia Tygel
		Entrevista com Pepxá Krahô sobre atividades de música durante oficina de formação de jovens pesquisadores Timbira	2006	Júlia Tygel
		Entrevista com Luiz Baú Krahô sobre atividades de música durante oficina de formação de jovens pesquisadores Timbira	2006	Júlia Tygel
		Entrevista sobre atividades de música durante oficina de formação de jovens pesquisadores Timbira	2006	Ligia Soares
	Narrativas	História de KobKoj	2009	Leozipe Pempxà Krahô, Gabriel Kinkin Krahô e Naimar Tuhoc Krahô
		História do TejaPõc	S/D	Eduardo Crut Krahô e Cloves Intep Krahô

LOCALIDADE	TEMA	TÍTULO	DATA	COLETOR
CENTRO PĚNXWYJ (CONT)	Narrativas (cont)	A História do Hôhporé e Hitôkre-re	2009	Sidnei Pôhympey Krahô, Itamar Cakpâhi Krahô
		Entrevista com Pedro Terri Krahô durante oficina de formação de jovens pesquisadores Timbira	2006	Júlia Tygel
		Entrevista com José e Miguel Kôc Krahô sobre atividades de música durante oficina de formação de jovens pesquisadores Timbira	2006	Júlia Tygel
		Encontro de cantadores	2004	Anika Gärtner
		Cantiga da Wyty	2004	José Nero Wapri Krahô
LUGARES A CLASSIFICAR	Cantos	Cantigas de maracá	2006	Sem informação
		Festa Pÿrkahâc / Luiz Baú Serra Grande	2006	Helena Ladeira
		Festa Jýtjôpĩ	1967	Julio Cezar Melatti
		Festa do Rurut (2 fitas cassete)	1971	Julio Cezar Melatti
	Cantos (cont)	Cô'cônre e Piriakê. Cânticos de Chico Velho Aldeia Cachoeira	S/D	Julio Cezar Melatti
		Cantigas Wyty	1971	Julio Cezar Melatti
		Cantigas de maracá; cantadores Luis Txutxuk Krahô e Ambrosinho Krahô Aldeia Cachoeira	1971	Julio Cezar Melatti
		Cantigas Kupenkră e A' krore	1971	Julio Cezar Melatti
		Festa Tepjakwá; Pÿrteré	S/D	Julio Cezar Melatti
		Cantigas de casamento, Cantigas de caçada, Kukoĵ Parkwá e Rurut	S/D	Julio Cezar Melatti
		Cantigas de maracá e cô'cônre e Piriakê; cantador Chico Velho Krahô	S/D	Julio Cezar Melatti
	Narrativas	Xycxyc e estórias do João Noleto	1980	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		História da onça e do fogo; história do Hartanti	2005	Sem informação
		Narrativa: Teyapok e Kupakê (com cânticos) Narrativa: Kroiti!, Kroiti!, Narrativa: Katamrik	1971	Julio Cezar Melatti
		Mito do Fogo (em Krahô); Davi, Rito e cânticos da praça	S/D	Julio Cezar Melatti
	Conversas	Intercâmbio Krahô 1	S/D	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Intercâmbio Krahô 2	S/D	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Intercâmbio Krahô 3	S/D	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Reunião com João Canuto Krahô, Aleixo Pohi e Lourenço Aldeia Galheiro	1979	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha

LOCALIDADE	TEMA	TÍTULO	DATA	COLETOR
LUGARES A CLASSIFICAR (CONT)	Conversas (cont)	Reunião Aleixo Pohi com representantes da FUNAI Aldeia Galheiro	1981	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Julgamento na escola Aldeia Galheiro	1982	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
LUGARES A CLASSIFICAR (CONT)	Conversas (cont)	Reunião com Vianeí Posto Funai da Aldeia Pedra Branca	1985	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
	Cantigas	Kut,Kut,Kut (Põ hĩ prĩ), Crianças cantando, História de Kataprurik, só o começo, Cântico Hamahô	1971	Julio Cezar Melatti
	Conversas	Conversa de mulheres, menina sertaneja canta; cântico com maracá acompanhado por mulheres; começo do mito de sol e lua; cântico solo	1971	Julio Cezar Melatti

POVO APÃNJEKRA

LOCALIDADE	TEMA	TÍTULO	DATA	COLETOR
ALDEIA PORQUINHOS	Cantos	Cantigas Filipinho Cutà Canela e Luis Kraiba Canela	1973/1974	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Cantigas Moisés Ixenc Canela	1973/1974	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Cantigas do momento de cortar a tora	1973/1974	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Cantigas da noite, cantador Moisés Ixenc Canela	1973/1974	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Cantiga de maracá	1973/1974	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Cantigas Pÿrtere, Vicente Caokre	1973	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Par Ti Inkrercati; cantador Neuto Canela	1973/1974	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Hõkrepôj na festa Tepjakwá	1973/1974	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Cantiga do Peixe; chamador Goiabeira Harhĩ	1977	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Cantigas de hõkrepôj; cantador Felipe Cutà Canela	1993	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Festa Tepjakwa (06 fitas cassete)	1994	Jaime Siqueira
		Cantigas da noite; cantador Moisés Ixenc Canela	1994/1995	Neuza Vieira
		Cantidas Luis Kraiba Canela	1995	Flávia de Castro Alves
		Cantigas Moisés Ixenc Canela	1995	Flávia de Castro Alves
		Cantigas Moisés Ixenc Canela e Luis Kraiba Canela (2 fitas cassete)	1995	Flávia de Castro Alves
		Cantigas Luis Kraiba Canela	1995	Flávia de Castro Alves

LOCALIDADE	TEMA	TÍTULO	DATA	COLETOR
ALDEIA PORQUINHOS (CONT)	Cantos (cont)	Cantigas Moisés Ixenc Canela e Luis Kraiba Canela	1996	Flávia de Castro Alves
		Festa da Prisão; cantador Filipinho Cutà Canela	2003	Neuza Vieira
		Cantigas Moisés Ixenc Canela e Luis Kraiba Canela	2003	Neuza Vieira
		Cantigas Wyty Arkwá; cantador Moisés Ixenc Canela	2003	Neuza Vieira
		Cantigas de Wyty; cantador Luiz Kraiba	2004	Paulo Pempxà Canela
		Cantigas Zé Barro e Pedro Severino	2004	Paulo Pempxà Canela
		Festa do Torão, cantador Filipinho Cutà (2 fitas cassete)	2004	Paulo Pempxà Canela
		Festa da Prisão; cantadores Filipinho Cutà e José Barro	2004	Paulo Pempxà Canela
		Festa da Prisão das Hökrepôj; cantadores Felix e Justino	2004	Paulo Pempxà Canela
		Festa da Prisão/Buzina (2 fitas cassete)	2004	Paulo Pempxà Canela
		Festa da Tora; cantador Moisés Ixenc Canela	2004	Paulo Pempxà Canela
		Festa da Tora	2004	Paulo Pempxà Canela
		Festa da Prisão; cantador Filipinho Cutà (2 fitas cassete)	2004	Paulo Pempxà Canela
		Festa da Prisão; cantadores Pedro Cacheado Krahô e Felix Rancrou	2004	Paulo Pempxà Canela
		Festa ějkrere	2005	Moisés Ixênc Canela
		Cantigas da Tarde	2005	Moisés Ixênc Canela
		Kri Pé Nã; cantador Moisés Ixenc Canela	2005	Eusébio Hòhòt Canela
		Intercâmbio de alunos Krahô na Aldeia Porquinhos	2005	Félix Canela
		Cantigas de maracá (2 fitas cassete)	S/D	Sem informação/não identificado
		Festa do ějkrere, cantador Miguel	S/D	Sem informação/não identificado
	Narrativas	Tradução do Caxowyj, Euzébio Canela	S/D	Sem informação/ não identificado
		Avkêê Hitokre-ti	1973	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Mito de Javỳy	1975	Maria Elisa Ladeira e Gilberto Azanha
		Histórias de Euzébio Apanjekra	2002	Augusto Nascimento
		História do fogo e história da comida, Osmar Kaokré	2005	Augusto Nascimento
		História do Poré (dinheiro), Osmar Kaokré	2005	Augusto Nascimento

LOCALIDADE		TÍTULO	DATA	COLETOR
ALDEIA PORQUINHOS (CONT)	Narrativas (cont)	História da entrada de poré (dinheiro) na aldeia Porquinhos e das trocas de antigamente, Juracyr Melquiades Apanjekra	2005	Augusto Nascimento
		História do fogo	2005	Augusto Nascimento
		Cruw me Rop	2009	Daniela Fonseca
	Temas Variados	Coleção particular Andrea Tonacci: gravações para o documentário “Conversas no Maranhão”	1977	Andréa Tonacci Walter Luis Rogério

POVO CANELA-RAMKOKAMEKRA

LOCALIDADE	TEMA	TÍTULO	DATA	COLETOR
ALDEIA ESCALVADO	Cantos	Cantigas da madrugada	1973	Maria Elisa Ladeira/ Gilberto Azanha
		Cantigas da tarde, brincadeira especial	1973	Maria Elisa Ladeira/ Gilberto Azanha
		97 Gravações de mitos em áudio	1975	Willian Crocker
		Cantigas da madrugada	1994/95	Neuza Vieira
		Inkregati; cantador Abílio Ramkokamekra (2 fitas cassete)	2002	Augusto Nascimento
		Cantigas de maracá; cantadores Abilinho Tami Canela e Francisco Tep Hot Canela	2003	João Wôôwir Canela
		Cantigas de maracá; cantador Abilinho Tami Canela (2 fitas cassete)	2003	João Wôôwir Canela
		Cantigas de hõkrepõj	2003	João Wôôwir Canela
		Cantigas wyty (2 fitas cassete)	2003	Neuza Vieira
		Cantigas de maracá; cantador Abilinho Tami Canela	2003	Ivan Pol Cate Canela
		Cantigas da madrugada; cantador Abilinho Tami Canela	2004	João Wôôwir Canela
		Cantigas de maracá; cantadores Abilinho Tami Canela e Juvenaldo Canela	2004	João Wôôwir Canela
		Cantigas de maracá	2004	João Wôôwir Canela
		Cantigas de maracá	2004	João Wôôwir Canela
		Cantigas de maracá; cantador Abilinho Tami Canela	2004	João Wôôwir Canela
		Cantigas Henãmakatapê, hitõre, Ti wa, Xuka, Xuka; cantador Tephoto Canela	2009	Odair Giralдин e Ligia Soares
		Cantigas para rama de abóbora e cabeça, para rama de amendoim, para semente de milho	2009	Odair Giralдин e Ligia Soares

LOCALIDADE	TEMA	TÍTULO	DATA	COLETOR
ALDEIA ESCALVADO (cont)	Cantos (cont)	Cantiga da peteca e do milho; cantador Abilinho Tami Canela	2009	Odair Giralдин e Ligia Soares
	92 Cantigas CD Pepjê	Cantigas do ciclo integral de uma das fases do rito de iniciação - Pepjê	2006	Rodrigo Folhes, Francisquinho Tep Hot, Abílio Tami, Iky e Prefet
		Histórias contadas por Sabino Minkry (3 fitas cassete)	1974	Gilberto Azanha
		História da catexjkwj: Tephот Canela	2010	Odair Giralдин e Ligia Soares
		História da criação do mundo	2010	Odair Giralдин e Ligia Soares

POVO KRIKATI

LOCALIDADE	TEMA	TÍTULO	DATA	COLETOR
ALDEIA SÃO JOSÉ	Cantos	Festa da Wyty; cantador Velho Neuto	1991	Maria Elisa Ladeira
		Cantiga de Hökrepôj; cantador José Brasil Bandeira Gavião (2 fitas cassete)	2003	Juliana Noleto
		Cantiga de Hökrepôj	2003	Juliana Noleto
		Cantigas com os homens; cantador José Brasil Bandeira Gavião	2003	Juliana Noleto
		Cantigas de Hökrepôj	2003	Juliana Noleto
		Cantigas com os homens	2003	Juliana Noleto
		Festa da Tora	2003	Juliana Noleto
		Festa da Tora; cantador José Brasil Bandeira Gavião	2003	Juliana Noleto
		Cantigas de maracá e do arará; cantador Dorival Vexyh Krikati	2004	Estevão Krikati
		Festa do pé de banana; cantador Dorival Vexyh Krikati	2004	Estevão Krikati
		Cantigas de maracá; cantador Dorival Krikati (3 fitas cassete)	2005	Dorival Krikati
		Cantoria dos mortos com as hökrepôj; cantadores Juvenal Krikati, Osvaldo Krikati, Dorival Krikati e Batista Krikati	2006	Dorival Krikati
		Cantigas de maracá	2006	Dorival Krikati
		Festa da Wyty; cantador Dorival Krikati	2007	Dorival Krikati
		Festa da Tora; cantador Dorival Krikati	2008	Dorival Krikati
		Brincadeiras Piá	2009	Dorival Krikati
	Narrativas	História do Esteirão	2009	Dorival Krikati
		História da Paixão	2009	Dorival Krikati
	Conversas	Reunião Krikati e CTI	1994	Kilza Setti

LOCALIDADE	TEMA	TÍTULO	DATA	COLETOR
CENTRO PĚNXWYJ	Conversas	Entrevista sobre oficina de cantadores com Dorival Krikati e Osvaldo Krikati (2 fitas cassete)	2006	Julia Tygel
		Conversa sobre projeto Carajás/José Martins A'rÿj Gavião	1983	Maria Elisa Ladeira
	Cantos	Festa Rurut (2 fitas cassete)	2003	Jaime Siqueira e João Paulo Morita
ALDEIA RIACHINHO	Cantos	Cantiga de Hõkrepõj; cantador Davi	2003	Juliana Noleto
		Cantoria no pátio (2 fitas cassete)	2003	Juliana Noleto
		Cantiga de Hõkrepõj; cantador Ambrósio e Davi	2003	Juliana Noleto
		Cantigas Florêncio Gavião	2003	Juliana Noleto
CENTRO PĚNXWYJ	Conversas	Entrevistas com Davi e Maria Amélia sobre o arquivo musical e os cantadores	2006	Júlia Tygel
		Entrevistas sobre o arquivo musical e sobre os cantadores com José Brasil Bandeira Gavião (2 fitas cassete)	2006	Júlia Tygel
		Entrevistas sobre o arquivo musical e sobre os cantadores com Supriano	2006	Júlia Tygel
	Narrativas	Histórias contadas por José Brasil Bandeira Gavião durante a oficina de formação de jovens pesquisadores Timbira	2009	Wesley Gavião
		História Capryn Cucuree contada por Damásio Belisário Gavião durante a oficina de formação de jovens pesquisadores Timbira	2009	Severino Hÿjnõ Gavião
		História do Cachorro durante a oficina de formação de jovens pesquisadores Timbira	2009	Manoel Martins Gavião
ALDEIA MARIAZINHA	Cantos	Alexandre Tÿnko	1997	Odair Giralдин
		Pÿrkapë (6 fitas cassete)	1997	Odair Giralдин
		Pÿrkapë; cantador Romão Apinajé	1997	Odair Giralдин
		Cantora Ines Apinajé	1997	Odair Giralдин
		Festa do Luto (2 fitas cassete)	1997	Odair Giralдин
		M'byr	1997	Odair Giralдин
		Cantigas de hõkrepõj	1997	Odair Giralдин
		Me o Krepolundi (2 fitas cassete)	1997	Odair Giralдин
ALDEIA BURIRI COMPRIDO	Cantos	M'byr. Pÿrkahàc	2006	Sem informação

LOCALIDADE	TEMA	TÍTULO	DATA	COLETOR
ALDEIA SERRINHA	Cantos	Cantoria Grande e cantoria do ritual de fim de luto - Me o Krepolundi; cantadores Alcides Tepré Apinajé e José Cabelo Apinajé	2010	Daniela Leme da Fonseca e Eduardo Crut Krahô
ALDEIA SERRINHA (CONT)	Conversas	Conversas sobre corrida de toras e conhecimentos associados: José Cabelo Apinajé e Irepti Apinajé	2010	Daniela Leme da Fonseca e Eduardo Crut Krahô
ALDEIA SÃO JOSÉ	Conversas	Reunião com Procurador da República sobre Transamazônica	1997	Odair Giralдин
		Conversas sobre corrida de toras e conhecimentos associados	2010	Daniela Leme da Fonseca e Eduardo Crut Krahô
ALDEIA BREJINHO E ALDEIA SÃO JOSÉ	Narrativas	História do sapo	2009	Odair Giralдин
ALDEIA BREJINHO E ALDEIA SERRINHA	Narrativas	Histórias Mõnhgô, Kanhêti (história da estrela), Hnã êti (história da guaniba), Texware (história da pena) e Mẽ nyjaja	2009	Odair Giralдин
		Canto de Penh - pra poder matar a caça. Opinião de Grossinho sobre a penh - Renovação- Elaboração da Penh Krã	1996	Odair Giralдин
		Demarcação, Explicação de Krã ngeti, Explicação de Peeg Kaag, Me amani, Formigão, Cabeça de anta c/ caçada, Me Amin, Cantiga sobre a Pég, ogo do ppinitag, quem iniciou o Pég, Cantigas da caçada, chegada ao mato	1996	Odair Giralдин
		Tempos originais. Motivo do índio não inventar nada. Religião da humanidade. História da migração. Passagem do rio Tocantins. Primeira aldeia	1996	Odair Giralдин
ALDEIA BOTICA	Cantos	Constância	1997	Odair Giralдин
		Nhydo	1997	Odair Giralдин
		Olinda	1997	Odair Giralдин
		Pÿrkapë	1997	Odair Giralдин
		Maria José	1997	Odair Giralдин
		Mamãere	1997	Odair Giralдин
		Ayaporé e cantigas de criança	1997	Odair Giralдин
	Cantos e Narrativas	Amdxar M'byr, Panty M'byr, Canto na tora grande e chegada da tora	1997	Odair Giralдин
		Me ammi, cantor Joaquim Nhydo Apinajé, Pempbuxiti, historias, Panty Maria Mamae-re Mbyr da filha que morreu	1997	Odair Giralдин

LOCALIDADE	TEMA	TÍTULO	DATA	COLETOR
ALDEIA BOTICA (cont)	Cantos e Narrativas (cont)	Pÿrkapë, Pahöpara, histórias, cantiga do velho Kim Kim	1997	Odair Giralдин
		Mbyr do milho da roça, do pé de buriti queimado, da mandioca quebrada por arará, histórias, cantiga das crianças e Pÿrkapë	1997	Odair Giralдин
ALDEIA BOTICA E ALDEIA BONITO	Cantos	Cantiga da Tora, Panty Kama Ökreptoxi, M'byr dos netos que morreram no acidente em Belém	1997	Odair Giralдин
ALDEIA BONITO	Cantos	M'byr e Ro-ti: Sucuri e Jacaré	1997	Odair Giralдин
		Cantigas antigas Mae -idi / Tamkog Mgyr / Amiorah Canto de história das meninas que viraram pássaros Txwäpê-m	1997	?
		Me amni para Anta. Me amni da anta. Me amni formigão 4 Me amni caçada. Rão Me amni da tora, Ôhô	1997	Odair Giralдин
ALDEIA RIACHINHO	Cantos	Nhy dô pó e Nhydô kore	1997	Odair Giralдин
		Nhy dô pox bly dô, Kore	1997	Odair Giralдин
ALDEIA PATIZAL	Narrativas	Sobre as cores do Koodye e Kooré; Sobre Roberto Da Matta, Ema e Siriema, enfeites de braço, pescoço, perna, cabeça e pulseiras. Relação de amizade formal e ida ao pátio	1996	Odair Giralдин
		Histórias de Grossinho Amnhximy Apinajé.	1996	Odair Giralдин
		Compra de gado nos Krahô, o que se diz na terminação da nomeação, transmissão de amigo formal	1996	Odair Giralдин
		Ataque Krahô e corrida de toras	1996	Odair Giralдин
		Sobre os partidos	1996	Odair Giralдин
	Narrativas e cantos	Pÿrkapë, história do Pÿrkapë e amizade formal	1996	Odair Giralдин
		Cantigas para Brancos, "torre de babel", nome das aldeias Apinajé, briga em Tocantins	1996	Odair Giralдин
	Cantos	Festa do Luto (2 fitas cassete)	1997	Odair Giralдин
CENTRO PËNXWYJ	Narrativas	Romão Apinajé fala sobre a demarcação da TI	2010	Daniela Leme da Fonseca
SEM INFORMAÇÃO	Cantos	M'byr	1997	Odair Giralдин
		Nominação, parte do Rurut e Pÿrkapë	1997	Odair Giralдин
		Pÿrkapë	1997	Odair Giralдин
		Corte da Tora Grande e Rurut	1997	Odair Giralдин

LOCALIDADE	TEMA	TÍTULO	DATA	COLETOR
SEM INFORMAÇÃO (CONT)	Cantos (cont)	M'byr Tamkak, Festa do Kupenti e ô ô, Cantiga para Tingui, Festa Mamgué Kru-re	1997	Odair Giralдин
		Canto de ngrere, de amdy, M'byr, sobre os nomes e cantos de nomes	1997	Odair Giralдин
		Me o Krepolundi	1997	Odair Giralдин
		M'byr abóbora, milho, algodão, formigão, jacaré que carregou a alma do homem e espingarda, chuva, caititu, saída da tora do Pemb, me ammi da anta	1997	Odair Giralдин
		Pÿrkapë (4 fitas cassete)	1997	Odair Giralдин
	Cantos e narrativas	Choro para tirar o Luto e História da tora grande, Irepti Apinajé.	1996	Odair Giralдин
		Me ammi - Cantoria sobre as toras e histórias Dengetti	1997	Odair Giralдин
	Narrativas	Irepti e Julia Maio	1997	Odair Giralдин
		Histórias sobre a festa de nomeação	1997	Odair Giralдин
		Maria Barbosa	1997	Odair Giralдин
		Cantador Estevão e Irepti	1997	Odair Giralдин
		História do milho (Mucura)	1997	Sem informação
		Sobre a festa de nomeação	1997	Odair Giralдин
		História do milho	1997	Sem informação
		Histórias, relação Krahô e Aldeia São José, Krikati e Aldeia Botica	1996	Odair Giralдин
		Versões de cõpë, de Vaimé, história das aldeias	S/D	Odair Giralдин

CANTIGAS DIVERSAS: I Encontro de Cantadores Timbira no Centro Timbira de Ensino e Pesquisa Pënxwyj Hepenxjà, em 2004. Povos: Krahô, Ramkokamekra, Apãnjekra, Apinajé, Krikati e Gavião Pykopjê. Gravação: André Magalhães e Renata Amaral.

ACERVO DE FILMES TIMBIRA

O Acervo de filmes é constituído por gravações em estado bruto que registram diversas situações - tanto de rituais realizados nas aldeias, como de reuniões e oficinas realizadas no Centro Timbira - sempre produzidas pelos pesquisadores Timbira, pesquisadores do CTI e associados. Há também um acervo de filmes editados e finalizados, produzidos pelo CTI e por terceiros, sobre os povos Timbira.

ARQUIVO DE FILMAGENS CTI

POVO	LOCALIDADE	DATA	DESCRIÇÃO
APINAJÉ	Centro Pënxwyj	2010	V Mentwajê Cultural - Pinturas - patrimônio cultural
	Sem informação	S/D	Objetos Apinajé - Coleção Odair Giralдин
	Sem informação	S/D	Ritual de luto - Coleção Odair Giralдин
	Centro Pënxwyj	2007	III Mentwajê Cultural - Tepré fala sobre Me okre por runhti Tepre
	Aldeia Serrinha	2010	Ritual - Me o Krepolundi - atividade de pesquisa com jovens Apinajé; acompanhamento: Daniela Leme da Fonseca
GAVIÃO-PYHCOPCATIJI	Centro Pënxwyj	2010	V Mentwajê Cultural - Pintura e festa do Ejkrere - patrimônio cultural
	Centro Pënxwyj	2007	Entrevista Jonas Gavião - entrada dos Guajajara na TI Governador
KRAHÔ	Aldeia Rio Vermelho e Aldeia Mãe Maria dos Gavião Parakatejê (Pará)	1992	Material bruto do filme: Eu já fui seu irmão. Vicente Carelli/CTI.
	Aldeia Galheiro e São Bernardo do Campo, SP	1990	Mensagem dos Krahô aos prefeitos e vereadores de São Bernardo do Campo. Gilberto Azanha e Paulo César da Silva
	Aldeia Rio Vermelho	2007	Ritual do Pÿrkahàc de Diniz - atividades de campo
	Centro Pënxwyj	2007	III Mentwajê Cultural - estórias narradas por Gercília, Tuhoc e Terri
	Centro Pënxwyj	2010	V Mentwajê Cultural - cantos, kÿjre - patrimônio cultural
	Centro Pënxwyj	2010	V Mentwajê Cultural - festa do Pÿrkahàc - patrimônio cultural
	Aldeia Cachoeira	2010	Festa do Pÿrkahàc atividades de pesquisa com jovens Krahô; acompanhamento: Júlia Miras
	Aldeia Nova	2010	Ritual Pÿrkahàc - atividades de pesquisa com jovens Krahô; acompanhamento: Helena Ladeira
	Aldeia Rio Vermelho	2010	Ritual Pronji e Tebyet - atividades de pesquisa com jovens Krahô; acompanhamento: Daniela Leme da Fonseca
KRIKATI	Centro Pënxwyj	2010	V Mentwajê Cultural - festa do esteirão - patrimônio cultural
CANELA – RAMKOKA-MEKRA	Aldeia Escalvado	1963	Awkhe movimento messiânico
	Centro Pënxwyj	2007	III Mentwajê Cultural - histórias Canela - Francisquinho Tep Hot
CANELA – APĀNJEKRÁ	Aldeia Porquinhos	2009	Ritual Ejkrere - atividades de pesquisa com jovens
	Aldeia Porquinhos	2010	Ritual Ejkrere e Festa da Laranja
	Aldeia Porquinhos	2010	Cotidiano, cultura material e arquitetura
TIMBIRA	Centro Pënxwyj	1998	Imagens curso de formação de professores Timbira
	Centro Pënxwyj	1999	Gravações de depoimentos sobre demarcação de terra, materiais didáticos, atividades de formação de professores que deram origem ao vídeo Centro de Trabalho Indigenista 20 anos. Lucila Meirelles e Regina Müller. Imagem: Divino Tserewahu Xavante
	Centro Pënxwyj	2010	V Mentwajê Cultural - festa, cantos - patrimônio cultural
	Centro Pënxwyj	2010	V Mentwajê Cultural - gravação da oficina e cantoria no pátio
	Centro Pënxwyj	2007	Encontro Saúde Timbira
	Centro Pënxwyj	2007	III Mentwajê Cultural - oficina de vídeo

POVO	LOCALIDADE	DATA	DESCRIÇÃO
TIMBIRA (cont)	Centro Pënxwyj	2007	Reunião com presidente da FUNAI
	Unidade de Processamento de polpas de frutas - Fruta Sã	2007	Escola Timbira Modulo I - Visita dos alunos à fábrica Fruta Sã/ CTI
	Centro Pënxwyj	2009	Mentwajê ambiental
	Centro Pënxwyj	2009	IV Mentwajê Cultural - exposição País Timbira
	Centro Pënxwyj	2009	Reunião Território Etnoeducacional
	Centro Pënxwyj	2010	Reunião Preparatória para Conferência em Palmas
	Centro Pënxwyj	2010	V Mentwajê Cultural - patrimônio cultural Timbira
	Centro Pënxwyj	2010	Seminário Gestão Territorial e Ambiental Timbira
	Centro Pënxwyj	2010	Assembléia Geral da Wyty Catë dos Povos Timbira do Maranhão e Tocantins

ARQUIVO DE FILMES SOBRE OS TIMBIRA

POVO	DATA	TÍTULO	AUTOR /DIRETO
CANELA-APÃNJEKRÁ	1978	Conversas no Maranhão (CPB nº 10012629)	Andrea Tonacci
KRAHÔ	2007	As crianças Krahô	João Morita/CTI
	2009	Hotxuá	Letícia Sabatella e Gringo Cardia
	1993	Rito Krahô	Heinz Forthmann e Marcos de Souza Mendes
	1993	Eu já fui seu irmão	Vincent Carelli /CTI
	1992	Kraho: os filhos da terra	Luís Eduardo Jorge
	2005	Campos Lindo: A Soja no entorno do território Krahô	CTI e Secretaria da Biodiversidade e Florestas – Núcleo dos Biomas Cerrado e Pantanal - MMA
	1988	Ser Krahô	Sebastião Maria
TIMBIRA	1996	Frutos do Cerrado	Renato Barbieri/ Produção CTI, apoio MMA
	2005	Terras Indígenas, Sustentabilidade e os Povos Timbira	José Humberto Nascimento - Tiuré/ CTI
	2006	Os Timbira e Frutos do Cerrado	CTI e Wyty Catë

MAPOTECA

O Arquivo conta com 64 (sessenta e quatro) mapas produzidos pelos jovens pesquisadores Timbira durante as oficinas - Mentwajê Ambiental (2001-2010).

POVO	QUANTIDADE E TEMAS	Nº MAPAS
KRAHÔ	8- Extrativismo vegetal 2- Político e Hidrográfico 2- Recursos Naturais e Uso do Território 1- Caça e Pesca 1- Coleta 1-Impactos do Entorno	15

POVO	QUANTIDADE E TEMAS	Nº MAPAS
CANELA- APÃNJEKRÁ	6- Extrativismo Vegetal 3- Político e Hidrográfico 3- Recursos Naturais e Uso do Território 1- Caça e Pesca 1- Coleta 1- Impactos do Entorno	15
CANELA- RAMKOKAMEKRÁ	1- Extrativismo Vegetal 1- Impactos Socioambientais 2- Político e Hidrográfico 3- Recursos Naturais e Uso do Território 1- Caça e Pesca 1- Coleta 1- Impactos do Entorno	10
GAVIÃO- PYHCOPCATIJI	1- Extrativismo Vegetal 1- Impactos Socioambientais 2- Político e Hidrográfico, 2- Recursos Naturais e Uso dos Territórios 1- Caça e Pesca 1- Coleta 1- Impactos do Entorno	9
APINAJÉ	1- Impactos Socioambientais 2- Político e hidrográfico 1- Recursos Naturais e Uso dos Territórios 1- Caça e Pesca 1- Coleta 1- Impactos do Entorno	7
KRIKATI	2- Político e Hidrográfico 2- Recursos Naturais e Uso dos Territórios 1- Caça e Pesca 1- Coleta 1- Impactos do Entorno	7
TIMBIRA (COLETIVOS)	1- Mapa da Área Antiga do País Timbira 1- Mapa da Área Atual do País Timbira	2

ACERVO DOCUMENTAL TIMBIRA

- ADURA, R. M.. Perigosos, arredios e ‘diplomáticos’: notas sobre as guerras Timbira no Segundo Reinado do Império do Brasil (1840-1889). São Paulo: FFLCH /USP, 2010. (Dissertação de Mestrado)
 - ALVES, F. C.. Morfossintaxe dos Timbira Apaniekrá ou um pouco da gramática da língua Timbira falada pelos Apanyekrá da Área Indígena Porquinhos. Campinas: UNICAMP, 2004. (Dissertação de Mestrado)
 - AMADO, ROSANE S.. Análise fonológica preliminar do Pykobyê. São Paulo: USP, 1999. (Dissertação de Mestrado)
- _____. Um panorama sobre a morfologia do Pykobjê. Guavira Letras, 2009. v. 8, p. 1-17.

_____. Descrição das formas verbais longas e breves do Pykobjê: uma contribuição para o estudo dos verbos nas línguas Jê. *Revista do GEL*. Araraquara, 2005. v. 2, p. 83-105.

_____. A grafia uniformizada: uma conquista dos povos Timbira. São Paulo: Linha d' Água, 2005. v. 17, p. 65-75.

_____. Marcas da oralidade Timbira na produção de textos escritos em português. In: BRAGGIO, S. L. B.; FILHO, S. M. S. (Org.). *Línguas e Culturas Macro-jê*. Goiânia: Editora Vieira, 2009. v. ?, p. 25-41.

_____. Uma alternativa à hipótese dos prefixos relacionais nas línguas Jê: o caso do Pykobjê. In: TELLES, S. & DE PAULA, A. S. (Org.). *Topicalizando Macro-jê*. Recife: Editora Néctar, 2008. v. ?, p. 195-214.

_____. O alongamento vocálico em Pykobyê: motivações prosódicas e morfossintáticas. In: RODRIGUES, A. D. & CABRAL, A. S. A. C.. (Org.). *Línguas e Culturas Macro-jê*. 1 ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007. v. 1, p. 77-83.

_____. Análise fonológica preliminar do Pykobyê. In: SANTOS, L. & PONTES, I. (Org.). *Línguas Jê: estudos vários*. Londrina: Editora da UEL, 2002. v. ?, p. 195-213.

_____. Notas sobre o alongamento vocálico em Pykobjê. In: VII Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Lingüística da USP, 2006, São Paulo. O papel do lingüista na sociedade VII Enapol. São Paulo: Editora Paulistana, 2006.

_____. A negação em Pykobyê. In: V Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de São Paulo, 2003, São Paulo. *Língua: uma questão de regras ou de usos?* Serviço de Divulgação Informação Gráfica – FFLCH. São Paulo, 2003. p. 19-26.

_____. O padrão acentual do Pykobyê. In: II Congresso Internacional da Abralín, 2003, Fortaleza. *Boletim da Abralín - Número Especial - Anais do II Congresso Internacional da Abralín*. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2003, v. 26, p. 542-544.

_____. Descrição das formas longas e breves do Pykobjê: uma contribuição para o estudo dos verbos nas línguas Jê. Não publicado. 2005.

_____. Aspectos morfofonológicos do sistema pronominal do Gavião Pykobyê. In: 50º Seminário do GEL, 2003, São Paulo. CD-Rom do 50º Seminário do GEL. Taubaté: Universidade de Taubaté, 2003.

_____. (Org.). *Estudos em línguas e culturas macro-jê*. 1. ed. São

Paulo: Editora Paulistana, 2010. v. 1, p. 243.

- AMADO, R. S.; KOGA, AS; SOUZA, J. C.. Aquisição do português como segunda língua pelas comunidades Timbira: descrição e comparação. In: AMADO, R. S. (ORG.). Estudos em línguas e culturas macro-jê. 1. ed. São Paulo: Editora Paulistana, 2010, v. 1, p. 205-229.
- AMADO, R. S. & ALVES, F. C.. As estruturas silábicas do Canela Apãniekrá e do Pykobyê: uma contribuição aos estudos da sílaba nas línguas Timbira. In: II Congresso Nacional da ABRALIN, 2000, Florianópolis. CD-Rom do II Congresso Nacional da ABRALIN. Florianópolis: Editora da UFSC, 2000, p. 592-601.
- AMADO, R. S. & SILVA, T. R. Estudando em “termos” a língua indígena pykobjê-gavião. Guavira Letras, 2009, v. 8, p. 82-93.
- AMADO, R. S. & SOUZA, L. C. Notas sobre a fonologia Timbira. Revista Virtual de Estudos da Linguagem, agosto/2006, v. 7.
- ANDRADE, K. S. Atlas Toponímico de origem indígena do Estado do Tocantins. São Paulo: FFLCH/USP, 2006. (Tese de Doutorado)
- ARAÚJO, L. S. M.. Estruturas subjacentes a alguns tipos de frases declarativas-afirmativas do Gavião-Gê. Florianópolis: Universidade de Santa Catarina, 1977. (Dissertação de Mestrado)
- ARNAUD, E.. Os Gaviões de Oeste – Pacificação e Integração. Publicações avulsas Museu Paraense Emílio Goeldi. Pará, 1975.
 _____. Notícia sobre os índios Gaviões de Oeste – Rio Tocantins, Pará. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova Série, Antropologia, nº 20, Belém, 1964.
 _____. O comportamento dos Índios Gaviões de Oeste face a Sociedade Nacional. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia, nº 1, Belém, 1984.
- ÁVILA, T. A.. Não é do jeito que eles quer é do jeito que nós quer. Brasília: UnB, 2004. (Dissertação de Mestrado)
- AZANHA, GILBERTO. A forma “Timbira”: estrutura e resistência. São Paulo: USP, 1984. (Dissertação de Mestrado)
 _____. Estudo de Complementação dos Impactos Socioambientais da UHE Estreito nas Terras Indígenas Kraolândia, Apinajé, Krikati e Governador. Centro de Trabalho Indigenista, 2006.
- BARATA, M. H.. A antropóloga entre facções políticas indígenas: um drama do contato interétnico. PR/MCT/CNPq, Museu Paraense Emílio

Goeldi. Belém, 1993. (Coleção Eduardo Galvão)

_____. Os Pukobyê e os Kupê: análise de um drama. Brasília: UnB, 1981. (Dissertação de Mestrado)

• BAVARESCO, A. A.. O Pjê e a cartografia: os mapeamentos participativos como ferramenta pedagógica no diálogo entre saberes ambientais. Brasília: UnB, 2009. (Dissertação de Mestrado)

• BORGES, J. C.. O Retorno da Velha Senhora ou a Categoria Tempo entre os Krahô. Brasília: UnB, 2004. (Dissertação de Mestrado)

• CANTOS de Caçador: Povo Parakatêjê. Pará. Belém: Instituto de Artes do Pará/Programa Raízes, 2002.

• CASTRO, E. O Cesto Kaipó dos Krahô: Uma Abordagem Visual. São Paulo: USP, 1994. (Dissertação de Mestrado)

• CHAIM, MM. Aldeamentos indígenas - Goiás 1749-1811. Fundação Nacional Pró-Memória. Brasília: Editora Nobel, 1983.

• CHIARA, V.. Folclore Krahô. Revista do Museu Paulista, Nova Série, v. 13, 1961-1962, p. 333-75

_____. A semântica do cabelo. Revista do Museu Paulista, Nova Série, vol. 22. 1975.

• COELHO, BEM. A política indigenista no Maranhão Provincial. São Luís: Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado do Maranhão, 1990.

• CORRÊA, K. N. F.. Muita terra para pouco índio: o processo de demarcação da terra indígena Krikati. São Luís: Edições UFMA-PROIN-CS, 2000.

• CROCKER, G. J. & CROCKER, H. W. Os Canela: parentesco ritual e sexo em uma tribo da Chapada Maranhense. Rio de Janeiro: Museu do Índio/ FUNAI, 2009. (Série Monografias)

• CROCKER, W. Os índios Canela de Hoje- nota prévia. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova Série, Antropologia, nº 02, Belém, 1958.

_____. Estórias das épocas de Pré e Pós pacificação dos Ramkokamekra e Apaniekra –Canela. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série, Antropologia, nº 68, Belém, 1978.

_____. O movimento messiânico dos Canelas: uma introdução. In: Leitura de Etnologia Brasileira. Biblioteca Universitária, Série 2. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1976.

_____. The Canela (Eastern Timbira) na ethnographic introduction. Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 1990.

• CUNHA, M. C.. Os mortos e os outros: uma análise dos sistema fune-

rário e da noção de pessoa entre os índios Krahô. Campinas: UNICAMP, 1975. (Tese de Doutorado)

- DA MATTA, R.. Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinajé. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.

_____. Grupos Jê do Tocantins. In: Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica (Antropologia), v. 2, Belém, 1967.

_____. Mito e autoridade doméstica: uma tentativa de análise de um mito Timbira em suas relações com a estrutura social. Revista do Instituto de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, 1967, v. 4, n.1.

_____. Mito e Antimito entre os Timbira. In: Mito e Linguagem Social: Ensaios de Antropologia Estrutural. Comunicação. Rio de Janeiro: Editora Novo Tempo, 1970.

_____. Uma reconsideração da morfologia social apinajé. In: Leitura de Etnologia Brasileira. Biblioteca Universitária, Série 2. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

- FERRAZ, I.. Os Parkatêjê das matas do Tocantins: a epopéia de um líder Timbira. São Paulo: USP, 1983. (Dissertação de Mestrado)

_____. Résistance Gavião: d'une frontière, l'autre. In: Ethnies Brésil: Indiens et Développement en Amazonie, Revue de Survival Intl. France, 1990, n.11-12.

_____. Resposta a Tucuruí: o caso dos Parkatêjê. In: MAGALHÃES, Sonia et all. (Org.). Energia na Amazônia, v. II. Belém: MPEG / UFPA / UNAMAZ, 1996.

_____. De 'Gaviões' à 'Comunidade Parkatêjê': uma reflexão sobre processos de reorganização social. Rio de Janeiro: PPGAS, Museu Nacional, 1998. (Tese de Doutorado)

_____. Lições da Escola Indígena Parkatêjê. In: SILVA, A. L. & FERREIRA, M. K. (Org.). Antropologia, História e Educação. São Paulo: Global Editora, 2001. v. 1

- FERREIRA, MARÍLIA DE N. DE O. Certezas no dizer: um estudo sobre as partículas evidenciais no Parkatêjê. Alfa Revista de Linguística. São José do Rio Preto: UNESP, 2010, v. 54, p. 223-236.

_____. Contato entre línguas, perda linguística e identidade étnica: notas sobre o povo Parkatêjê. Niterói-RJ: Cadernos de Letras da UFF, 2010, v. 40, p. 239-247.

_____. Descrição de narrativas orais do povo Parkatêjê: Aspec-

- tos do texto Pyt Me Kaxêr. Londrina, PR: Entretextos, 2010, v. 1, p. 46-63.
- _____. Análise de uma narrativa oral tradicional do povo Parkatêjê: Pyt Me Kaxêr. Espaço Ameríndio (UFRGS), 2010, v. 4, p. 172-190.
- _____. Descrição de aspectos da variante étnica usada pelos Parkatêjê. São Paulo: PUC/SP, 2005, v. 21, n. 1, p. 1-21. (DELTA - Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada)
- _____. Variação lingüística e alternância de código em Parkatêjê. Brasília: Revista da Pesquisa & Pós-Graduação, 2010, v. 1, p. 1-15.
- _____. Notas sobre a situação sociolingüística dos Parkatêjê. Goiânia: Revista do Museu Antropológico, 2001, v. 5-6, p. 157-166.
- FERREIRA, MARÍLIA DE N. DE O. & NEVES, C. L.. Me kam Aprente: alternância de código em Parkateje. Brasília: Papia, 2011, v. 21, p. 113-122.
 - FOLHES, R. T.. O Antropólogo como Nativo: etnografia sobre a produção do relacionamento etnográfico (William Crocker e os Ramkokamekra-Canela). Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. (Dissertação de Mestrado)
 - FRANKLIN, A. & CARVALHO, J. R. F.. Francisco de Paula Ribeiro, desbravador dos sertões de Pastos Bons: a base geográfica e humana do sul do Maranhão. Maranhão: Ética Editora, 2005.
 - GARBUGLIO, J. C.. Gonçalves Dias: seleção-coleção melhores poemas. São Paulo: Editora Global, 2001.
 - GIRALDIN, ODAIR. AXPEN PYRAK: história, cosmologia, onomástica e amizade formal Apinajé. Campinas: UNICAMP, 2000. (Tese de Doutorado)
 - _____. A Transformação Histórica do Tocantins. Goiânia: Ed. UFG, 2004
 - GORDON, C.. Aspectos da organização social Jê: de Nimuendaju à década de 90. Rio de Janeiro: PPGAS, Museu Nacional, 1996. (Dissertação de Mestrado)
 - KAPEY. Alimentação Krahô. Projetos Demonstrativos Povos Indígenas/PDPI. Ed Dreams, 2005.
 - KOWALSKI, A. K.. Tu és quem sabe – Aukë e o mito Canela de ajuda aos índios. Brasília: Ed. Paralelo 15, 2004.
 - LADEIRA, M. E.. Sobre a língua da alfabetização indígena. In: A questão da Educação Indígena. CPI-SP. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
 - _____. O território Kricati. In: Terras e Territórios Indígenas. CPI-SP. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
 - _____. Uma Aldeia Timbira. In: Habitações Indígenas. São

Paulo: Editora Nobel, 1982.

_____. A troca de nomes e a troca de cônjuges: uma contribuição ao estudo do parentesco timbira. São Paulo: FFLCH/USP, 1982. (Dissertação de Mestrado)

_____. Algumas Observações sobre a Situação Atual dos Índios Apinajé - Relatório de Campo Realizado no Período de 12/06 a 26/06. CVRD, 1983.

_____. Perícia antropológica referente à ação de demarcação que Leon Delix Milhomem e outros movem contra a Fundação Nacional do Índio - processo 1875/81. Mimeo, 1983.

_____. Relatório de Viagem a Campo na Área Apinajé no período de 2 a 17 de outubro de 1984. Relatório 4. CVDR, 1984.

_____. Relatório sobre os Apinajé: Informações sobre o Território e o Cronograma Financeiro para 1984. Relatório 3. CVRD, 1984.

_____. Mutirão Guerreiro conquista demarcação Apinajé. In: Aconteceu nº 15. São Paulo: CEDI, 1984.

_____. Control del cuerpo y reproducción social entre los Timbira. In: Mujeres e Relaciones de Genero en la Antropologia Latinoamericana. México: Editora do Colégio do México, 1992.

_____. A cronologia de uma demarcação encantada: a questão Kricati. In: Povos Indígenas no Brasil/1991-1995. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1996.

_____. O uso da escrita entre os Timbira. In: Revista RUA. Campinas: UNICAMP, 1997, v. 1, n.3.

_____. A não regularização da Terra Kricati: Até quando? In: Povos Indígenas no Brasil/1996-2000. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000.

_____. De bilhetes e diários: oralidade e escrita entre os Timbira. In: Antropologia, História e Educação. São Paulo: Editora Global ; Centro Mari, 2001.

_____. Relatório GT de Demarcação da Terra Indígena Apinajé 1975/76. FUNAI.

• LADEIRA, M. E. & AZANHA, G.. Os Timbiras atuais e a disputa territorial. In: Povos Indígenas no Brasil/1991-1995. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1996.

• LADEIRA, M. E. & FERRAZ, I.. Os povos indígenas da Amazônia Orien-

tal e o Programa Carajás: avaliação e perspectiva. 46º Congresso Internacional de Americanistas. Amsterdam, Holanda, 1988.

_____. O Averso de Carajás. In: Entre la resignación y la esperanza. Asunción, Paraguay: Intercontinental Editora – CDHU, 1990.

_____. Algumas questões sobre o Convênio CVRD/FUNAI: a política integracionista e aplicação dos recursos. In: Entre la resignación y la esperanza. Asunción, Paraguay: Intercontinental Editora – CDHU, 1990.

• LADEIRA, M. E. & NOLETO, J.. Povo Luta pela integridade de sua Terra. In: Povos Indígenas no Brasil- 2001/2005. São Paulo: Instituto Socio-ambiental, 2006.

• LARAIA, R. B. & DA MATTA, R.. Índios e castanheiros: a empresa extrativa e os índios no médio Tocantins. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

• MELATTI, J. C. O sistema social Krahó. São Paulo: FFLCH/USP: São Paulo, 1970. (Tese de Doutorado)

_____. Índios e Criadores: a situação dos Krahô na área pastoril do Tocantins. Rio de Janeiro: Instituto de Ciências Sociais/UFRJ, 1967.

_____. O Messianismo Krahô. São Paulo: Editora Herder, 1972.

_____. Ritos de Uma Tribo Timbira. São Paulo: Editora Ática, 1978. (Coleção Ensaios 53)

_____. Reflexões sobre algumas narrativas Krahó. Brasília: Fundação Universidade de Brasília. Departamento de Ciências Sociais, 1974. (Série Antropologia, n.8)

_____. O Mito e o Xamã. Revista do Museu Paulista. v. XIV. São Paulo, 1963.

_____. O sistema de parentesco dos índios Krahó. Brasília: UnB, 1973.

_____. Nominadores e genitores. In: Leitura de Etnologia Brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. (Biblioteca Universitária, série 2)

• NASCIMENTO, L. A. S.. Associativismo e faccionalismo: uma análise da relação interétnica entre os índios Timbira. CTI. 2004. Mimeografado.

_____. Prwncwyj: drama social e resolução de conflito entre os Apãniekra Jê-Timbira. João Pessoa: UFRN, 2009. (Dissertação de Mestrado)

• NETO, J. H. T. L.. Kàjre: a vida social de uma machadinha Krahô. João Pessoa: UFRN, 2010. (Dissertação de Mestrado)

• NIMUENDAJÚ, C.. Ramkókamekra - Canellas. Barra do Corda, 1930.

- _____. Índios Canellas orientaes (Ramkókamekra). Barra do Corda, 1935.
- _____. Índios Canellas orientaes (Ramkókamekra). Belém, 1936.
- _____. Ramkókamekra (Canellas orientaes). Belém, 1936.
- _____. Ramkokamekra (Canellas). Belém, 1937.
- _____. Léxico comparativo de línguas Jê. [S.n.t.].
- _____. Léxico comparativo de línguas Macro-Jê. [S.n.t.].
- _____. Os Apinayé. Boletim do Museu paraense Emílio Goeldi, v.12, 1956.
- _____. Os Apinayé. Boletim do Museu paraense Emílio Goeldi, Edição comemorativa do nascimento do Centenário de nascimento de Curt Nimuendajú, 1983.
- _____. A habitação dos Timbira. In: *Leitura de Etnologia Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. (Biblioteca Universitária, série 2)
- _____. The dual organizations of the Ramkokamekra (Cannella) of northern Brazil. *American Antropologist*, v.39, n.4, pt. 1., p.565-582, Oct.-Dec. 1937.
- _____. The Gamella indians. *Primitive man*, v.10, n.3-4, p.1-14, Jul./Oct. 1937.
- _____. Canellas. [S.n.t.].
- _____. Mapa Etno-Histórico. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.
- _____. Cartas do Sertão – de Curt Nimuendajú para Carlos Estevão de Oliveira. Museu Nacional de Etnologia. Lisboa: Assírio e Alvim, 2000.
- NOLETO, J. A.. A fábrica é dos mehin: desenvolvimento sustentável e povos indígenas vistos a partir do caso da Fruta Sã. Brasília: UnB, 2009. (Dissertação de Mestrado)
 - OLIVEIRA, A. L. R.. Ramkokamekra-Canela: Dominação e Resistência de um Povo Timbira no Centro Oeste Maranhense. Campinas: UNICAMP, 2002. (Dissertação de Mestrado)
 - OLIVEIRA, C. E.. Os Apinajé do Alto-Tocantins. Boletim Museu Nacional VI. Rio de Janeiro, 1930.
 - OLIVEIRA, C. C.. The language of the Apinajé people of Central Brazil. Eugene, EUA: Universidade do Oregon, 2005. (Tese de Doutorado)

- PISSOLATO, E. P.. A noção de transformação entre os Jê. Rio de Janeiro: PPGAS. Museu Nacional, 1996. (Dissertação de Mestrado)
- POPJES, J. J.. Canela-Krahô. In: Handbook of Amazonian Languages. New York, EUA: Mouton de Guyter, 1986, pp. 128-199.
- QUEIROZ, M. I. P.. Organização social e mitologia entre os Timbira do leste. In: Leitura de Etnologia Brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. (Biblioteca Universitária, série 2)
- RIBEIRO, FP. Memória sobre as Nações Gentias que presentemente habitam o continente do Maranhão. In: Revista Trimensal de História e Geographia, Rio de Janeiro, 1841.
- RIBEIRO, FP. Roteiro de viagem que fez o Capitão Francisco de Paula Ribeiro às fronteiras da Capitania do Maranhão e da de Goyas no anno de 1815 em serviço de S.M. Fidelíssima. In: Revista Trimensal de História e Geographia, Rio de Janeiro, 1870.
- ROCHA, R.P.. A questão de gênero na etnologia Jê: a partir de um estudo sobre os Apinajé. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2001. (Dissertação de Mestrado)
- SCHULTZ, H.. Lendas dos Índios Krahô. Revista do Museu Paulista, v. IV. São Paulo, 1950.
- _____. Condenação e execução de médico-feiticeiro entre os índios Krahô. In: Leitura de Etnologia Brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. (Biblioteca Universitária, série 2)
- _____. Notas sobre a magia Krahô. In: Leitura de Etnologia Brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974. (Biblioteca Universitária, série 2)
- SETTI, K.. Os índios e nós: retratos recíprocos. Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira 63, 2000: 1 Akademie Brasil Europa.
- _____. Os sons do Përekahëk no Rio Vermelho: um ensaio etnográfico dos fatos musicais Krahô. In: OVERATH, Johannes (Org.). Musices aptatio (Die Musikkulturen der Indianer Brasiliens I). Roma: Consociatio Internationalis Musicae Sacrae, 1995.
- _____. Notas de conteúdo: Índios Trovadores Acordes Timbira ecoam no cerrado. D.O. LEITURA (revista). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, v.22, n.4, jul/ago 2004.
- SHELL, O.. (after Bull Quain). Grammatical outline of Krahô. IJAL, 1952, pp. 115-129.

- SILVA, T.J.C.. A cultura do índio Krikati: a festa do ceveiro. São Luís do Maranhão: Universidade Estadual do Maranhão; Imperatriz, 1994.
- SIQUEIRA, J.G.. A sustentabilidade do território. In: Povos Indígenas no Brasil-2001/2005. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006.
- _____. A organização Timbira e a 'Rede Frutos do Cerrado'. In: Povos Indígenas no Brasil-1996/2000. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000.
- _____. Wyty-Catë: cultura e política de um movimento pan-Timbira. Contribuição ao entendimento das organizações indígenas e novas expressões da política indígena. Brasília: UnB, 2007. (Tese de Doutorado)
- SOARES, L.R.R.. Amjekin e Pjê Cunea: cosmologia e meio ambiente para os Rànkôkamekrá/Canela. Palmas: UFT, 2010. (Dissertação de Mestrado)
- SOUZA, S.M.. O sistema de referência pessoal da língua Krahô. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1990. (Dissertação de Mestrado)
- SOUSA, M.S.C.. O Traço e o Círculo: o conceito de parentesco entre os Jê e seus antropólogos. Rio de Janeiro: PPGAS, Museu Nacional, 2002.
- TIBIRIÇA, L.. Relação entre acento fonológico e fonético entre os Krahô. São Paulo: USP, 2006. (Dissertação de Mestrado)
- URBAN, G.. Split Ergativity in Krahô. Austin, EUA: University of Texas, 1978.
- VANZOLINI, P.E.. Notas sobre a zoologia dos índios Canelas. Revista do Museu Paulista, Nova Série, v. X, 1956-58.
- WELPER, E.. Curt Unckel Nimuendajú: um capítulo alemão na tradição etnográfica brasileira. Rio de Janeiro: PPGAS, Museu Nacional, 2002. (Dissertação de Mestrado)

DOCUMENTOS

- Documentos da Comissão de Professores Timbira (carta às autoridades, relatórios de trabalho e diários de professores)
- Documentos da Associação dos Povos Timbira do Maranhão e Tocantins Wýtý Catë
- Material (desenhos e textos) produzido pelos alunos da Escola Timbira durante os módulos no Centro Timbira Pënxyj Hêmpejxà
- Documentação referente aos povos Timbira, incluindo relatórios de trabalho e processos sobre as Terras Timbira, constantes do Arquivo do Cen-

tro de Trabalho Indigenista. Esta documentação precisa ser digitalizada, copiada e organizada para ficar disponível aos pesquisadores

- Material didático produzido pelo CTI para a Escola Timbira

MICROFILMES COLETADOS NO MUSEU DO ÍNDIO

271 - Relação entre Povo Krahô, SPI e criadores de gado da região próxima a TI Krahôlandia

294 - Relação entre Povo Krahô, SPI e criadores de gado da região próxima a TI Krahôlandia

323 - Posto Indígena Apinayé

342 - Relatório SPI Apinayé, Canela e fotos canela

379 - Terra dedicada aos Canela

380 - Gildo Meireles - Krahô

382 - Recortes de jornal de 1930

386 - Inspetorias, Povos e Aldeias - SPI Maranhão.

389 - Notícias Timbira diversas

2.A - Violência contra os Índios Canela

89 - Relatório do SPI, Posto Timbira

ACERVO DE ARTEFATOS DO CENTRO TIMBIRA

87- apitos/colares de cabaça, arco, auriculares, bolsa, borduna, brinquedo de palha, buzinas, cachimbo de palha, cesto, cintos de corredor, cocar de tecido, cofos, colar, espanador, esteiras, flecha, flecha (ponta de palha de milho), hahĩ, kotö'j (maracá), kÿjre (machadinha de pedra), máscara, pau para fazer arco, testeira, xÿ de miçanga

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



PATROCÍNIO



PETROBRAS

PARCERIA



APOIO INSTITUCIONAL



EMBAIXADA DA NORUEGA

REALIZAÇÃO

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

EXECUÇÃO



FICHA TÉCNICA DESTE CATÁLOGO

COORDENAÇÃO MARIA ELISA LADEIRA

ELABORAÇÃO GILBERTO AZANHA
KILZA SETTI

MARIA ELISA LADEIRA

EDIÇÃO FINAL JÚLIA TRUJILLO MIRAS
MARIA ELISA LADEIRA

EDIÇÃO DANIELA LEME DA FONSECA
VALÉRIA MACEDO

PESQUISA DANIELA LEME DA FONSECA
JÚLIA TRUJILLO MIRAS

ASSESSORIA LINGÜÍSTICA JONAS SANSÃO GAVIÃO

REVISÃO CAROLINA MESTRINER
JÚLIA DE SOUSA

COLABORAÇÃO ADRIANO GAVIÃO
ALBERTO HAPOHY KRAHÔ
DEMIAN NERY
ELISETE NOLETO
FABRÍCIO FERREIRA FERNANDES
GERCILÍA KRYTWYJY KRAHÔ
HELENA LADEIRA
IVAN PACCA
JOÃO MORITA
JONAS SANSÃO GAVIÃO
JULIANA NOLETO
NAIMAR TUHOC KRAHÔ
QUINQUIN KRAHÔ
REGINA POLLO MÜLLER

PROJETO GRÁFICO, EDITORAÇÃO E

PRODUÇÃO GRÁFICA (MIOLO E CAPA) FABIANARODRIGUES.COM/DESIGN-GRAFICO

ILUSTRAÇÃO (CAPA E GUARDAS) FRANCISCO FRANÇA

TRATAMENTO DE IMAGENS WAGNER FERNANDES (POTATO)

CENTRO DO TRABALHO INDIGENISTA (CTI)

SÃO PAULO R. EUCLIDES DE ANDRADE, 29
JD. VERA CRUZ
CEP: 05030-030
SÃO PAULO, SP
TEL: (11) 2935-7769

BRASÍLIA SCLN 210 BLOCO C,
SALA 217
BRASÍLIA, DF
CEP: 70862-530
TEL: (61) 3349-7769
FAX: (61) 3347-5559

SITE WWW.TRABALHOINDIGENISTA.ORG.BR

CONTATO CTI@TRABALHOINDIGENISTA.ORG.BR

©TODOS OS DIREITOS RESERVADOS 1ª EDIÇÃO: 2012
FICHA CATALOGRÁFICA LADEIRA, MARIA ELISA. TIMBIRA, NOSSAS COISAS E SABERES: COLEÇÕES DE MUSEUS E PRODUÇÃO DA VIDA. SÃO PAULO: CTI – CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA, 2012.
ISBN 978-85-60028-02-3
ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO: 1.CULTURA INDÍGENA 2. PATRIMÔNIO CULTURAL. 3 POVOS TIMBIRA. 4. ÍNDIOS BRASILEIROS: VIDA SOCIAL: COSTUMES: RITOS.

Este livro foi desenvolvido com as fontes Calibri e Minion Pro.

Capa: papel Duplex. Miolo: papel Chamois Fine Dunas.

Impressão e acabamento: Type Brasil, São Paulo-SP, Brasil.